

DO SILÊNCIO AO ENCONTRO

reuso adaptativo como requalificação
do
Largo Ferroviário de Araraquara



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO
ANA GABRIELA DA SILVEIRA FRITZ
DO SILÊNCIO AO ENCONTRO: REUSO ADAPTATIVO COMO REQUALIFICAÇÃO DO LARGO FERROVIÁRIO DE ARARAQUARA

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)

ALINE COELHO SANCHES
JOUBERT JOSÉ LANCHÁ (ORIENTADOR)
PAULO CÉSAR CASTRAL
LUCIANA BONGIOVANNI M. SCHENK

COORDENADOR DO GRUPO TEMÁTICO (GT)

GIVALDO LUIZ MEDEIROS

SÃO CARLOS, 2025

DO SILÊNCIO AO ENCONTRO: REUSO ADAPTATIVO COMO REQUALIFICAÇÃO DO LARGO FERROVIÁRIO DE ARARAQUARA

Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP - Campus São Carlos

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA:

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silveira Fritz, Ana Gabriela da
Do Silêncio ao Encontro: reuso adaptativo como
requalificação do Largo Ferroviário de Araraquara /
Ana Gabriela da Silveira Fritz. -- São Carlos, 2025.
136 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2025.

1. Patrimônio. 2. Complexo Cultural. 3. Reuso
Adaptativo. 4. Memória. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sigolo - CRB - 8/8229



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual-CC BY-NC-AS

Prof. Assoc. Joubert José Lancha

Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) - Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Givaldo Luiz Medeiros

Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) - Universidade de São Paulo (USP)

Bruno Salvador
Convidado Externo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Márcia e Cristian, pois foi graças a eles que eu fui capaz de chegar até aqui, sendo a minha maior base de apoio durante todo o período da graduação. Sem vocês eu não conseguiria.

Ao restante da minha família, que sempre me incentivou muito a ir em busca dos meus sonhos e me deu muito suporte e forças ao longo dessa fase.

Ao Luis Felipe, que durante toda essa etapa esteve ao meu lado, me oferecendo todo o amparo e todo o amor, principalmente nos momentos de maior dificuldade.

Aos meus amigos de curso, e de vida, que me mostraram o verdadeiro significado de companheirismo e amizade, e que estiveram diariamente vivenciando toda essa experiência incrível ao meu lado,

E aos meus professores e orientadores, que me instruíram ao longo desse processo e me guiaram para que este trabalho se tornasse possível.

MOTIVAÇÕES

Tive como motivação principal um incômodo antigo com os inúmeros espaços abandonados no contexto urbano da cidade em que eu cresci, Araraquara. Lugares que, apesar de silenciosos hoje, já tiveram grande relevância histórica e social. Sempre me chamou a atenção como essas arquiteturas, antes cheias de movimento e significado, foram sendo esquecidas ao longo do tempo, perdendo sua presença no imaginário coletivo da cidade. Motivou-me, assim, a vontade de retraduzir esses espaços para o presente, ressignificando suas pré-existências e revelando novos potenciais sem apagar sua memória. Busquei compreender como eles poderiam voltar a ser vividos, reconhecidos e valorizados, especialmente através de usos culturais capazes de atrair pessoas, promover convívio e reconstruir vínculos afetivos com o lugar. Dessa forma, este trabalho nasce do desejo de reativar áreas que hoje se encontram inertes, transformando-as novamente em pontos de encontro e pertencimento, onde o antigo e o novo dialogam para devolver vida à cidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve uma proposta de reuso adaptativo no Largo Ferroviário de Araraquara, área marcada por forte presença histórica, mas que ao longo dos anos sofreu processos de esvaziamento e abandono. Inserido nesse contexto, o antigo Hotel São Bento e as edificações comerciais adjacentes, também protagonistas na dinâmica urbana da cidade, hoje permanecem subutilizados, mas possuem um grande valor arquitetônico e simbólico. A intervenção parte, nesse sentido, do entendimento de que a preservação da memória urbana vai além da conservação física: ela implica reinterpretar os edifícios existentes, atribuir-lhes novos significados e reintegrá-los ao cotidiano da população. Assim, o projeto se fundamenta na relação entre pré-existência e contemporaneidade, buscando respeitar a identidade histórica desses elementos enquanto os adapta às demandas atuais. Propõe-se, portanto, a criação de um complexo cultural capaz de abrigar diferentes usos, com a intenção de reativar o Largo Ferroviário como um lugar de encontro, circulação e pertencimento, devolvendo à cidade um patrimônio que, recriado e ressignificado, volta a pulsar como parte viva de Araraquara.

Palavras-chave: Patrimônio; Memória; Requalificação; Complexo Cultural; Araraquara.

SUMÁRIO

- 01** Inquietações e território projetual
- 02** Araraquara: leituras do território
- 03** As intenções projetuais
- 04** O projeto
- 05** Referências bibliográficas

01 INQUIETAÇÕES E TERRITÓRIO PROJETUAL
breve introdução teórica

PREFÁCIO

O presente trabalho concentra-se em uma abordagem fortemente pautada no patrimônio material, em que o projeto está enraizado em pensamentos acerca de construções e intervenções presentes em um traçado histórico da cidade, e que encontram-se abandonados dentre desse espaço.

Nesse sentido, o que foi o ponto-chave e a grande potencialidade para se pensar a intervenção projetual a se explorar foi justamente a questão do abandono de edifícios históricos, que poderiam ganhar um novo uso e que culminaria em uma resignificação e um “renascimento” dos mesmos. Sempre me questionei do porquê que locais que carregam tantas memórias e existências, e que foram tão importantes para o passado da cidade, tornaram-se meras construções esquecidas e que geram um sentimento de desdém na população que por elas passam, estando tão degradadas, negligenciadas e sem vida.



As ruínas de Detroit - Ballroom, Lee Plaza Hotel (2005). Yves Marchand e Romain Meffre

PATRIMÔNIO E O REUSO ADAPTATIVO

Francesca Lanz, autora e professora de arquitetura, é uma das principais referências para o início da fundamentação teórica deste trabalho, aborda sobre como a questão do abandono é transformadora em si mesma, não sendo um status final e definido do edifício, mas uma esfera que cria condições para a exploração, com novas práticas de memória e patrimônio, e que é reveladora de significados culturais, dinâmicas, tensões e conflitos que estão presentes em tal edifício.

De acordo com um trecho do seu texto “O edifício como palimpsesto: patrimônio, memória e reuso adaptativo além da intervenção”:

“[...] a própria aparência e sensação de abandono, e a ‘atmosfera’ peculiar desses lugares de ruína, também têm o potencial de provocar respostas emocionais muito fortes naqueles que o encontram.” (EDENSOR, 2005, p. 16)



O Palimpsesto de Arquimedes. Fonte: National Geographic.

Nesse âmbito, é levado em consideração a questão do reuso adaptativo, conceito também trazido por Francesca Lanz e diversos outros autores e que diz respeito justamente à reutilização de edificações patrimoniais em desuso, mas como um processo de retradução e resignificação através da memória, da identidade, dos símbolos, em que há uma transformação da forma arquitetônica, mas que leva em conta o passado em relação ao presente. Lanz descreve:

“[...] reuso adaptativo como uma estrutura conceitual para pensar os processos de transformação do ambiente construído como um ato de reapropriação e resignificação, envolvendo a reutilização e revalorização de um lugar - e por extensão, suas associações, memórias e comportamentos - que estavam inativos ou adormecidos.” (LANZ; PENDLEBURY, 2022, p. 457)

O reuso adaptativo teria então uma abordagem mais crítica, e eticamente responsável e consciente, no que diz respeito à reutilização e resignificação desses edifícios históricos, análise que Beatriz Mugayar Kühl, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU-USP) também traz ao longo de seu texto, “Ética na preservação no século XXI”. De acordo com ela, a preservação de construções históricas deve ser dada por três âmbitos: cultural, que envolve os aspectos simbólicos e memoriais; científico, que diz respeito aos conhecimentos dos vários campos da educação; e ético, que



Imagens do Asilo San Girolamo, Volterra, Itália - Caso de estudo de Francesca Lanz. Fonte: Atlas Obscura.

compreende as questões relacionadas à consciência histórica e que leva em consideração as relações entre passado, presente e futuro.

Assim, Kühl considera a preservação e o restauro de edifícios patrimoniais como um ato ético-cultural, que possui uma metodologia, princípios teóricos e procedimentos técnicos que são próprios deles, e que resultarão em uma reflexão sobre o porquê de se preservar e transformar esses ambientes. Nesse sentido, a conservação e restauração de patrimônios materiais seria um processo multidisciplinar, teórico e metodológico, e não meramente um projeto arquitetônico, que leva em consideração apenas o livre-arbítrio de quem o realiza sem nenhum fundamento.

Ao longo de seu livro “Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: problemas teóricos de restauro”, Beatriz aborda inúmeras vezes sobre essa questão, explicitando que:

“[...] restaurar não é voltar ao estado original, nem a um estágio anterior qualquer da história do monumento, nem refazer imitando estilos do passado, percepção oitocentista que infelizmente ainda marca a postura de muitos arquitetos sobre o assunto; o restauro não é mera operação técnica sobre a obra - deve ser necessariamente um ato crítico antes de se tornar operacional; projeto e criatividade fazem parte do restauro.” (KÜHL, 2008, p. 32)

Outra questão que também é abordada por Kühl de grande relevância é a necessidade de se pensar a restauração de edificações patrimoniais através de uma relação dialética entre a instância histórica e a estética, ou seja, é necessário que seja levado em conta a relação tempo-matéria nesses edifícios, em que não se pode desconsiderar as incidências do tempo e do espaço sobre a materialidade da obra. No entanto, devido ao sistema capitalista, que norteia o mundo de hoje, tem sido muito recorrente a negação da história das cidades, em meio à ideia de um falso progresso que tem recusado o passado e os seus patrimônios, principalmente os materiais e edificados, com vistas a atender ao capital e especialmente ao mercado imobiliário.

A forte influência do capital econômico, extremamente ligado ao setor de imóveis, tem cada vez mais voltado seus olhos para áreas históricas, em um processo de construção de diversos edifícios novos, muitas vezes sobre outros pré-existentes, e que têm desencadeado um processo de gentrificação e colocado em risco a salvaguarda de inúmeros bens históricos. O texto “Devir da fábrica: patrimônio industrial em disputa na zona leste de São Paulo” de Clarissa Maria Gagliardi e Mônica de Carvalho aborda bastante sobre esta questão, em que as autoras citam que:

“[...] Confrontam-se aí duas temporalidades, o tempo rápido dos interesses do mercado imobiliário e o tempo lento e a seletividade dos tombamentos por parte das instituições públicas, além do pouco alcance dos instrumentos de regulação e uso do solo urbano na preservação cultural.” (GAGLIARDI; CARVALHO, 2020, p.16)



Estação Ferroviária de Santos. Foto adaptada de Beatriz Mugayar Kühl, 2004.

Além disso, tem sido presente o que Solà-Morales denomina de “museificação da arquitetura”, em que edifícios históricos, ruínas e monumentos têm migrado cada vez mais para o mercado de valores, servindo ao sistema de consumo. Isso levou a uma valorização de patrimônios históricos num fenômeno que Morales denomina de “populismo da cultura”, em um uso fetichista das edificações ou da requalificação delas a partir de perspectivas de atração de investimentos, que privilegiam usos que não cumprem uma função social. De acordo com ele:

“No processo de substituição da realidade pelas suas imagens e modo de ver, os monumentos e os lugares tendem igualmente a dissolver-se num imaginário que já não é controlável, nem a partir da autoridade da ciência e do conhecimento especializado, nem a partir do poder regulador do museu da instituição. O que podemos chamar o efeito parque temático sobre a recepção do patrimônio arquitetônico é, precisamente, a mais imediata consequência desta nova situação cultural.” (SOLÀ-MORALES, 2002)

Assim, tem se tornado muito comum a conservação de construções históricas, mas puramente com vistas ao interesse do consumo, em que não há uma preocupação em manter vivas as memórias, vivências, identidades, e sim em atender ao capital.

“Distintas formas de encarar os monumentos históricos devem coexistir. Os bens culturais não podem e não devem ser tratados como se fossem alienados da realidade em toda a sua complexidade, incluindo-se nisso aspectos socioeconômicos e políticos. São fatores que têm relevante papel, mas é necessário ter em mente, porém, que o movente, aquilo que motiva a preservação dos monumentos históricos, não é o seu valor imobiliário, nem seu possível aproveitamento para um futuro uso qualquer.

A preservação é motivada pelo fato de nesses bens ser reconhecido um significado cultural - seu valor histórico, artístico, memorial ou simbólico - tornando-os dignos de medidas para ser tutelados para as próximas gerações, para que continuem a ser documentos fidedignos e efetivos suportes do conhecimento e da memória coletiva. Portanto, deveriam ser essas as razões prevalentes para guiar o projeto de restauração.” (KÜHL, 2008, p. 58)

É perceptível como a memória é extremamente importante no contexto da preservação e ressignificação dos edifícios históricos, e o entendimento de como ela se relaciona com as experiências, lembranças e vivências permite reflexões que justificam a sua restauração, uma vez que não faria sentido preservar algo do passado que é desprovido de um significado no presente. Assim, é justamente a memória e a história que resguardam os símbolos que dão sentido a um povo e às tradições, sendo necessário então compreendê-las no contexto do local, bem como as relações sociais nele produzidas, justificando a reapropriação do edifício para outro uso, não apenas para satisfazer as necessidades, como para possibilitar as lembranças e experiências vividas (BERNARDI; HIRAO, 2011, p.139).

Em uma sociedade contemporânea que só tem vistas ao capital e ao consumo, é muito significativo que se leve em consideração essa questão da memória urbana e das experiências que a sociedade construiu em um determinado espaço ao longo de um tempo passado, colocando em evidência os traços desse local, que na interpretação de Jon Anderson, mencionado no texto “O edifício como palimpsesto: patrimônio, memória e reuso adaptativo além da intervenção”, de Francesca Lanz, seriam as marcas, os resíduos ou remanescentes deixados

e que perduram no tempo, sendo um vínculo entre o passado e o presente, e que é constantemente produzido.

Esse cenário de restauro e conservação do patrimônio e os caminhos que os levam a atingir os seus objetivos, por sua vez, não são unívocos, havendo diversas vertentes, e cujo este trabalho se atentará mais à crítico-conservativa, em que a restauração é entendida como uma articulação entre os procedimentos de conservação e o projeto arquitetônico de restauro, que pode comportar mudanças de uso, ou seja, há um grande respeito pelo documento histórico, mas se admite que nem tudo numa mesma obra deva ser preservado ou visível imediatamente ou ao mesmo tempo, preconizando-se limitadas remoções em casos pontuais, e propondo, quando necessário, uma reintegração da imagem. Assim, o restauro, como um ato crítico, dispõe de instâncias estéticas e históricas e intervém respeitando os elementos que caracterizam o edifício, com vistas a valorizá-lo e transmiti-lo ao futuro da melhor maneira possível. É, segundo Paul Philippot e Brandi, como uma “hipótese crítica”, que possui um ato de respeito pelo passado, feito no presente, que mantém sempre o futuro no horizonte de suas reflexões.



Estação da Luz em São Paulo, após intervenção. Foto adaptada de Beatriz Mugayar Kühl, 2004.

Nesse âmbito, reconhece-se então a importância da relação entre a restauração de edificações patrimoniais e toda a sua dimensão histórica e memorial, como já mencionado diversas vezes, mas também há o reconhecimento de que, ao se tratar do restauro, algumas mudanças inevitavelmente estarão presentes, ainda que mínimas, e que de certa forma também serão muito importantes do ponto de vista da reocupação, manutenção e preservação do edifício, não somente no quesito memorial mas também material, tendo sempre como maior premissa, logicamente, questões do documento histórico, da multidisciplinaridade, de dimensões histórica, estética, e dos diversos campos do conhecimento, como a sociologia, antropologia, geografia, a arquitetura, etc.

Reconhece-se, assim, a importância de restaurar esses edifícios em situação de abandono para que eles possam ser ressignificados e reavivados dentro de um contexto urbano, a fim de que a sua memória perpetue, levando em conta as considerações já constantemente citadas, mas também usos e ocupações que possam gerar dentro da sociedade um sentimento de pertencimento, em que ao mesmo tempo que elas reconheçam a dimensão histórica e o passado do edifício, se sintam pertencentes àquele ambiente, criando novas memórias, experiências, vivências e lembranças. Ou seja, esses espaços deixam de ser meramente monumentos históricos para serem apenas contemplados, e tornam-se ambientes de apropriação e identidade por parte da população, fazendo parte de uma vida urbana.

Além disso, considera-se que, apesar de o uso ter sua importância para a ressignificação do espaço, dando a ele um novo sentido e garantindo uma manutenção e preservação, isso não deve ser o seu principal fim, mas um dos meios para que ele possa ser reavivado. É preciso se ater também à questão do entorno dessa edificação dentro de um contexto urbano, para que ele também possa ser impactado e ressignificado, a fim de que o problema do abandono não seja tratado apenas de modo pontual, mas de forma abrangente, dentro de uma escala urbana. De acordo com o texto “Devir da fábrica: patrimônio industrial em disputa na zona leste de São Paulo”:

“Dessa forma, os tipos de usos e de agentes a se envolverem nos processos de requalificação e a correlação de forças entre eles dependerá dos atributos da localidade onde ocorre e da mediação da cultura local, entendida como os diferentes níveis de participação dos grupos sociais envolvidos, das heranças históricas e das práticas políticas peculiares de cada localidade.” (GAGLIARDI; CARVALHO, 2020, p. 13)



Moinho Matarazzo, São Paulo. Foto: Clarissa M.R. Gagliardi, 2019. Retirado de “Devir da Fábrica: Patrimônio industrial em disputa na zona leste de São Paulo.”

Em suma, tem-se em vista então a ressignificação de espaços históricos a fim de que as pessoas possam se sentir pertencentes a ambientes que por muito tempo estiveram apagados e esquecidos, mas que tem uma grande potencialidade de se tornarem vivos novamente dentro do contexto urbano, e ter o seu vínculo com a comunidade restabelecido, a partir de importantes dimensões de sua história, memória, estética, cultura, de seus traços, reconhecendo assim as possíveis intervenções como um ato de responsabilidade, mas que torne possível a manutenção e recuperação destes edifícios que carregam consigo os vários tempos, para que eles possam se transformar em novos protagonistas urbanos e garantir uma vitalidade dentro do contexto da cidade, admitindo, como aborda Francesca Lanz, essas edificações como um palimpsesto, que reconhece a sua natureza cumulativa e heterogeneidade dos vestígios, com a reutilização e a preservação arquitetônicas que se entrelaçam com questões de memorialização, representação e comunicação.



Centro de Visitantes do Castelo de Pombal, COMOCO - Exemplo de reuso adaptativo. Fonte: Archdaily.



Abandono



Memória



Pertencimento

"Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João
Quando eu te encarei de frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi
De mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E a mente apavora o que ainda não é mesmo velho"
Sampa - Caetano Veloso



Cultura



Potencialidade



Convívio/Comunidade

A produção do Atlas foi de extrema importância para reconhecer as minhas inquietações e intenções, tendo sido uma grande ferramenta para alcançar o território projetual do meu trabalho e chegar à proposição inicial do projeto.

A partir então de questões como pertencimento, memória e abandono, pude reconhecer as potencialidades e pretensões da minha proposta, pautadas no âmbito do patrimônio histórico e do reuso adaptativo tendo como premissa a noção de convívio e comunidade, as atividades culturais, sem deixar de lado as questões da memória do local.

02 ARARAQUARA: LEITURAS DO TERRITÓRIO

o contexto urbano

A CIDADE

A escolha da cidade de Araraquara se deu justamente por questões de vivências e memórias. Foi o local onde eu morei desde os três meses de idade até os 20 anos, sendo minha grande referência de origem.

A “morada do Sol”, como é popularmente conhecida, se desenvolveu primeiramente na região do chamado Bairro São Bento, tendo como grande base a economia cafeeira e também de laranja, e que fez com que a cidade se expandisse ao longo do século XX. Houve a significativa presença da ferrovia, que também é um grande símbolo de Araraquara e que ainda hoje é marcante na paisagem, especialmente no bairro histórico da cidade, sendo uma região que sempre me gerou muita inquietação devido à grande presença de edificações antigas em mau estado de preservação.

Fonte: Elaborado pela autora

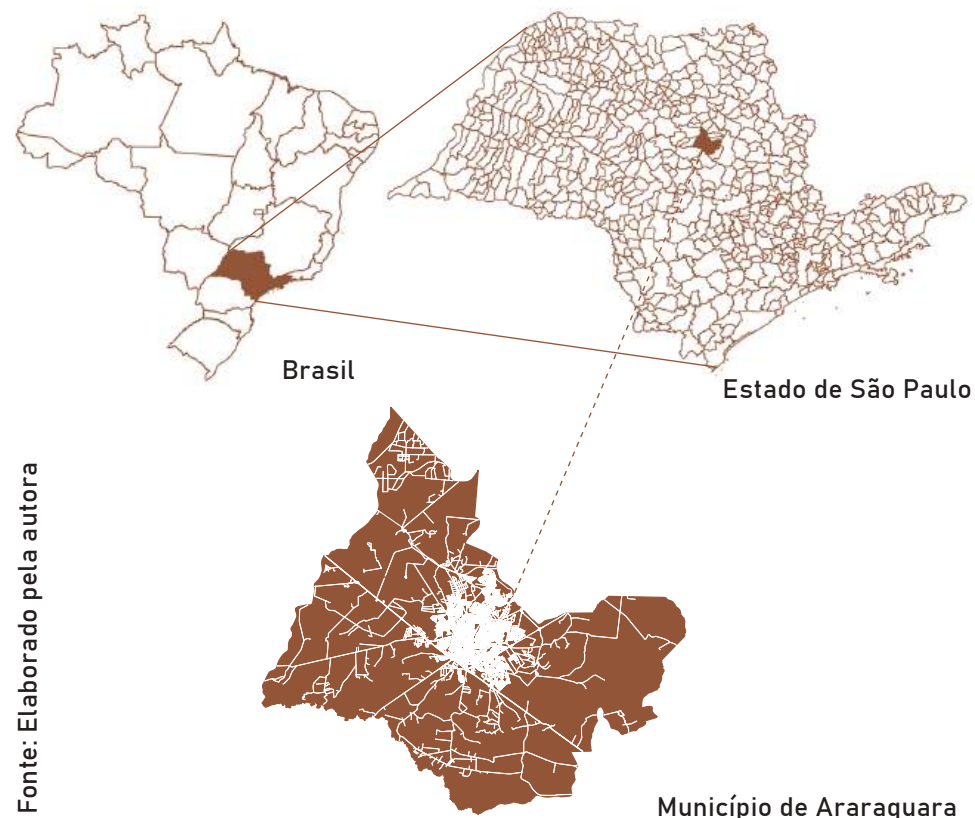


Foto aérea de Araraquara-SP. Fonte: cidadeseinfotos.blogspot.com.

1790

Fundação do vilarejo de Araraquara por Pedro José Neto

1805

Construção do Templo de Fé, atual Basílica de São Bento, marco zero da cidade

1885

Chegada da Estrada de Ferro à cidade

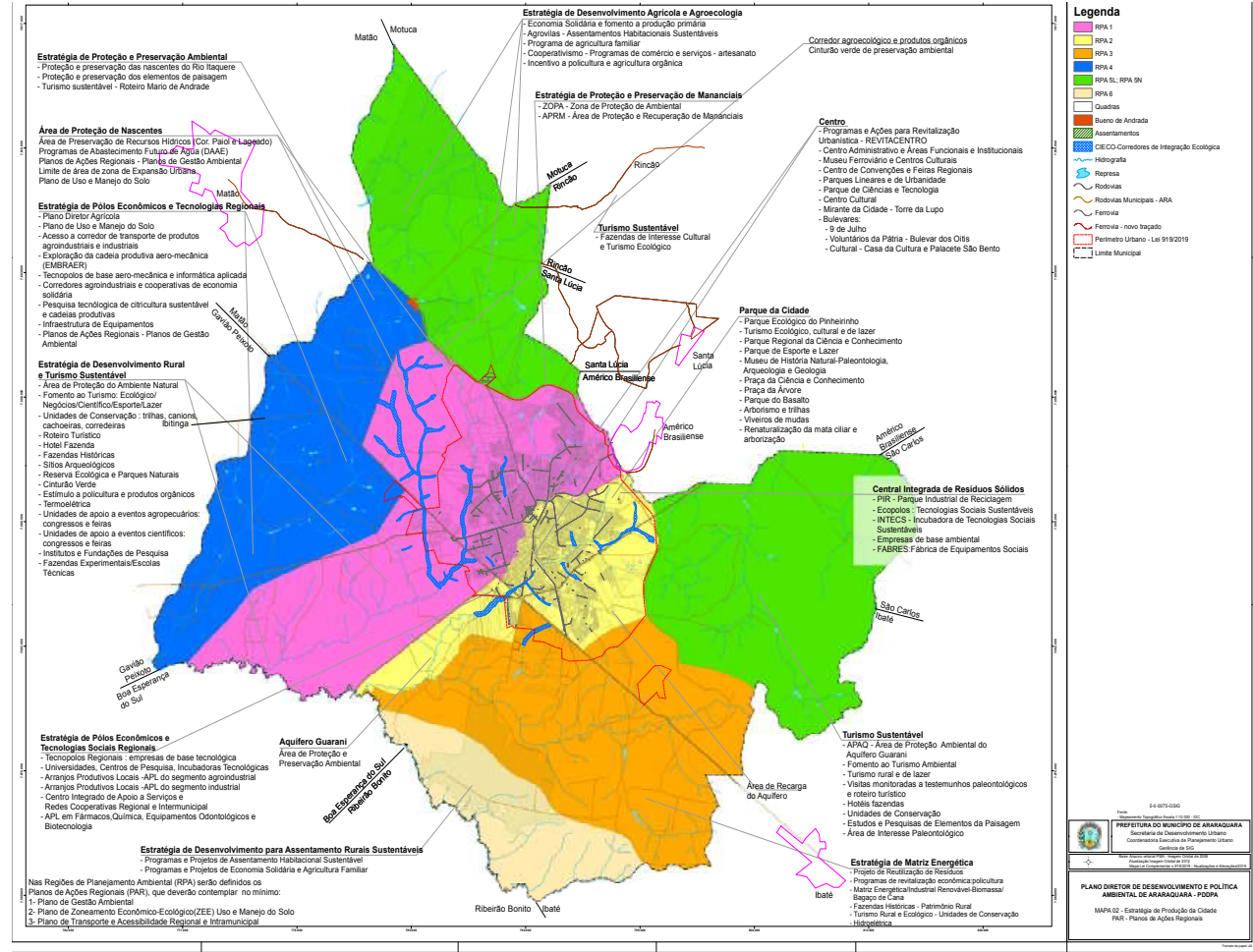
1889

Araraquara é elevada à categoria de cidade

2025

De acordo com estimativas do IBGE, Araraquara conta hoje com 252.318 habitantes.

PLANO DIRETOR



Mapa de Estratégias de Produção da Cidade de Araraquara. Fonte: Luiz A. Falcoski (Secretaria Municipal de Desenvolvimento).

A partir de leituras e levantamentos do território, um importante material de análise da cidade foi o Plano Diretor do Município, em especial apoiado em conteúdos enviados pelo professor e arquiteto Luiz Antônio Falcoski, ex-secretário do Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Araraquara.

Essa pesquisa e o estudo do município foi de suma importância para o reconhecimento da localidade escolhida, como meio de compreender pontos estratégicos para o desenvolvimento do projeto a partir de questões voltadas ao patrimônio e à cultura.

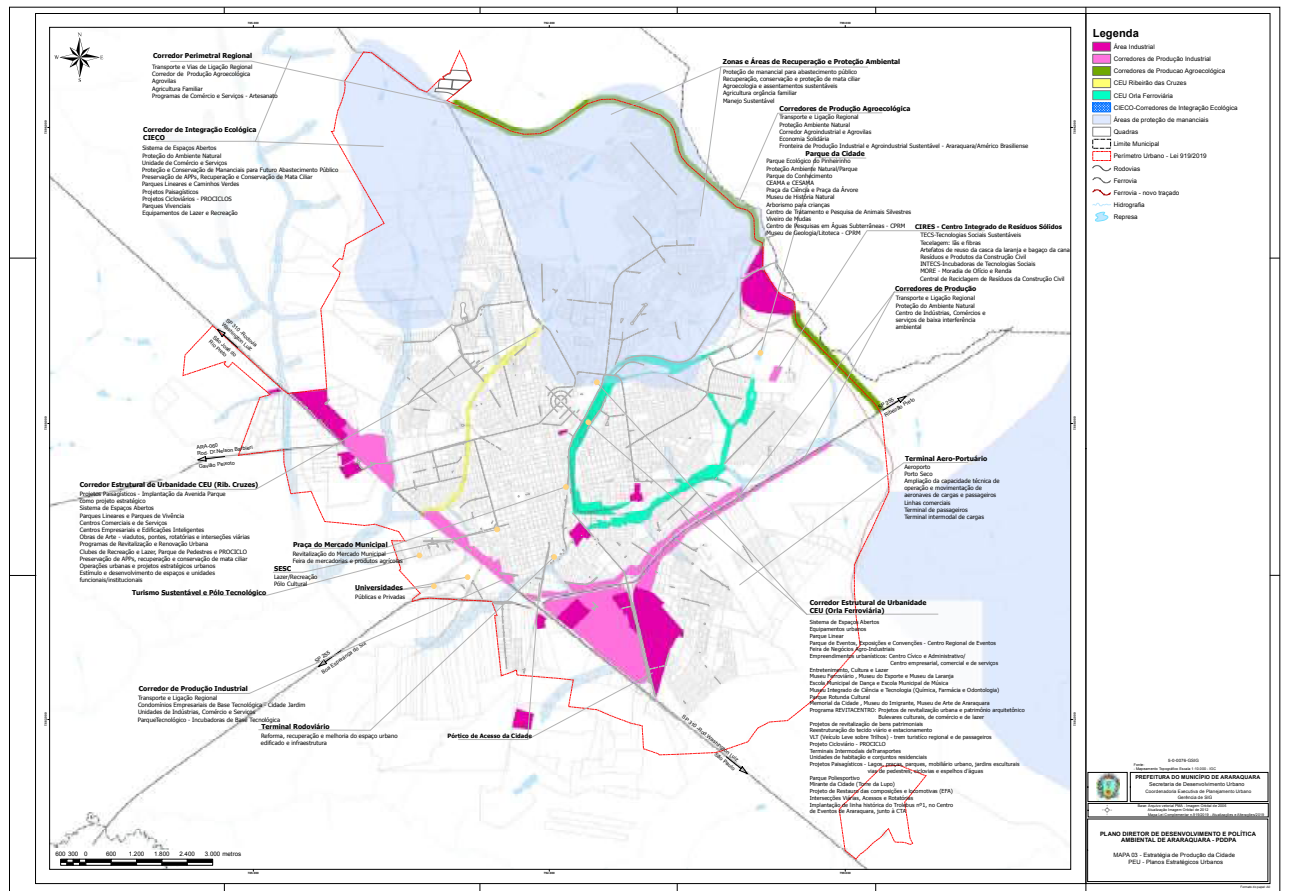
Foram analisados, assim, mapas como das Estratégias de Produção da Cidade, dos Corredores Estruturais de Urbanidade e das Estratégias de Qualificação da Paisagem e Zoneamento Ambiental, além de materiais do Programa Revitacetro, voltado ao âmbito cultural e de revitalização de espaços urbanos.

Diante do Mapa de Corredores Estruturais de Urbanidade (CEUs), identificou-se assim um importante

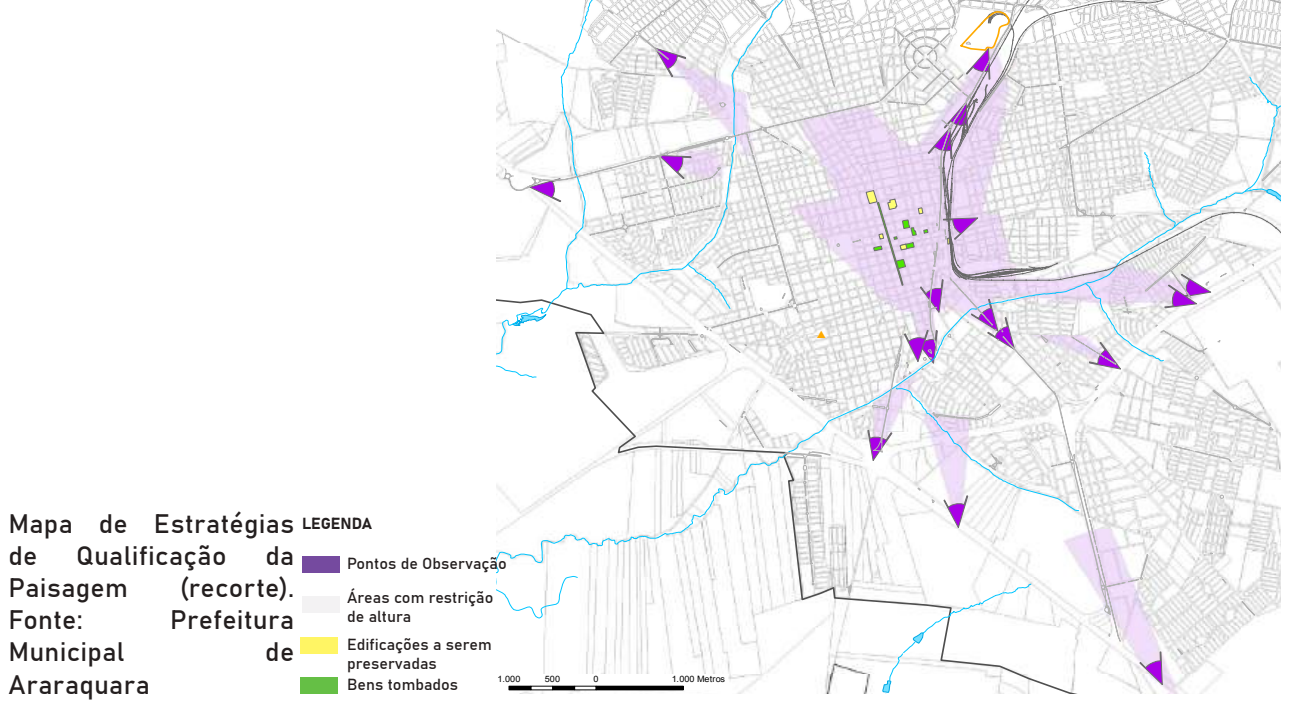
elemento do Plano Diretor de Araraquara: o CEU da Orla Ferroviária, também denominado de Parque dos Trilhos, em que destacaram-se, para este trabalho, os seguintes projetos estratégicos:

- Equipamentos Urbanos;
- Entretenimento, Cultura e Lazer;
- Escola Municipal de Dança e Escola Municipal de Música;
- Programa REVITACETRO;
- Projetos de revitalização urbana e patrimônio;
- Projetos de revitalização de bens patrimoniais.

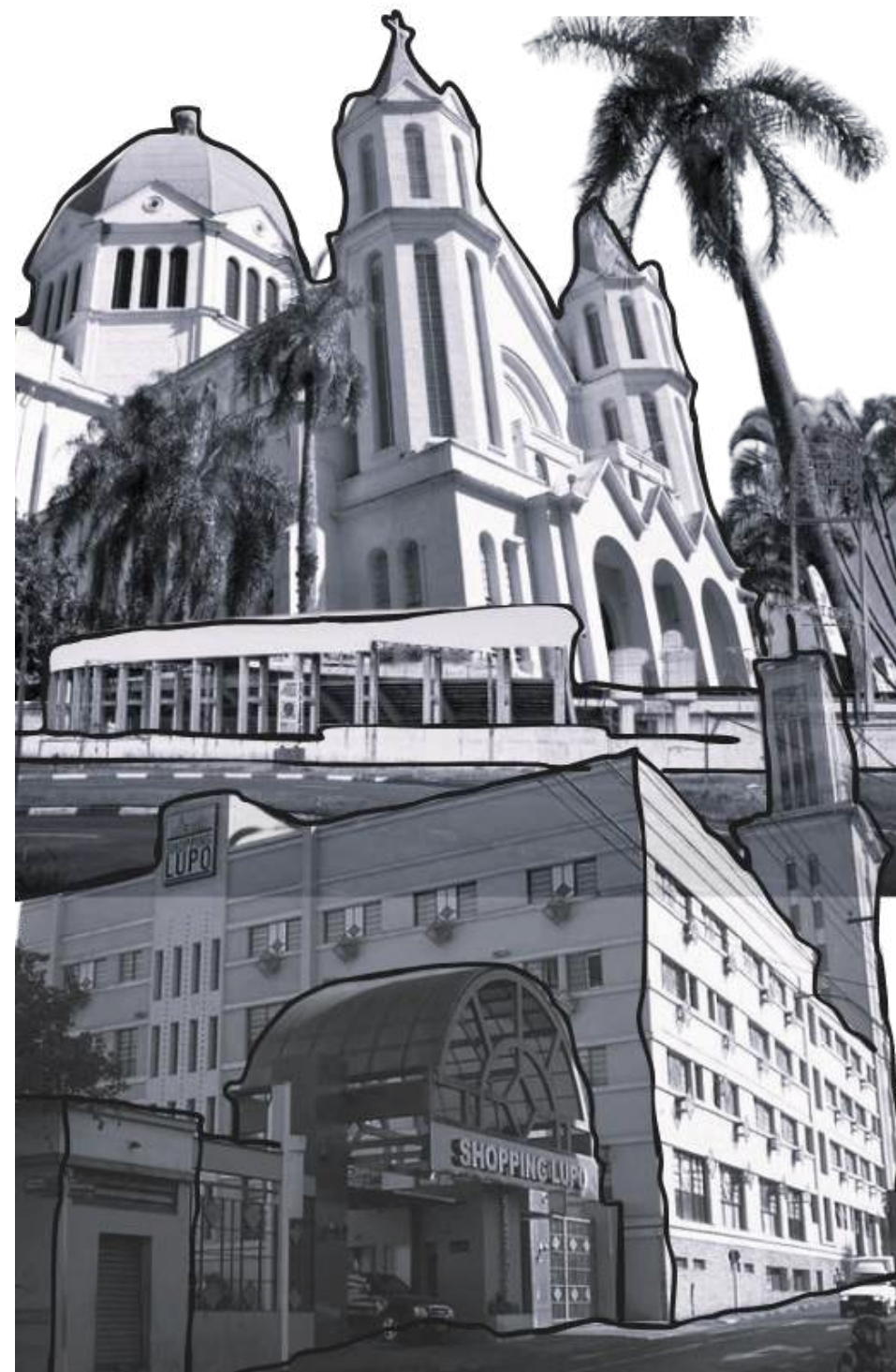
Atentou-se, ainda, ao Programa REVITACETRO, coordenado por Falcoski, com o objetivo de melhorias em áreas centrais, a partir da valorização da qualidade de segurança ao municípe, e ambiental, na revitalização sustentada do espaço público urbano e na requalificação de áreas degradadas ou em processo de deterioração, através da melhoria dos indicadores ambientais, de segurança viária e ações e projetos que contribuam para a consolidação da multifuncionalidade dos espaços e para uma consequente valorização de estruturas a serem inseridas ou mantidas na malha urbana, agregada a sinalização e segurança. Nesse projeto, destacaram-se justificativas como:



Mapa de Corredores Estruturais de Urbanidade. Fonte: Prefeitura Municipal de Araraquara

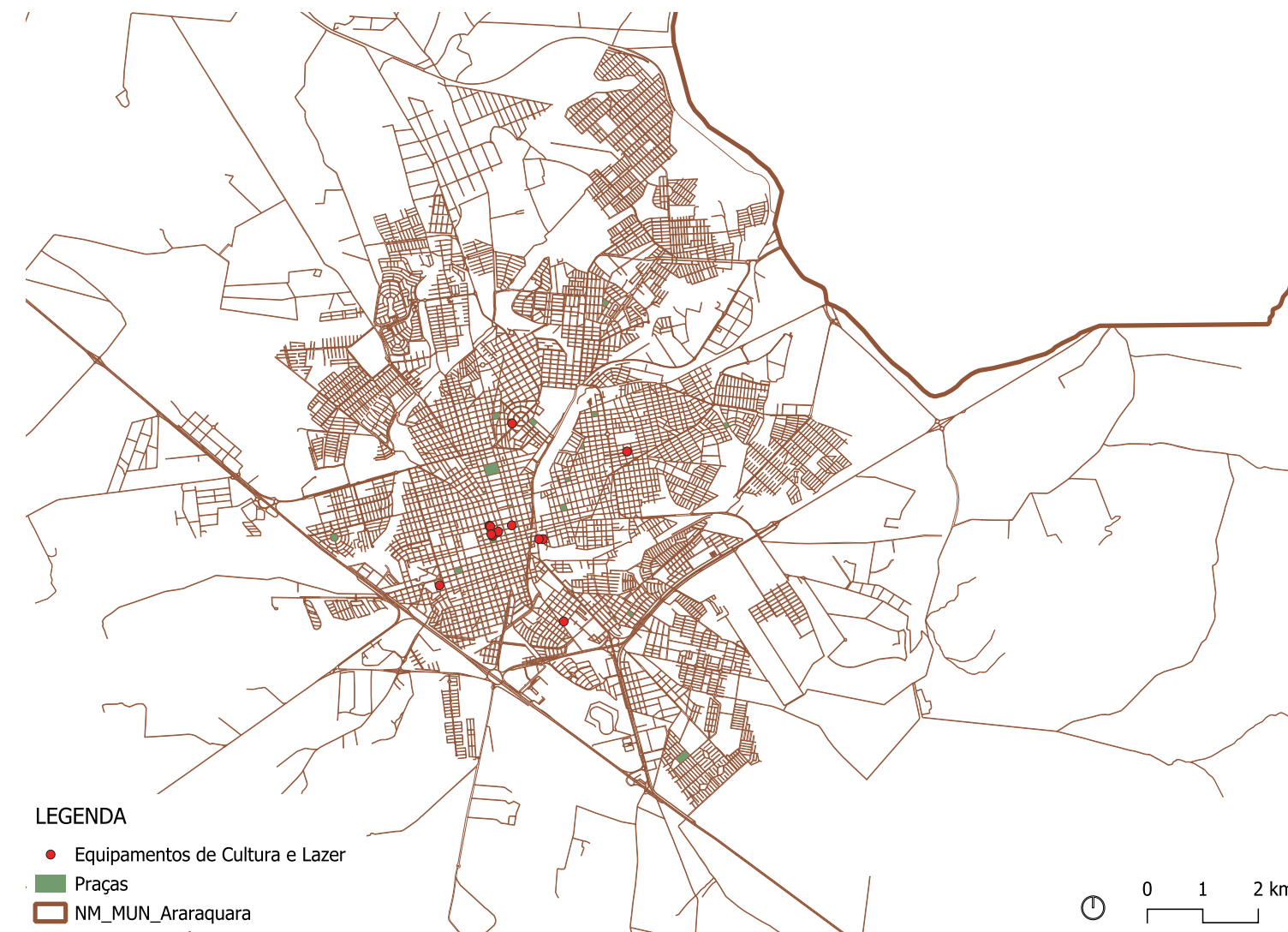


Mapa de Estratégias de Qualificação da Paisagem (recorte). Fonte: Prefeitura Municipal de Araraquara



- Promoções de atrações artísticas-culturais e eventos cívicos;
- Respeito ao contexto e ao patrimônio histórico;
- Restauração de edifícios públicos e orientação a proprietários para restaurar e conservar prédios particulares;
- Revitalização da Estação Ferroviária.

Além disso, através do Mapa de Estratégias de Qualificação da Paisagem e Zoneamento Ambiental e do artigo “Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Araraquara: instrumentos urbanísticos inovadores e agenda para uma cidade sustentável”, de Luiz Antônio Falcoski, notou-se os Pontos de Percepção Visual (POV), polígonos visuais de restrições urbanísticas e de edificabilidade do solo para preservação de identidades simbólicas, procedimento que visa preservar a percepção dos elementos e objetos urbanos de identidades coletivas na paisagem da cidade, definindo pontos atratores constituídos de unidades de conservação cultural, eixos de grande acessibilidade e espaços de grande densidade de usuários e equipamentos urbanos, assim como corredores, pólos de centralidade e geradores de tráfego, em que destacam-se: o Centro de Eventos, a Cúpula da Matriz de São Bento e a Torre da Lupo.



Mapa de equipamentos de cultura e lazer em Araraquara. Fonte: elaborado pela autora

Ainda, além das leituras e análises mencionadas, foi feito um levantamento a respeito dos Equipamentos de Cultura e Lazer da cidade de Araraquara, baseado em dados da Prefeitura do município. Assim, foram identificados 12 espaços culturais: o Sesc Araraquara, o Teatro de Arena, o Teatro Municipal, a Casa da Cultura Luiz Antônio Martinez Corrêa, o Centro de Artes e Ofícios Judith Lauand, o Espaço Cultural Paulo Mascia, as Bibliotecas Municipais Mário de Andrade e Infante-Juvenil Monteiro Lobato, a Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, o Museu Ferroviário, o Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria e o Museu de Arqueologia e Paleontologia.

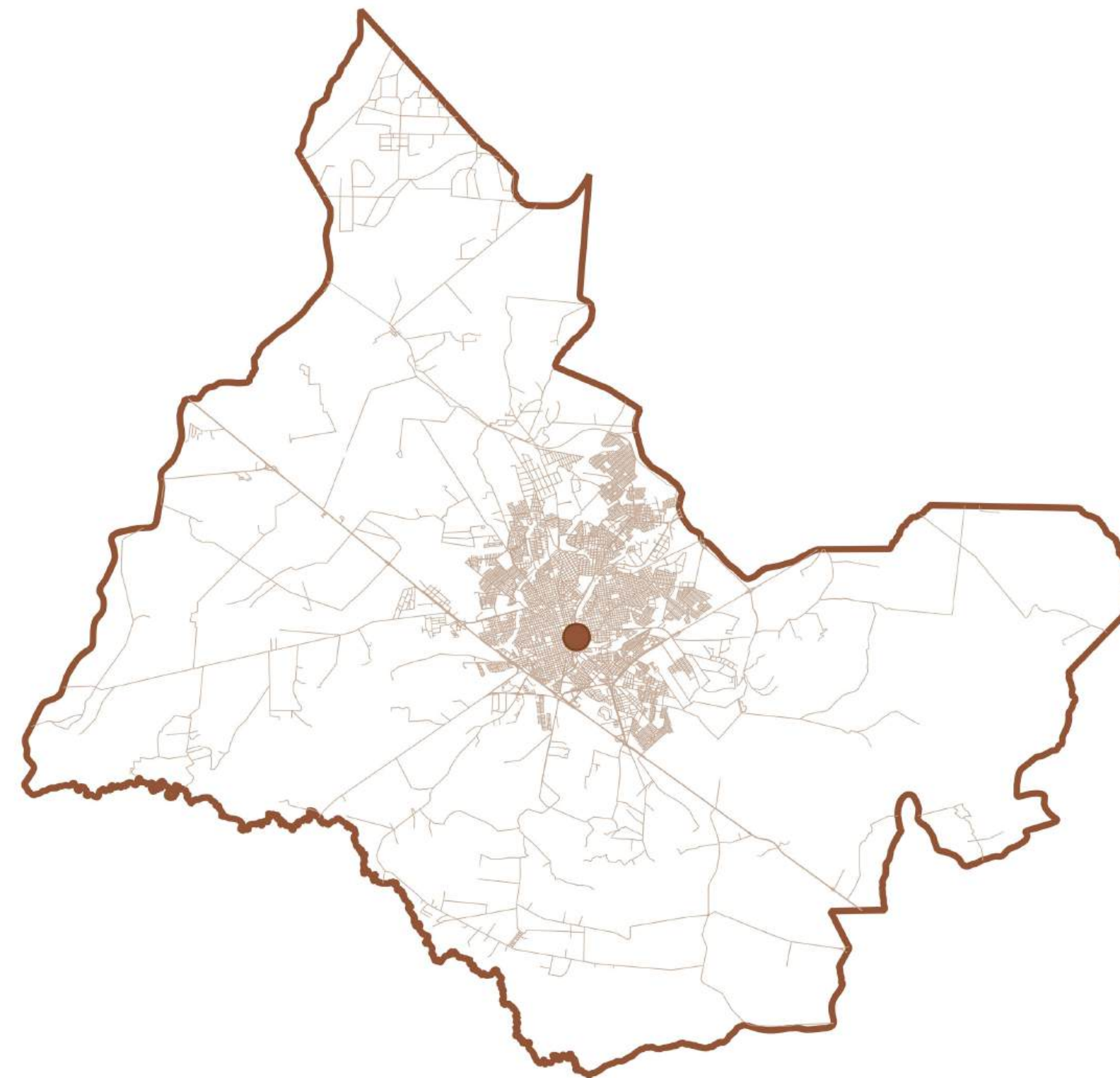
Todos esses dados foram de suma importância para a escolha do recorte da área de intervenção, que é justificada através de todos esses levantamentos, mas também de alguns outros fatores decisivos.

RECORTE DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Diante de todas essas análises, e das minhas inquietações abordadas na primeira parte deste trabalho em relação ao abandono e ressignificação de edificações históricas, foi então escolhido como recorte da área de intervenção do projeto o Largo Ferroviário de Araraquara, contemplando o antigo Hotel São Bento e as edificações comerciais históricas adjacentes.

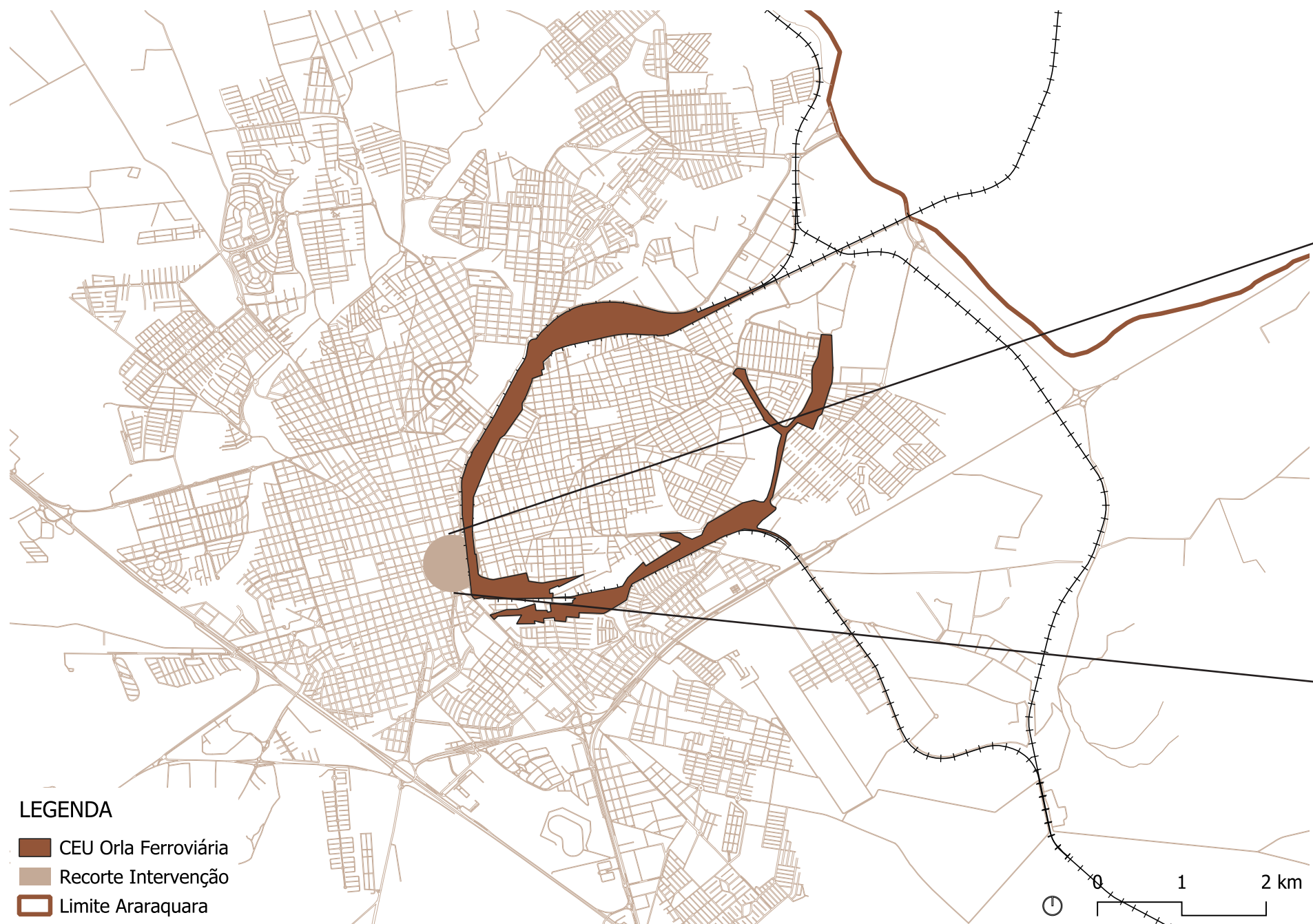
Essa região localiza-se justamente no bairro histórico do município, logo à frente da Estação Ferroviária, local que sempre foi parte de inúmeros dos meus trajetos ao longo da minha vivência na cidade. A discrepância existente entre a Estação, tão preservada, palco de feiras, eventos, exposições, etc, ou seja, um patrimônio histórico que até os dias de hoje ainda é fortemente usado, e o Hotel e as outras edificações históricas num estado de abandono e preservação quase inexistente, foi algo que correntemente me causou bastante incômodo. Sempre me perguntei o porquê de essas edificações, que possuíram um papel tão relevante no contexto histórico da cidade, tornaram-se tão menosprezados pela população, perdendo a sua presença dentro do contexto urbano.

É uma região que eu sempre enxerguei com um forte potencial para tornar-se (ou retornar a ser) um local vivo, em que as pessoas pudessem se identificar, criar experiências e lembranças. Nesse sentido, algo que poderia ser fortemente explorado também é essa área já se localizar numa região bastante utilizada pelos habitantes, seja por conta do Terminal Central de Integração da cidade, pelos comércios próximos presentes no centro, até mesmo pela própria Estação Ferroviária. Além do mais, trata-se de uma região que está inserida no Corredor Estrutural de Urbanidade da Orla Ferroviária, com diversos planos estratégicos de caráter cultural e patrimonial, e ainda, pertence a uma área importante dentro dos já mencionados POV's, os Pontos de Percepção Visual, mais especificamente à Basílica de São Bento.



Mapa do recorte de intervenção dentro do município Araraquara. Fonte: elaborado pela autora

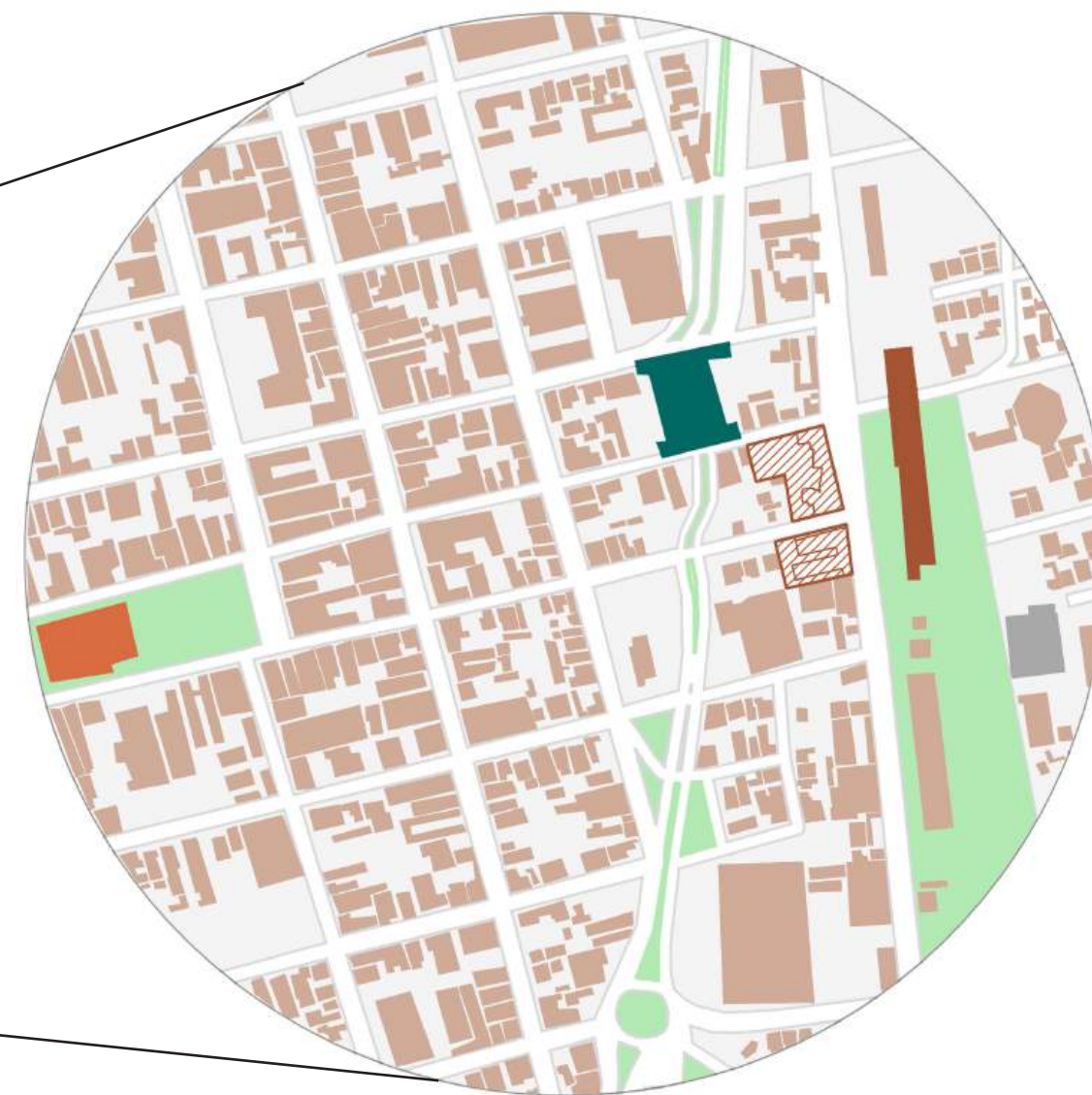
Mapa do recorte de intervenção dentro do CEU da Orla Ferroviária. Fonte: elaborado pela autora



LEGENDA

- CEU Orla Ferroviária
- Recorte Intervenção
- Limite Araraquara

A ÁREA DE INTERVENÇÃO



- Área de intervenção
- Basilica de São Bento
- Estação Ferroviária
- Terminal Central de Integração
- Escola Municipal de Dança

Mapa do recorte de intervenção. Fonte: elaborado pela autora



□ Vazios
■ Cheios

MAPA DE CHEIOS E VAZIOS

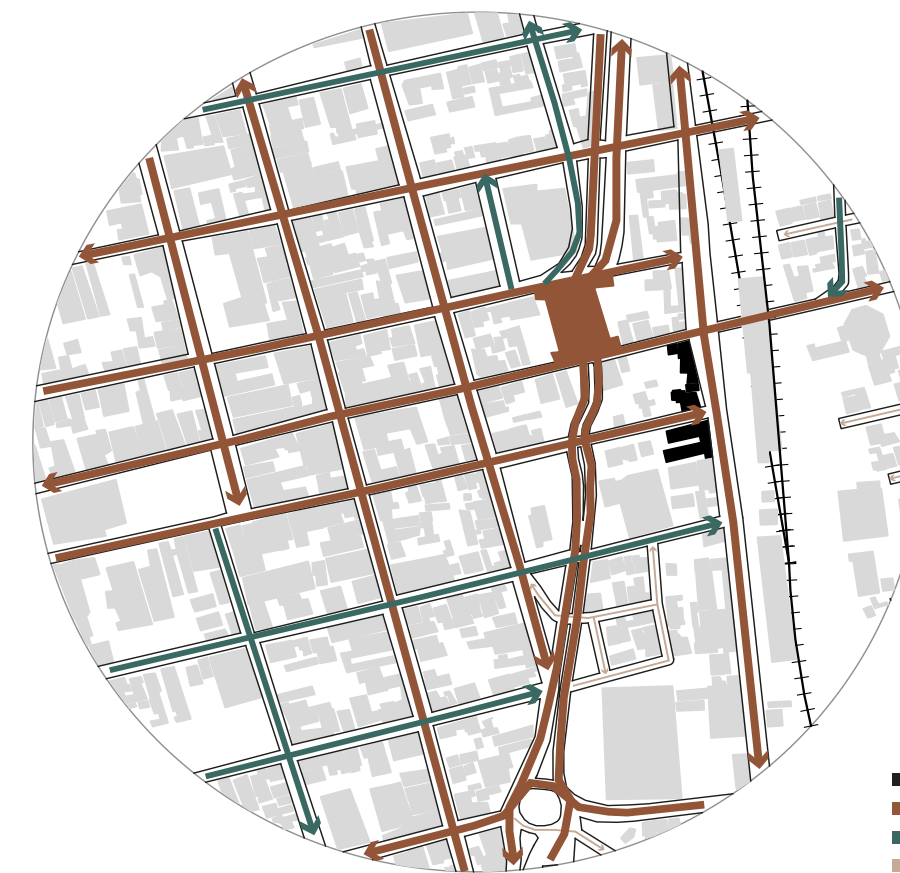
A elaboração dos mapas acima foi fundamental para compreender as dinâmicas urbanas e espaciais da área de intervenção, possibilitando uma análise mais profunda e embasada do território. Através do mapa de cheios e vazios, foi possível identificar a densidade construtiva e os espaços desocupados ou subutilizados, sendo importante para pensar em uma requalificação de espaços ociosos ou áreas em desuso, promovendo assim uma ocupação mais equilibrada e integrada. O mapa de uso do solo permitiu um maior entendimento de como os usos estão distribuídos, e quais zonas carecem de certos serviços ou equipamentos, essencial para garantir que as novas intervenções estejam



■ Área de Intervenção
■ Uso Residencial
■ Uso Institucional
■ Uso Comercial
■ Uso Misto
■ Uso Industrial

MAPA DE USO DO SOLO

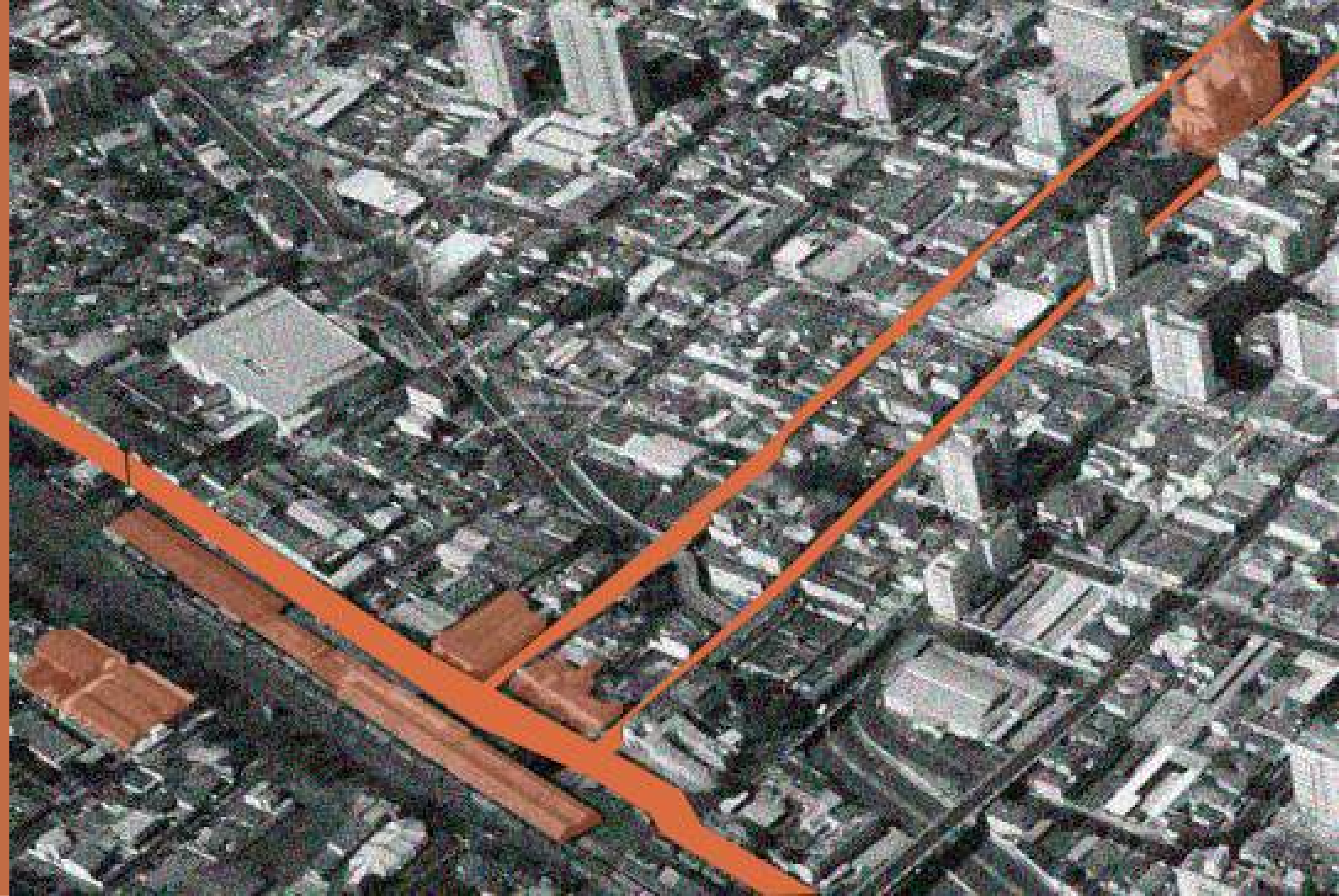
em consonância com o entorno e contribuam para uma diversidade urbana. Por fim, o mapa de fluxos possibilitou revelar os percursos mais utilizados pela população no geral, evidenciando as conexões, as barreiras e os pontos de maior concentração de movimento, sendo crucial para propor uma integração eficaz entre a área de intervenção e o restante da cidade. Nesse sentido, os três mapas oferecem uma base sólida de análise territorial, possibilitando uma leitura crítica e sensível do lugar, indispensável para propor um projeto que respeite a memória, as dinâmicas e as necessidades reais da população local.



■ Área de Intervenção
■ Fluxo intenso
■ Fluxo médio
■ Fluxo baixo

MAPA DE FLUXOS

Fonte: elaborados pela autora



Fonte: adaptado pela autora pela foto de Hangar Ultraleves Imagens Aéreas

VISITA DE CAMPO



Imagem: própria da autora



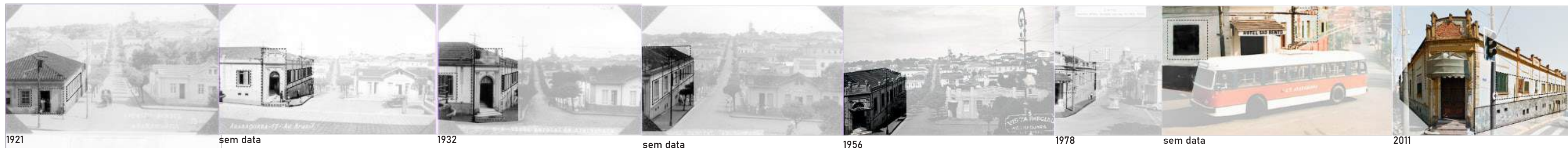
Imagem: própria da autora





Imagens: próprias da autora

ANÁLISES HISTÓRICAS



Fontes: Carolina Marangoni; Google Maps; próprias da autora

FOTOGRAMETRIA

A fotogrametria é uma ferramenta essencial no processo de levantamento e análise arquitetônica, especialmente em contextos que envolvem a preservação, a documentação e o reuso de edificações existentes. A partir dela, é possível obter modelos tridimensionais precisos e detalhados do espaço construído, o que contribui significativamente para o embasamento técnico e conceitual do projeto. No que diz respeito a este trabalho, que propõe o reuso adaptativo de edifícios em estado de abandono, a fotogrametria foi de grande auxílio, possibilitando um registro fiel das características morfológicas, das dimensões e dos detalhes das edificações existentes, o que é de suma importância não só para um levantamento do estado atual delas, mas também para a proposição de intervenções mais respeitosas e adequadas.

Assim, a fotogrametria contribui tanto para uma investigação do edifício de grande precisão, quanto para uma maior valorização da memória e da materialidade do seu espaço. O seu uso fortalece a ideia de preservação por meio de uma documentação detalhada, garantindo que as informações sobre a edificação original sejam registradas e utilizadas como base para decisões que sejam coerentes com a identidade do lugar. Nesse sentido, ela não é apenas uma ferramenta técnica, mas uma aliada na leitura sensível e precisa do território, permitindo que a intervenção seja construída a partir de uma base sólida, com respeito às pré-existências e atenção às possibilidades de transformação.

Por não ter acesso aos equipamentos mais avançados e tecnológicos para a realização da captura de nuvem de pontos, como scanners e drones, o instrumento possível utilizado foi o próprio celular, por meio do aplicativo Polycam. Apesar de bem intuitivo e de fácil acesso, houve algumas limitações no momento do levantamento, principalmente por ele ser restrito em relação à altura, distorcendo a imagem ou não reconhecendo o edifício por completo.

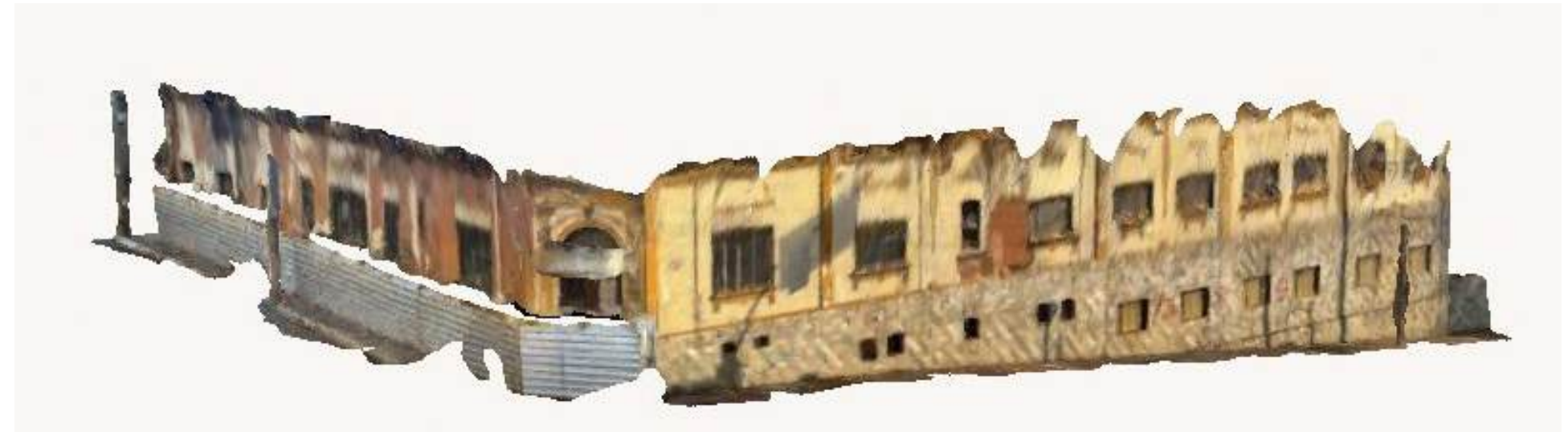
No entanto, ainda que essas dificuldades estiveram presentes, a fotogrametria foi de grande auxílio para o processo de levantamento das edificações pré-existentes.

Fotogrametria produzida pela própria autora, através do aplicativo Polycam





Fotogrametria produzida pela própria autora, através do aplicativo Polycam



Fotogrametria produzida pela própria autora, através do aplicativo Polycam

REFERÊNCIAS PROJETAIS



Praça das Artes - Brasil Arquitetura

Espaço cultural para a requalificação do centro de São Paulo, a Praça das Artes foi uma grande referência de projeto, justamente por ser um bom exemplo não só de usos ligados à música e às artes, mas também por se inserir em um contexto físico e espacial já preexistente, marcado pela intensa vida paulistana presente. Nele, criaram-se novos espaços de convivência a partir da geografia urbana, da história local e dos valores contemporâneos da vida pública.

“[...] uma coisa é o lugar físico, outra coisa é o lugar para o projeto. E o lugar não é nenhum ponto de partida, mas é um ponto de chegada. Perceber o que é o lugar é já fazer o projeto.” (SIZA, Álvaro)



Fonte: Archdaily

Pinacoteca de São Paulo - Paulo Mendes da Rocha

A intervenção de Paulo Mendes da Rocha na Pinacoteca de São Paulo, realizada entre 1993 e 1998, consistiu em uma reforma e requalificação do edifício original. O arquiteto manteve e restaurou as características históricas da construção, mas introduziu elementos contemporâneos com clareza e respeito, como as passarelas metálicas, os pilares de concreto e os novos fluxos internos, garantindo acessibilidade, circulação e funcionalidade ao museu. Ao invés de esconder os elementos novos, Paulo os assumiu com uma linguagem arquitetônica própria, deixando visível o contraste entre antigo e novo, criando assim uma convivência respeitosa entre o passado e o presente.



Fonte: Archdaily

Museu Rodin - Brasil Arquitetura

A intervenção do Museu Rodin, na Bahia, é marcada por um profundo respeito ao valor histórico da pré-existência, mas também por uma clareza arquitetônica na introdução de novos elementos. Foram inseridas estruturas em concreto protendido, como a passarela, que é a principal solução de continuidade do conjunto, sem interferir diretamente na arquitetura original. Os novos volumes possuem linguagem atual, destacando-se como parte de uma narrativa que valoriza o contraste entre tempos distintos. O projeto trata o entorno e os vazios com igual importância, criando espaços abertos de convivência, integração paisagística e conexão urbana.



Fonte: Archdaily

Sesc 24 de Maio - MMBB Arquitetos e Paulo Mendes da Rocha

O Sesc 24 de Maio, fruto da requalificação do antigo edifício da Mesbla, é um grande exemplo em termos de reuso adaptativo e ativação urbana. A proposta, que manteve a estrutura original de concreto armado, inseriu novos elementos arquitetônicos, como escadas rolantes, rampas, vazios internos, jardins suspensos e uma piscina na cobertura, e que redefiniram o uso e a espacialidade do edifício. É uma arquitetura que concilia o existente com o novo, promovendo acessibilidade, integração e forte conexão com o tecido urbano do entorno.



Fonte: Archdaily

Fórum - Studio 804

Projetado pelo Studio 804, o Fórum é um edifício cultural e educacional construído no campus da Universidade do Kansas. O projeto foi implantado sobre um terreno vazio, destacando-se pelo uso de sistemas construtivos sustentáveis, estratégias de eficiência energética e por uma arquitetura leve e transparente. Sua forma e materialidade dialogam com o entorno construído, mas sem tentar imitá-lo: a estrutura metálica aparente, o uso intenso de vidro e os painéis de madeira criam um edifício contemporâneo, acessível e convidativo, que se insere respeitosamente no tecido urbano já existente. O Studio 804 destaca o projeto como uma nova arquitetura que surge para preencher um vazio com função pública, cultural e conectada à comunidade.



Fonte: Archdaily

Teatro do Engenho - Brasil Arquitetura

Localizado em Piracicaba (SP), o projeto parte da requalificação de um antigo galpão industrial transformando-o em um teatro contemporâneo, mas sem apagar sua origem fabril. A intervenção, marcada por uma valorização da estrutura pré-existente em alvenaria de tijolos aparentes, cuidadosamente preservada e exposta, insere-se uma vez que os arquitetos incorporam uma nova estrutura independente, feita de aço e madeira, e que abriga a caixa cênica, a plateia e áreas técnicas. Nesse sentido, a operação cria um diálogo entre o antigo e o novo, onde o contraste é claro, mas respeitoso, em que o novo não toca a estrutura original, mantendo-se como um volume autônomo dentro do antigo envelope industrial. Além disso, o projeto também trabalha com os vazios e o entorno, integrando os espaços externos à proposta cultural, criando praças e acessos generosos, e reforçando, assim, a relação entre cidade, arquitetura e uso público.



Fonte: Archdaily

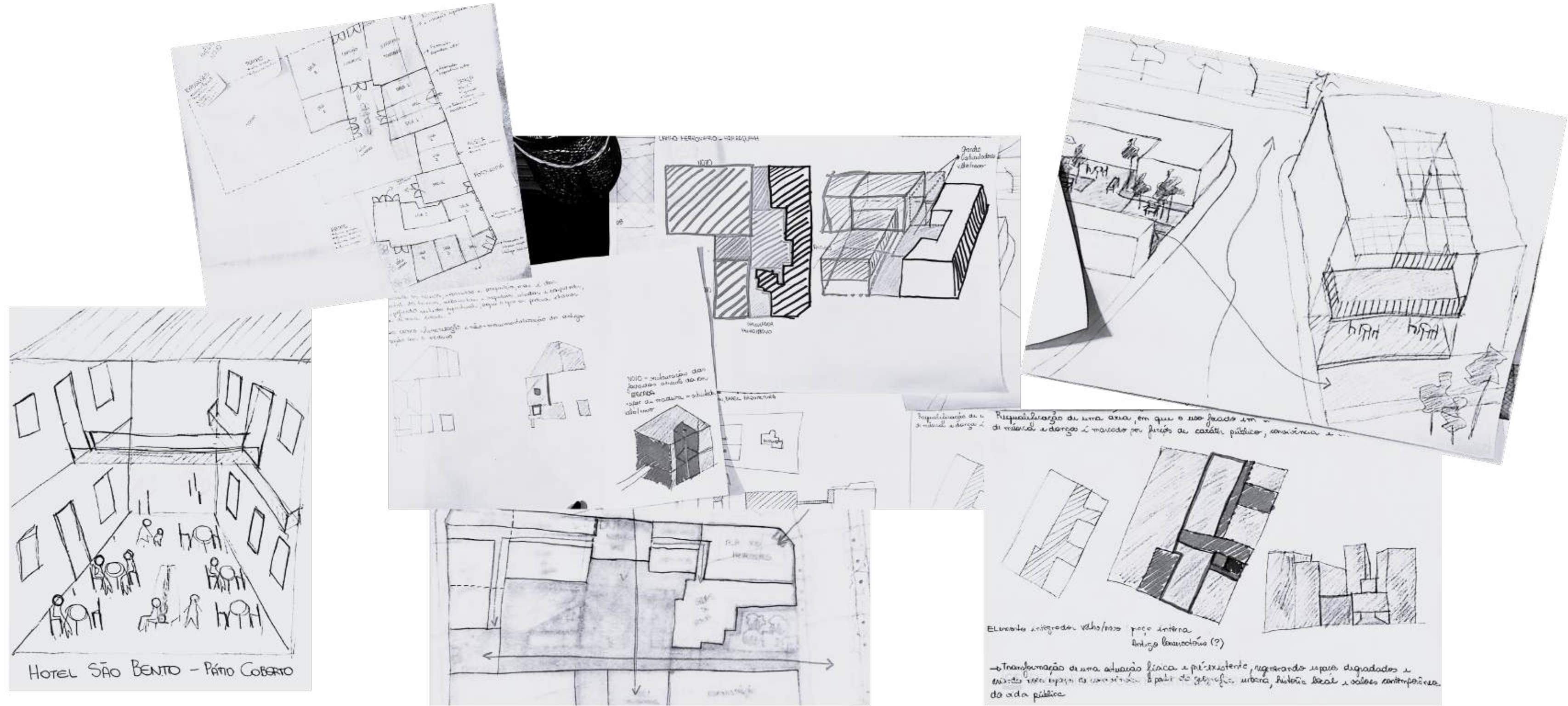
Solar do Unhão - Lina Bo Bardi

A intervenção de Lina é considerada um marco da arquitetura brasileira por sua abordagem respeitosa e inovadora do patrimônio histórico. Bo Bardi promoveu uma restauração cuidadosa do edifício principal, das escadarias de pedra e da capela, ao mesmo tempo em que introduziu elementos arquitetônicos contemporâneos, como a famosa escadaria espiral em madeira, através de uma linguagem autêntica, discreta e claramente distinta do original. Assim, é uma intervenção que respeita a escala, o ritmo e a materialidade da pré-existência, promovendo um diálogo entre passado e presente.



Fonte: Nelson Kon

O PROCESSO



INTENÇÕES E O PROJETO

“Do silêncio ao encontro: reuso adaptativo como requalificação do Largo Ferroviário de Araraquara”: o título do trabalho reflete o grande propósito do projeto, fazer ressurgir a criação de memórias e sociabilidades que antes estavam presentes pelo território ferroviário araraquarense, e que encontram-se silenciados, através de uma esfera histórica e patrimonial, como uma releitura do passado. É a intenção de reestabelecer uma noção de identidade da população dentro de um espaço urbano apagado pelas incidências do tempo, e que carrega uma potencialidade de tornar-se um grande peça dentro da vida da cidade no presente.

Nesse sentido, a intervenção busca, através do reuso de edificações históricas inutilizadas às margens da Estação Ferroviária, a criação de espaços de atividades culturais, técnicas, artísticas e de lazer a serem (re)apropriadas pela população, a fim de que, dentro de um contexto de vitalidade urbana a qual eles se encontram, possam se tornar lugares de encontro e de convívio.

Com isso, há a ressignificação dessa localidade, através do uso cultural e técnico dentro do Hotel São Bento, com um restaurante-escola, espaço de exposições e biblioteca, e de um caráter artístico ao longo das antigas edificações comerciais do Largo Ferroviário, por meio de uma Escola de Música e a criação de um teatro com vistas a atender tanto esse último espaço, como a Escola Municipal de Dança, localizada às redondezas dessa região.



O PROJETO

O projeto “Do Silêncio ao Encontro” se materializa na reativação do Hotel São Bento e das edificações comerciais abandonadas do Largo Ferroviário de Araraquara, como já mencionado, por meio do reuso adaptativo e da inserção de novos volumes. A proposta contempla usos de caráter cultural, educativo e artístico, promovendo o reencontro da comunidade com um espaço historicamente significativo, mas atualmente desvalorizado e apagado.

À vista disso, a definição do programa parte então do entendimento das potencialidades de cada edifício e dos vazios urbanos presentes, associando o valor simbólico das pré-existências a novos usos que incentivam o convívio, a cultura e a educação da comunidade. Além disso, o trabalho é concebido priorizando a articulação entre os edifícios requalificados, os novos volumes e os espaços livres, de forma a costurar o conjunto urbano e reintegrá-lo à vida cotidiana da cidade, equilibrando a preservação das construções existentes com a criação de novas arquiteturas, e respeitando a escala e a memória do lugar, além de valorizar um importante eixo de percepção visual como diretriz de ordenação do conjunto.

PARTIDO PROJETUAL

O partido projetual concentra-se, essencialmente, em três eixos principais: as pré-existências (edificações patrimoniais); o antigo e o novo; e o ponto de percepção visual (POV).

01. PRÉ-EXISTÊNCIAS (EDIFICAÇÕES PATRIMONIAIS)

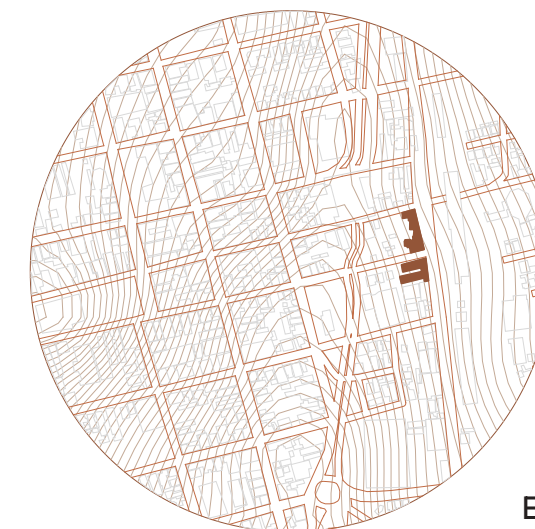
Diz respeito à valorização das pré-existências arquitetônicas do Largo Ferroviário de Araraquara, mais especificamente do antigo Hotel São Bento e das edificações comerciais que margeavam a Estação, reconhecendo-os como elementos de memória urbana e do patrimônio histórico da cidade. Essas construções tornam-se, assim, um ponto de ancoragem do projeto, sendo preservadas e reinterpretadas como marcos da identidade local.

02. O ANTIGO E O NOVO

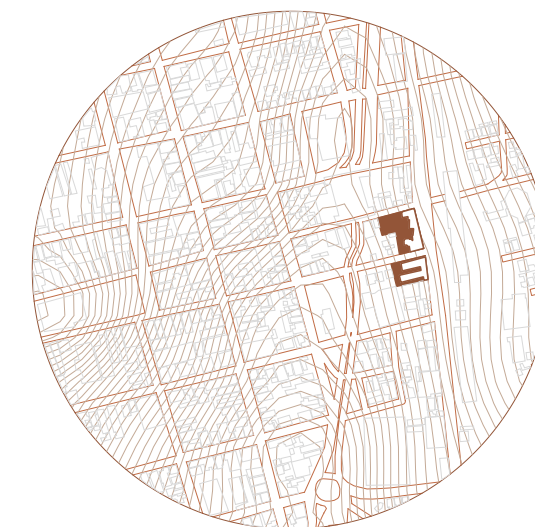
Busca a conciliação entre o antigo e o novo, respeitando os limites físicos e simbólicos das construções patrimoniais enquanto introduz novos elementos arquitetônicos em terrenos vagos dentro da região ferroviária. Esses vazios urbanos tornam-se novas construções que são desenhadas com base em uma linguagem contemporânea, mas que dialoga com o entorno sem competir com ele, estabelecendo relações harmônicas com as edificações históricas. Dessa forma, o novo surge como continuidade e contraponto, promovendo um reuso adaptativo que revitaliza a área e a integra novamente à dinâmica urbana.

03. PONTO DE PERCEPÇÃO VISUAL (POV)

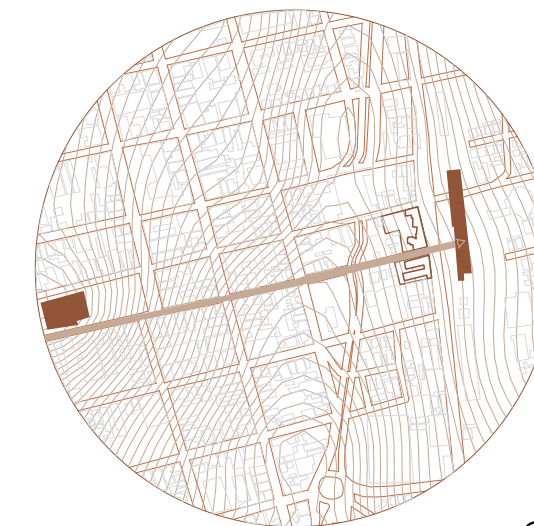
Refere-se a um importante elemento de percepção visual presente no local: o eixo entre a escadaria da Estação Ferroviária e a cúpula da Basílica de São Bento, funcionando, assim, como um percurso simbólico e físico. A valorização visual desse ponto orienta a implantação dos novos volumes e a organização de alguns espaços, reforçando a continuidade visual e permitindo que o olhar percorra a paisagem urbana.



Esquema 01: Pré-existências



Esquema 02: O antigo e o novo



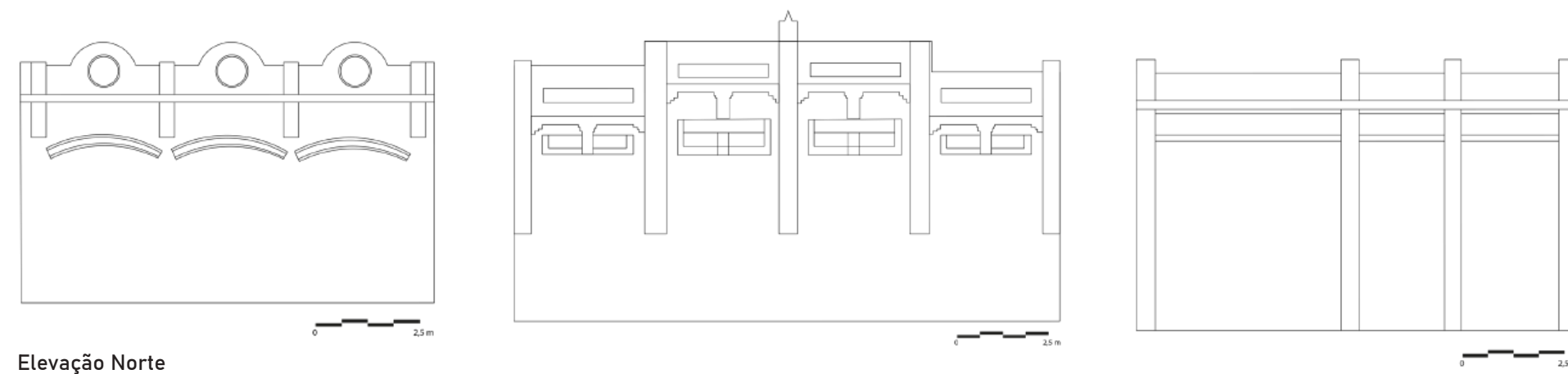
Esquema 03: Ponto de Percepção Visual



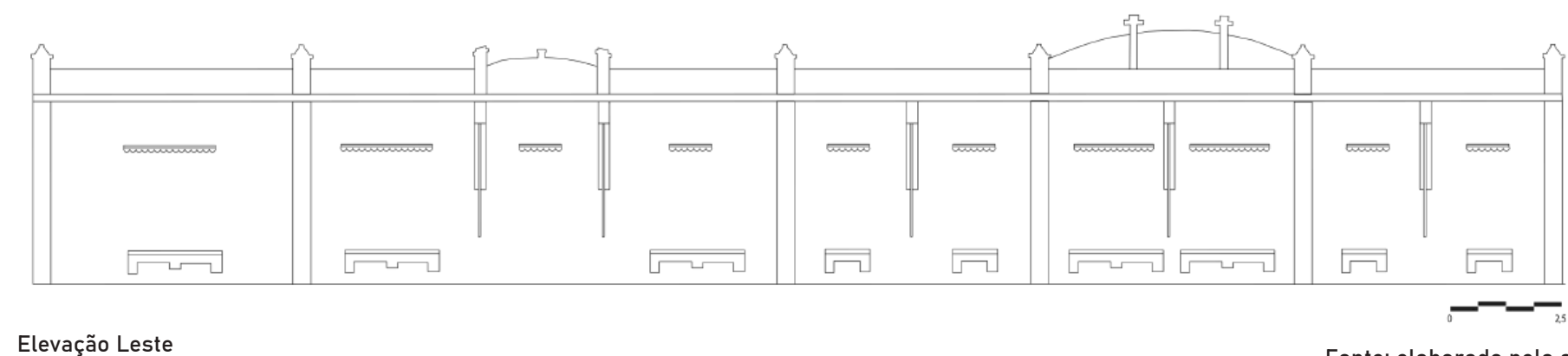
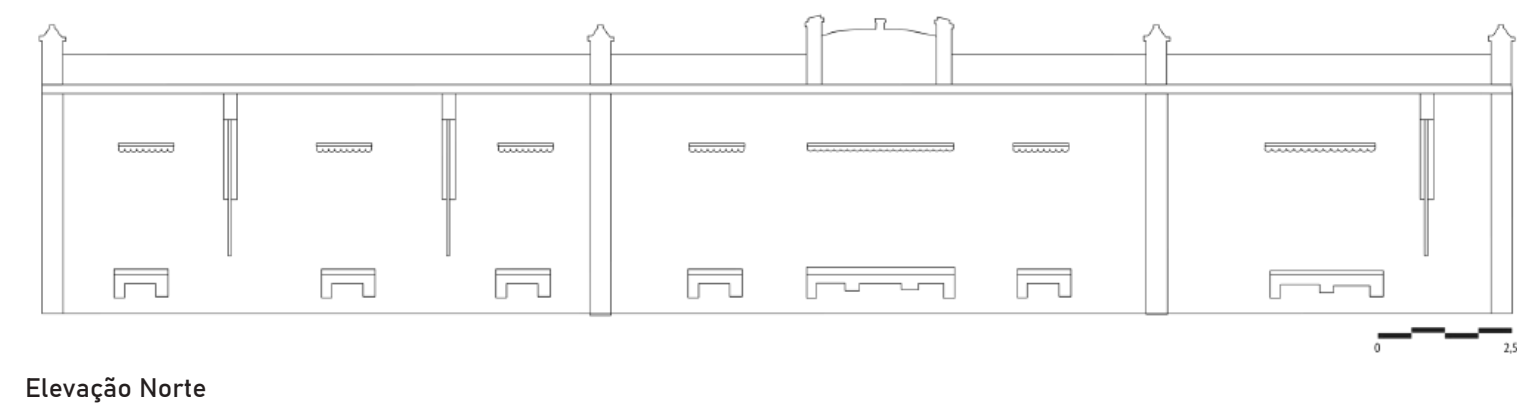
PRÉ-EXISTÊNCIAS: LEVANTAMENTO PATRIMONIAL DOS EDIFÍCIOS

O processo de documentação das fachadas foi de suma importância para o registro minucioso de seus elementos construtivos e a identificação dos ornamentos que caracterizam cada edifício. O desenho das fachadas, executado a partir da fotogrametria e de observações diretas, permitiu revelar a composição arquitetônica original, evidenciando proporções, ritmos, texturas e soluções construtivas desses espaços. A representação gráfica dos ornamentos, como molduras, frisos, platibandas e demais detalhes, contribuiu para reconhecer o valor artístico e histórico desses edifícios, reforçando seu papel na paisagem urbana e na memória coletiva da cidade. Esse levantamento não apenas subsidiou algumas decisões projetuais, como também reforçou a importância de tratar cada intervenção com respeito.

EDIFÍCIOS COMERCIAIS



HOTEL SÃO BENTO





Pré-existências/Novo



As pré-existências são compreendidas pelo antigo Hotel São Bento e os edifícios comerciais históricos, enquanto tem-se como proposta um novo edifício para abrigar o Teatro e uma parte da Escola de Música, além de uma nova cobertura e um mirante inseridos no Hotel.

Fluxos



O antigo Hotel compreende dois acessos principais: um pela entrada já existente, e outro por um novo eixo de circulação adaptado; na Escola de Música e Teatro, o pátio torna-se um grande eixo de circulação, permitindo que os fluxos aconteçam entre os edifícios.

Sociabilidades



Ambos os edifícios têm como grandes espaços de sociabilidade o pátio: no antigo Hotel, um espaço antes subutilizado torna-se um ambiente de convivência; já na Escola de Música e Teatro, o pátio é proposto como um elemento de conexão entre o existente e o novo.

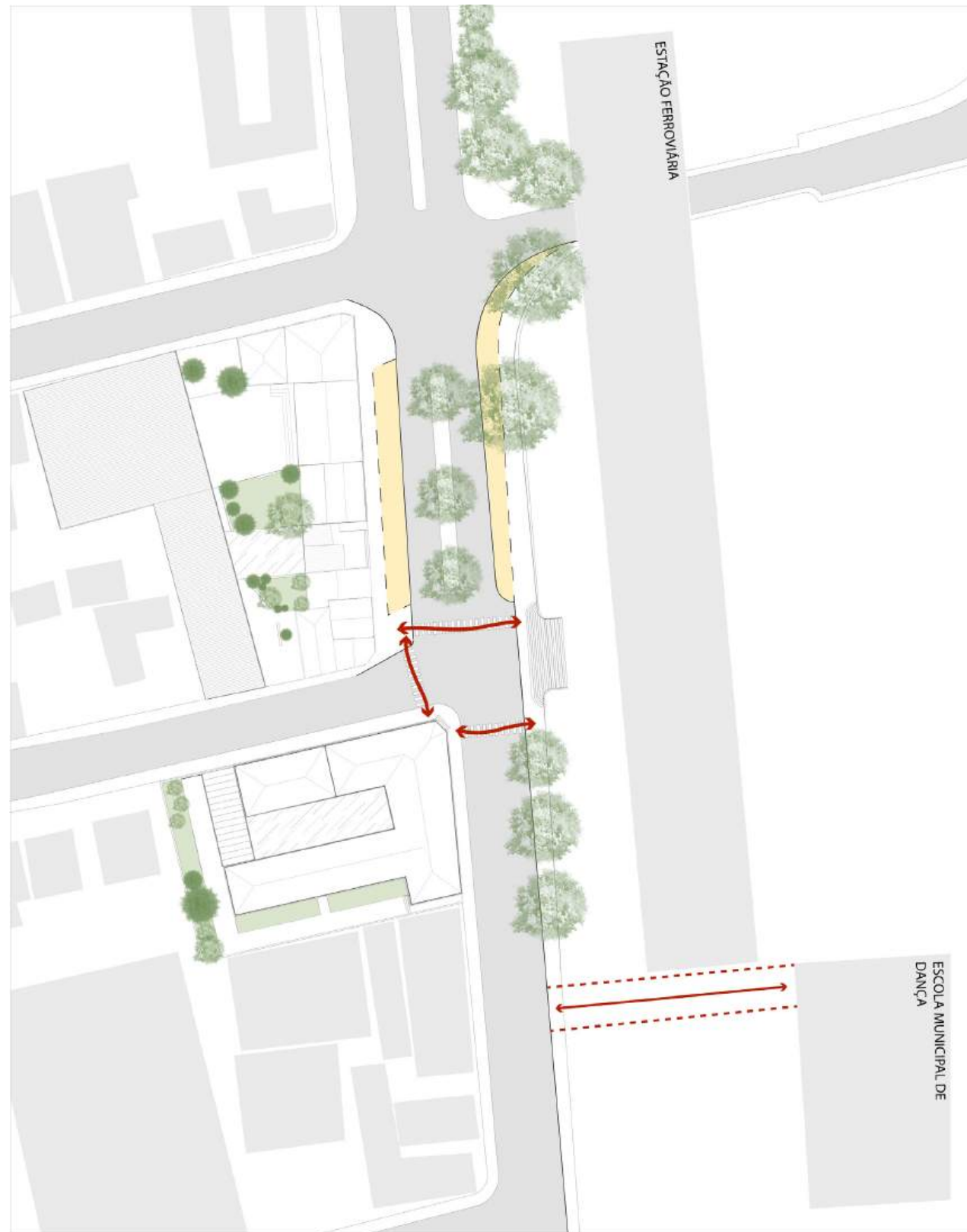
POV (Ponto de Percepção Visual)






O Ponto de Percepção Visual (POV) já existente no eixo da escadaria da Estação Ferroviária com a Basílica de São Bento é ainda mais enfatizado através da proposta de se criar um mirante junto ao antigo Hotel São Bento, tornando-se um importante elemento.



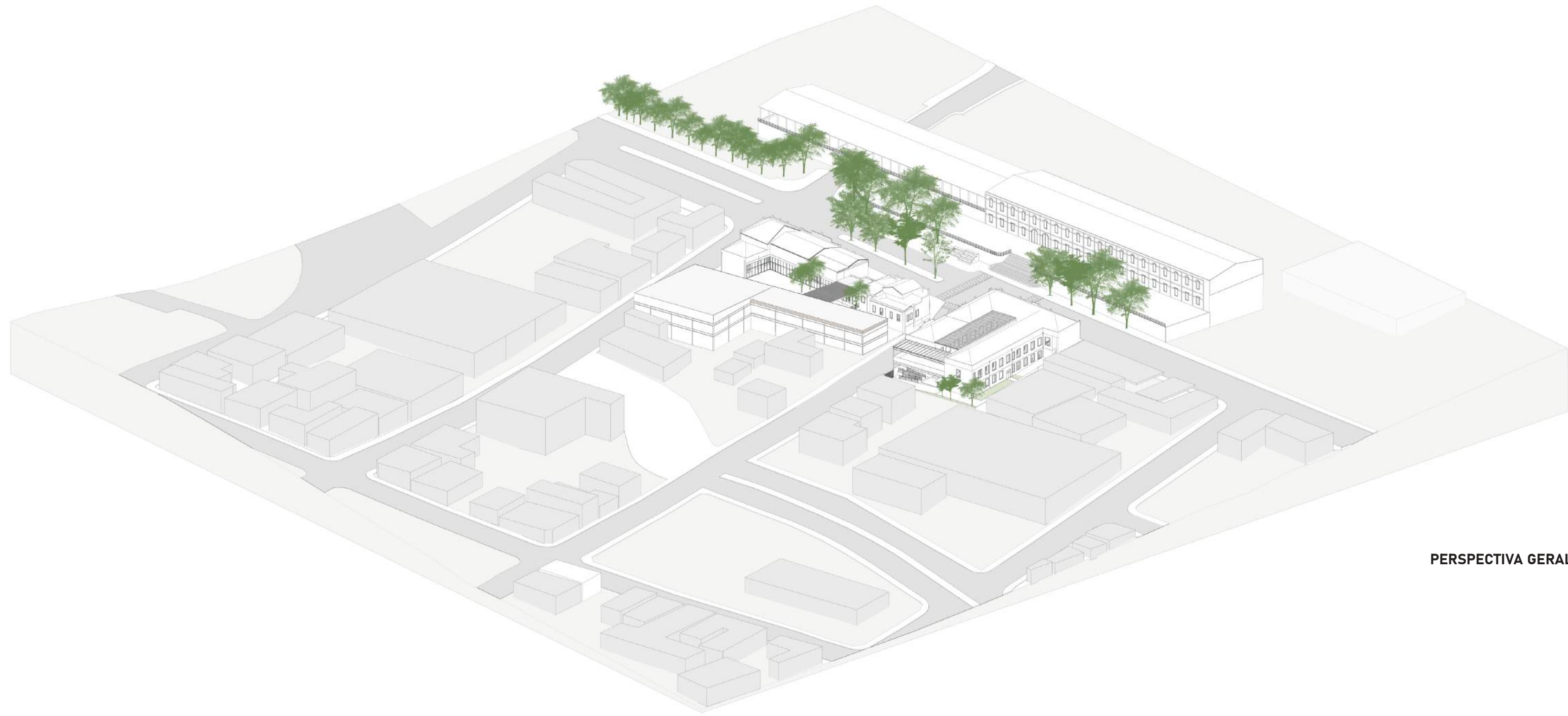
Elevação - Rua Antônio Prado



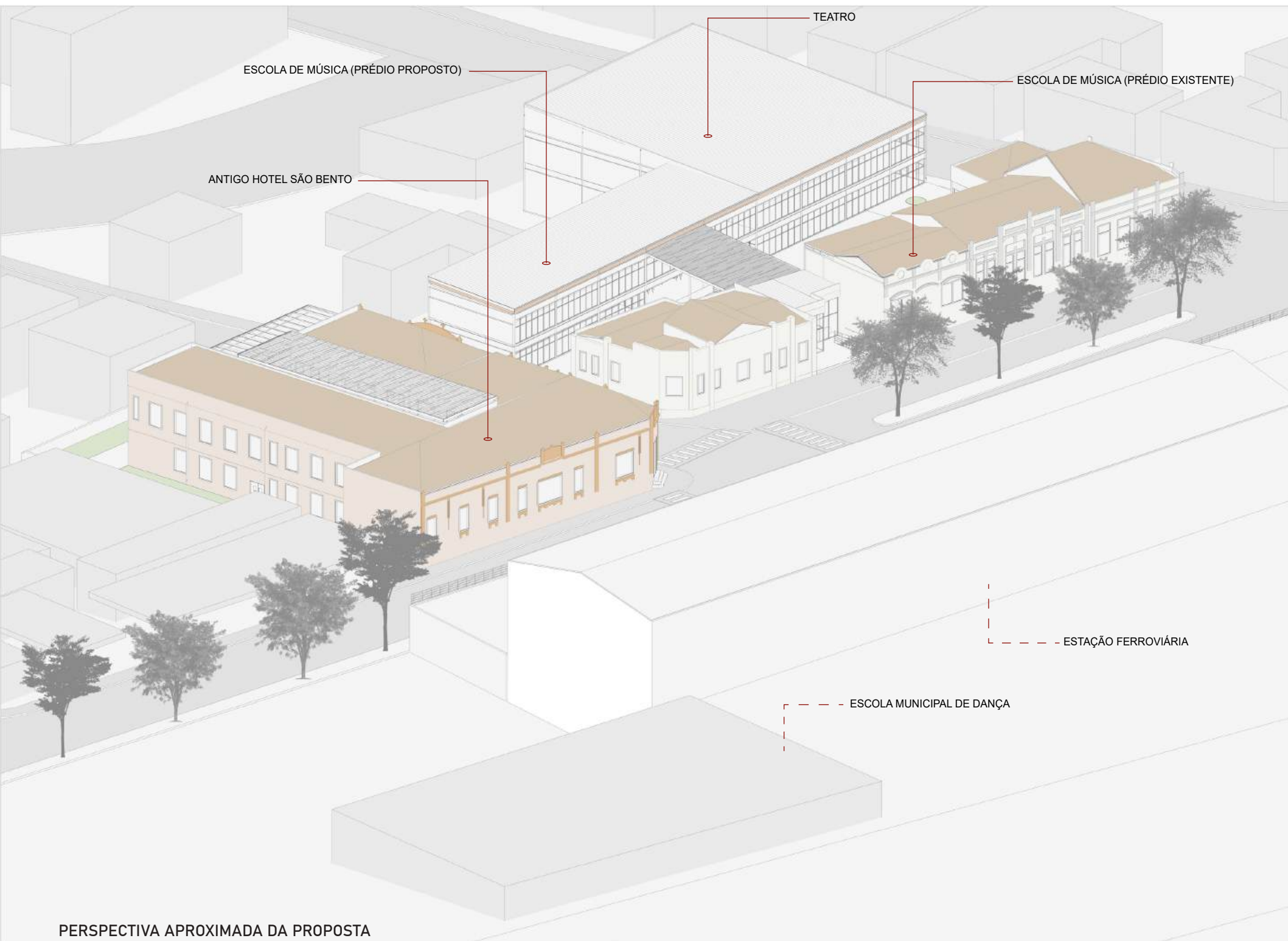
A implantação foi orientada pela premissa de reforçar a caminhabilidade dos espaços que estruturam o Largo Ferroviário. Para isso, optou-se pelo alargamento das calçadas ao longo da Estação Ferroviária e das edificações comerciais, ampliando a área destinada ao pedestre e promovendo uma transição mais confortável entre os acessos, os usos propostos e o espaço urbano existente, melhorando a circulação, mas também recolocando o pedestre como protagonista na dinâmica do Largo, reforçando o caráter público do conjunto. Como forma de integrar os três principais edifícios (Escola de Música e Teatro, Estação e Hotel São Bento), foram implantadas faixas de pedestres elevadas, estabelecendo travessias mais seguras e reforçando a continuidade dos fluxos entre esses polos. Por fim, o projeto apresenta uma diretriz de conexão com a Escola de Dança já existente nas proximidades. Embora não configure uma proposta formal de intervenção, essa indicação sugere um possível eixo de articulação futura, capaz de fortalecer a rede cultural do entorno e ampliar a integração entre os equipamentos existentes e propostos.

-  alargamento das calçadas
-  faixa de pedestres elevadas
-  eixo de conexão com a Escola de Dança





PERSPECTIVA GERAL



PERSPECTIVA APROXIMADA DA PROPOSTA

PROGRAMA

BLOCO 01 ESCOLA DE MÚSICA (PRÉDIO EXISTENTE)

SALAS DE ESTUDO INDIVIDUAL E EM GRUPO
RECEPÇÃO
SALAS DE AULA PRÁTICA
AUDITÓRIO
SANITÁRIOS
DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS

BLOCO 02 TEATRO E ESCOLA DE MÚSICA (PRÉDIO PROPOSTO)

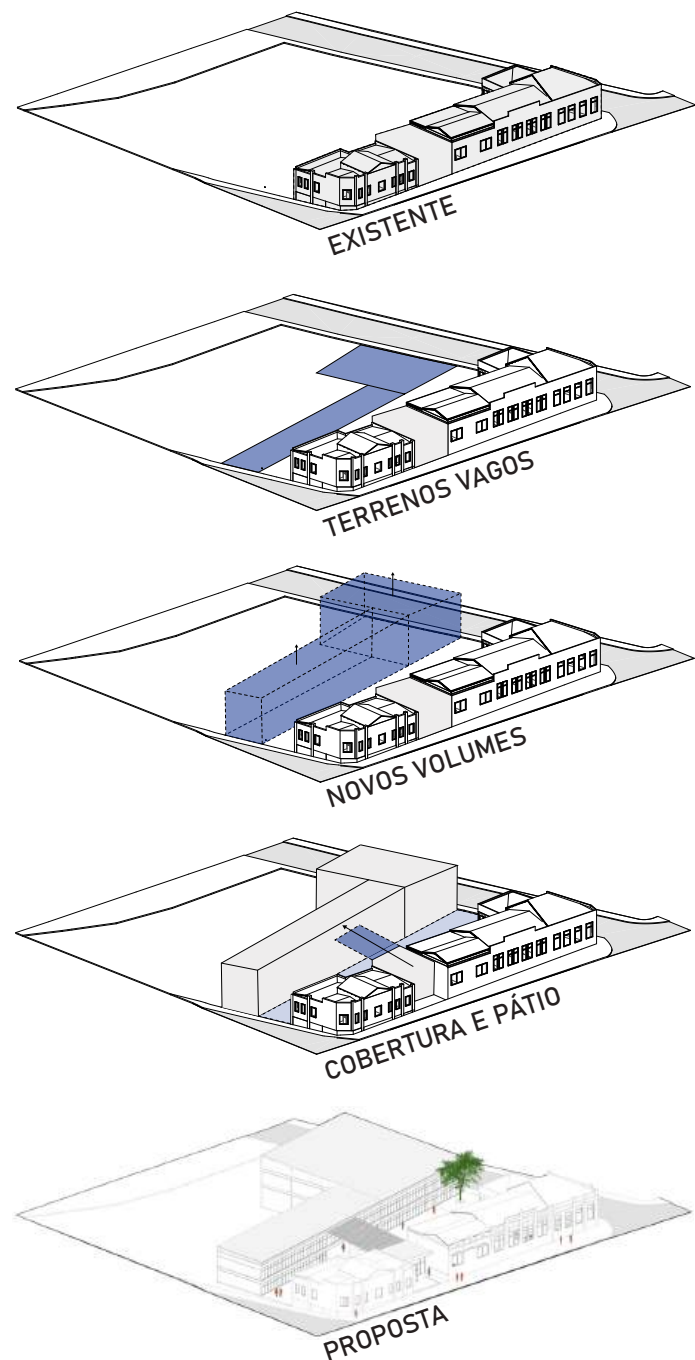
COPA DOS FUNCIONÁRIOS
SALA DA VICE-DIRETORIA
SALA DA DIRETORIA
SALA DA SECRETARIA
SALA DOS PROFESSORES
SANITÁRIOS
CAFÉ/LANCHONETE
SALAS DE AULA TEÓRICA
FOYER
TEATRO
CAMARIM
SALA DE APOIO TÉCNICO

BLOCO 03 ANTIGO HOTEL SÃO BENTO

SALA DE EXPOSIÇÕES
BIBLIOTECA
SALAS DE REUNIÃO
SALAS MULTIUSO
DECK
RESTAURANTE-ESCOLA
SANITÁRIOS
SALA DA DIRETORIA
SALA DA SECRETARIA
MIRANTE



BLOCO 01 E BLOCO 02: ESCOLA DE MÚSICA E TEATRO



O diagrama a seguir apresenta a sequência de análise e intervenção adotada para o conjunto destinado à Escola de Música e Teatro. Primeiramente, é destacada a configuração existente, evidenciando as edificações subutilizadas presentes hoje, e também os terrenos atualmente vazios, que revelam fragmentações e descontinuidades entre os volumes originais. Essa leitura inicial permite compreender os vazios como oportunidades de reestruturação espacial e de reativação do uso. A partir dessa análise, são identificados os novos volumes propostos, concebidos para complementar o programa da escola e recompor a frente urbana. Suas inserções introduzem uma linguagem mais contemporânea, articulando-se com as pré-existências sem competir com elas. Entre esses novos elementos, há destaque para a cobertura de interligação, que conecta as edificações e organiza um pátio central, como um espaço de convivência, ensaios informais e encontros entre alunos, professores e visitantes. Essa cobertura atua como mediadora entre o antigo e o novo, oferecendo abrigo e continuidade ao percurso da escola. Por fim, o diagrama sintetiza a proposta geral, evidenciando como a combinação entre preservação, novos volumes e espaços de transição contribui para construir um conjunto coeso. A intervenção transforma os vazios antes desconectados em áreas qualificadas, fortalecendo o caráter institucional e cultural da Escola de Música e Teatro dentro do Largo Ferroviário.



PLANTA DE COBERTURA

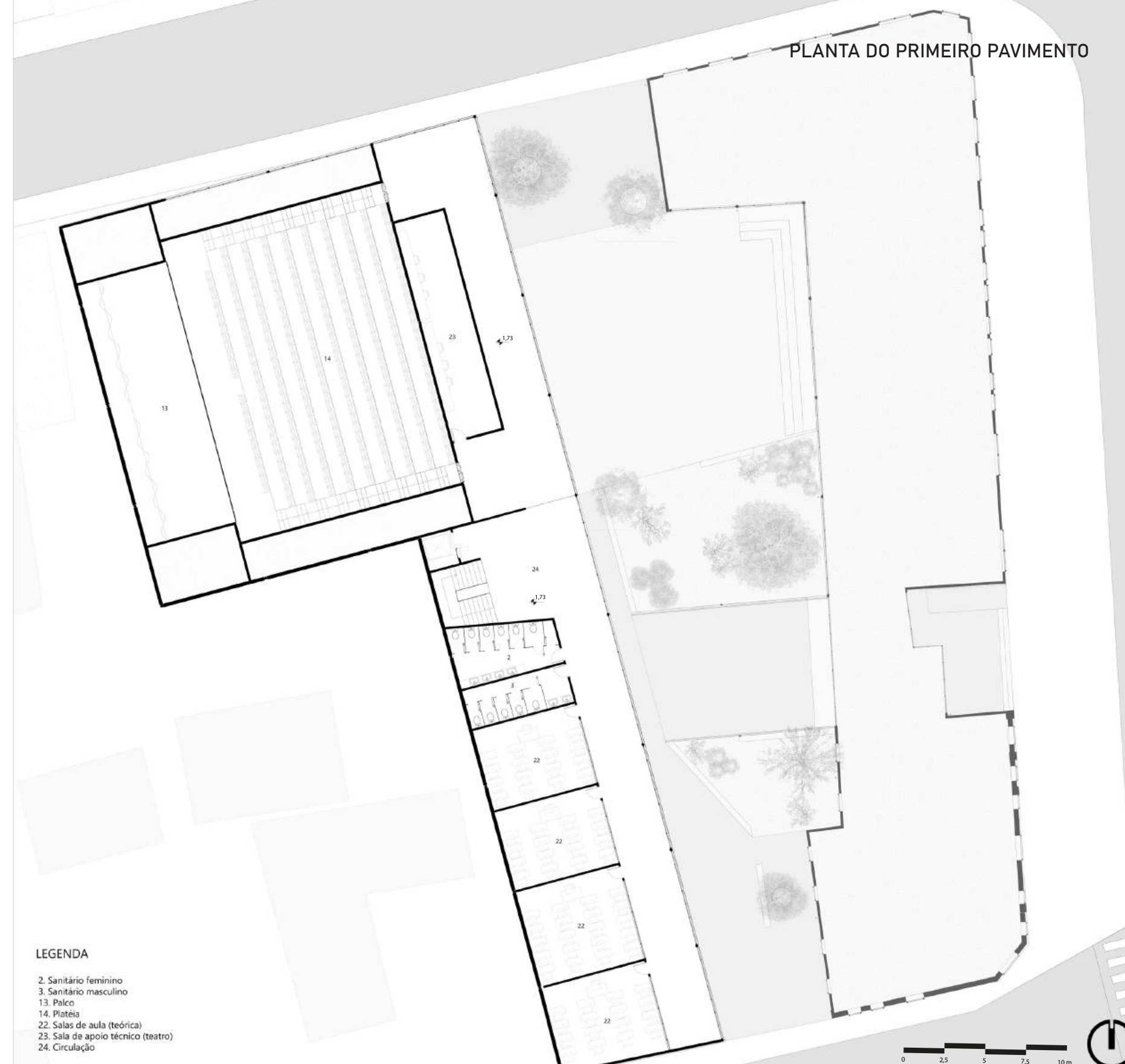
PLANTA DO TÉRREO



LEGENDA

- | | |
|--------------------------|-----------------------------------|
| 1. Copa dos funcionários | 11. Camarim |
| 2. Sanitário feminino | 12. Sanitário |
| 3. Sanitário masculino | 13. Palco |
| 4. Vice-diretoria | 14. Platéia |
| 5. Diretoria | 15. Armazenamento de instrumentos |
| 6. Secretária | 16. Auditório |
| 7. Sala dos professores | 17. Salas de aula prática |
| 8. Café/Lançonete | 18. Recepção |
| 9. Sanitário PNE | 19. Salas de estudo |
| 10. Foyer | 20. Deck |
| | 21. Jardim |

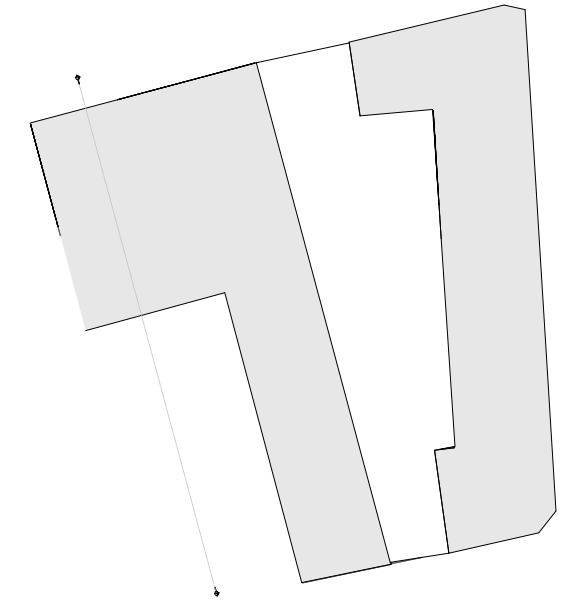
PLANTA DO PRIMEIRO PAVIMENTO



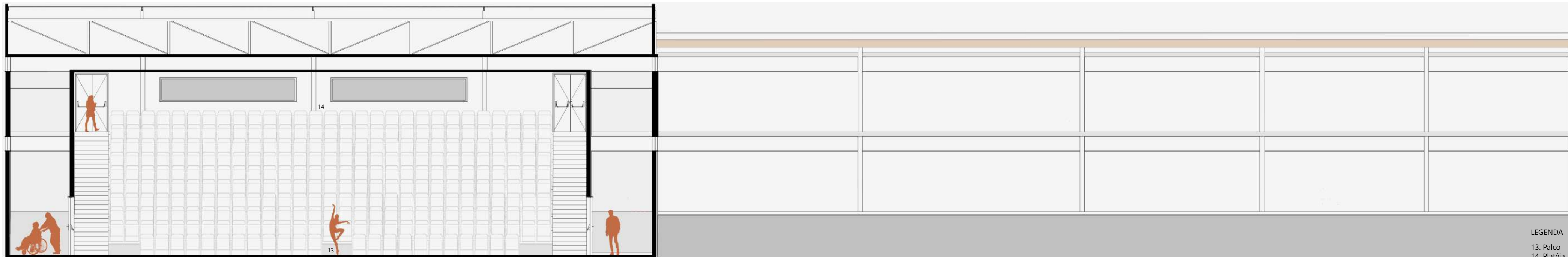
LEGENDA

- | |
|------------------------------------|
| 2. Sanitário feminino |
| 3. Sanitário masculino |
| 13. Palco |
| 14. Platéia |
| 22. Salas de aula (teórica) |
| 23. Sala de apoio técnico (teatro) |
| 24. Circulação |



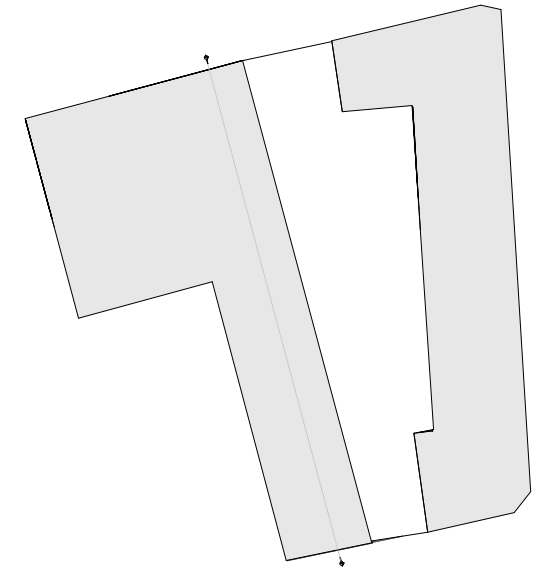


CORTE AA



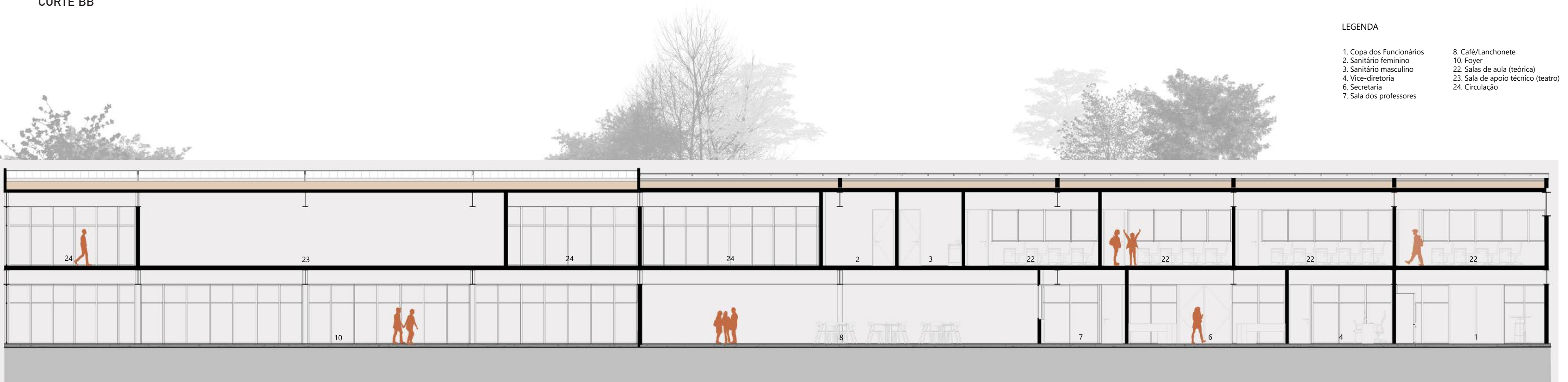
LEGENDA
13. Palco
14. Platéia

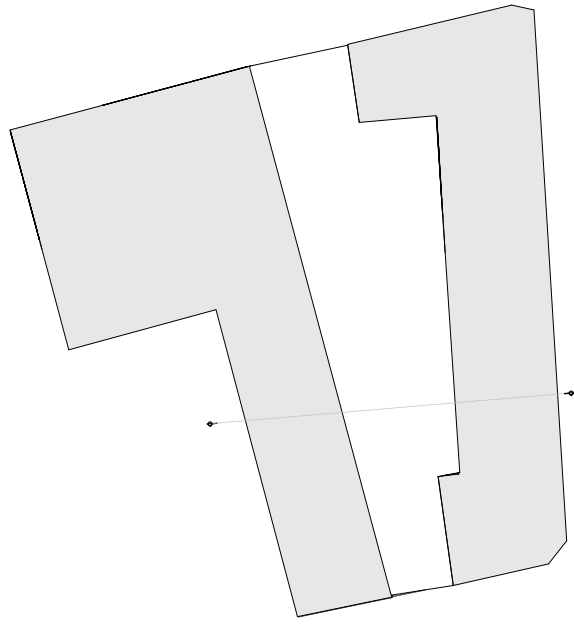
CORTE BB



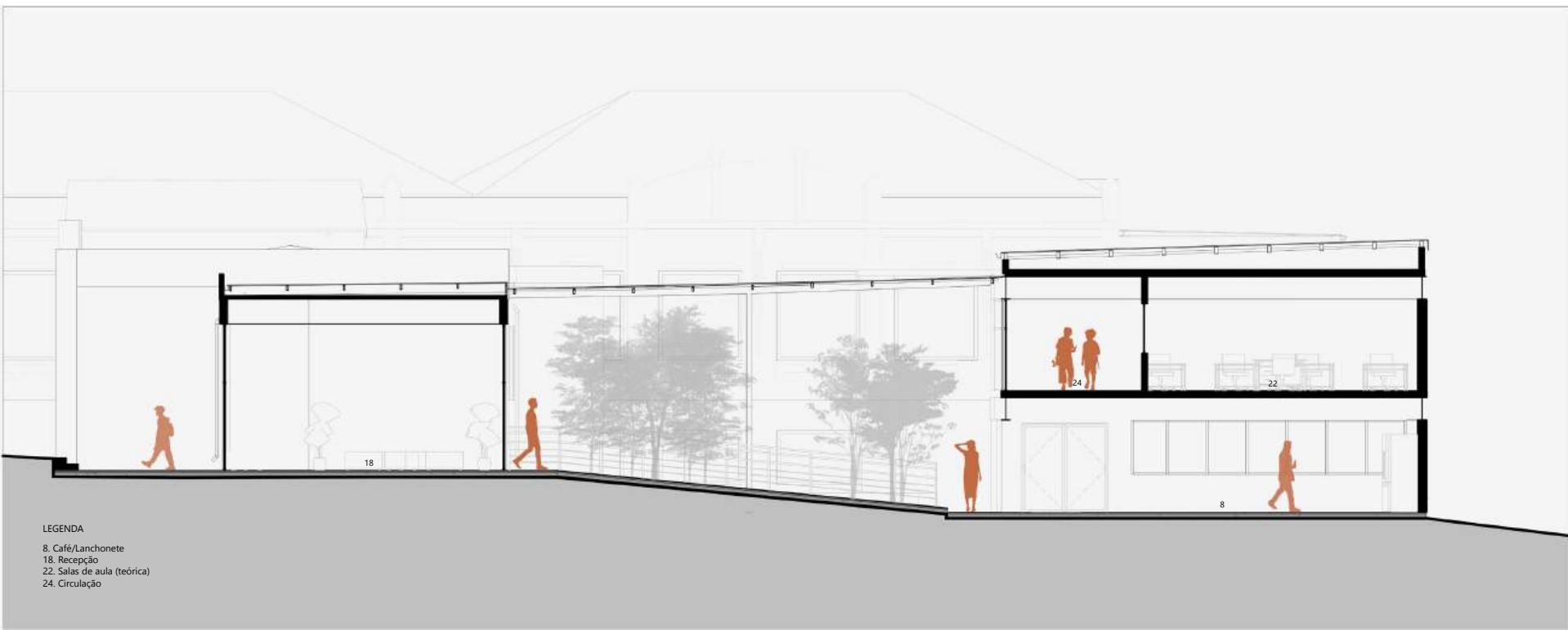
LEGENDA

- | | |
|--------------------------|------------------------------------|
| 1. Copa dos Funcionários | 8. Café/Lançonete |
| 2. Sanitário feminino | 10. Foyer |
| 3. Sanitário masculino | 22. Salas de aula (teórica) |
| 4. Vice-diretoria | 23. Sala de apoio técnico (teatro) |
| 6. Secretaria | 24. Circulação |
| 7. Sala dos professores | |

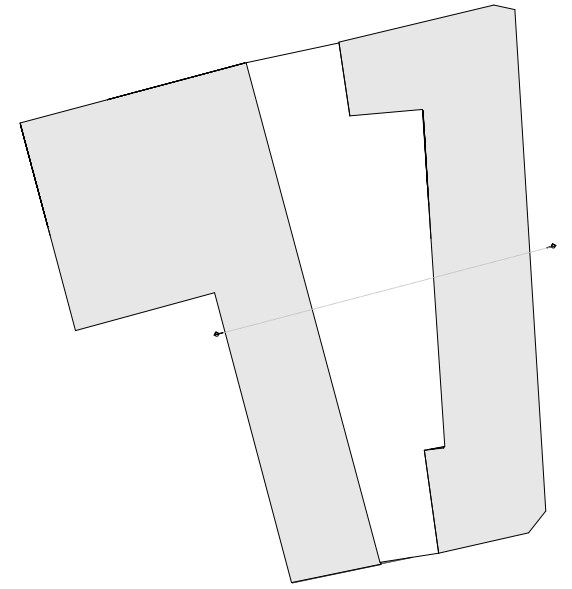




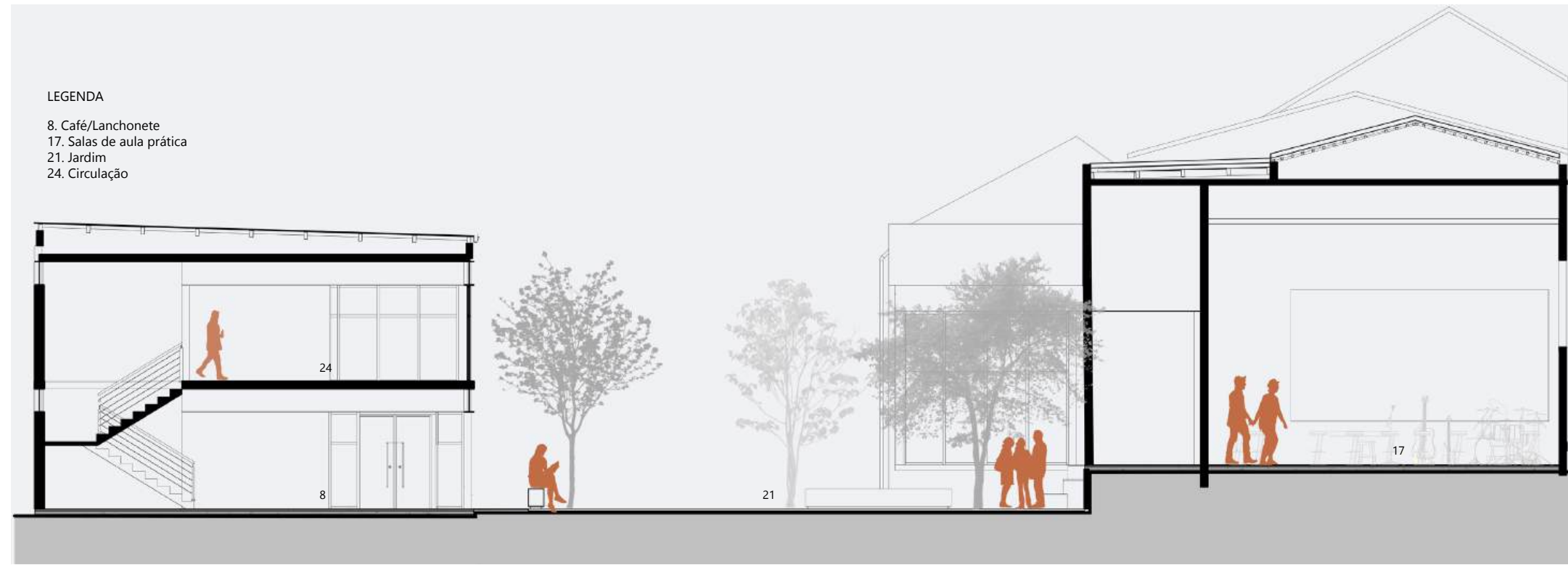
CORTE CC



LEGENDA
 8. Café/Lanchonete
 18. Recepção
 22. Salas de aula (teórica)
 24. Circulação



CORTE DD



LEGENDA
 8. Café/Lanchonete
 17. Salas de aula prática
 21. Jardim
 24. Circulação

DETALHAMENTO ESTRUTURAL

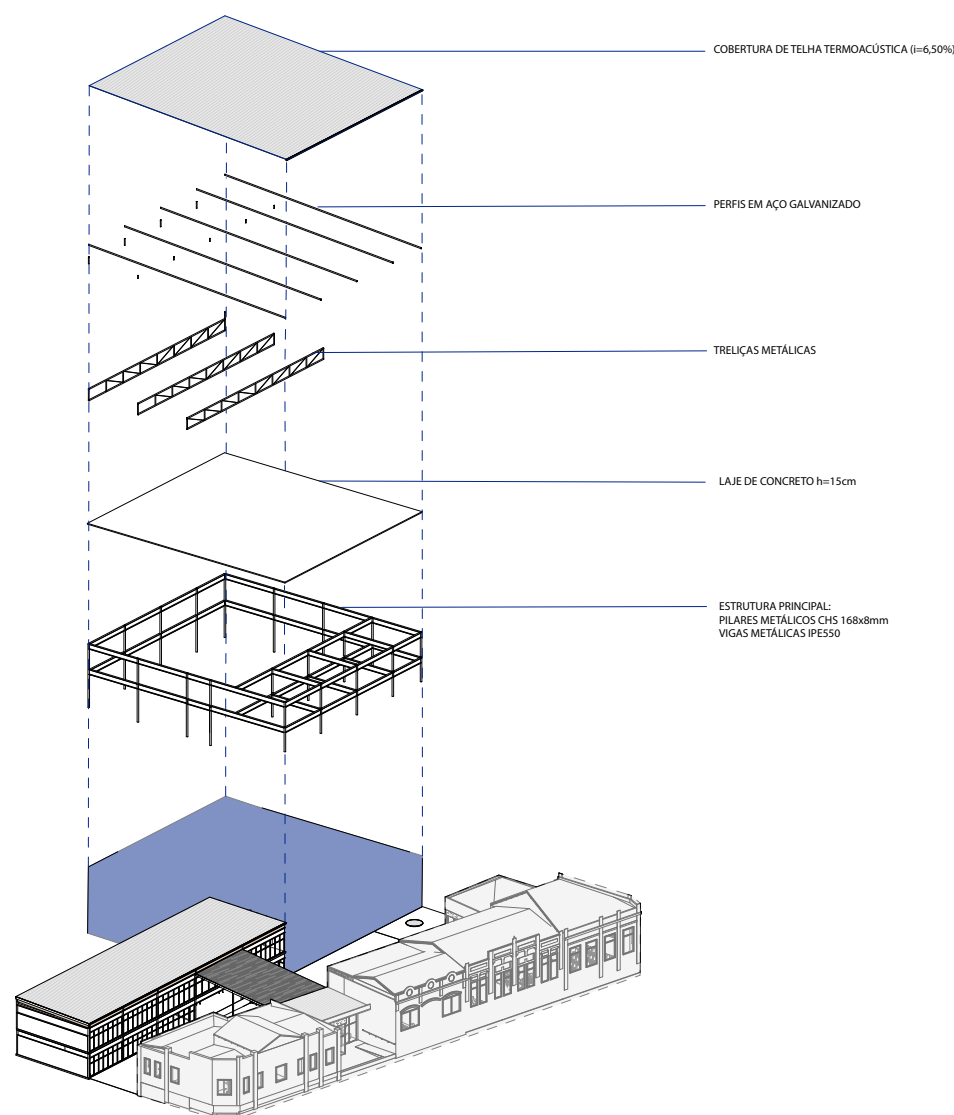


DIAGRAMA ESTRUTURAL DO TEATRO

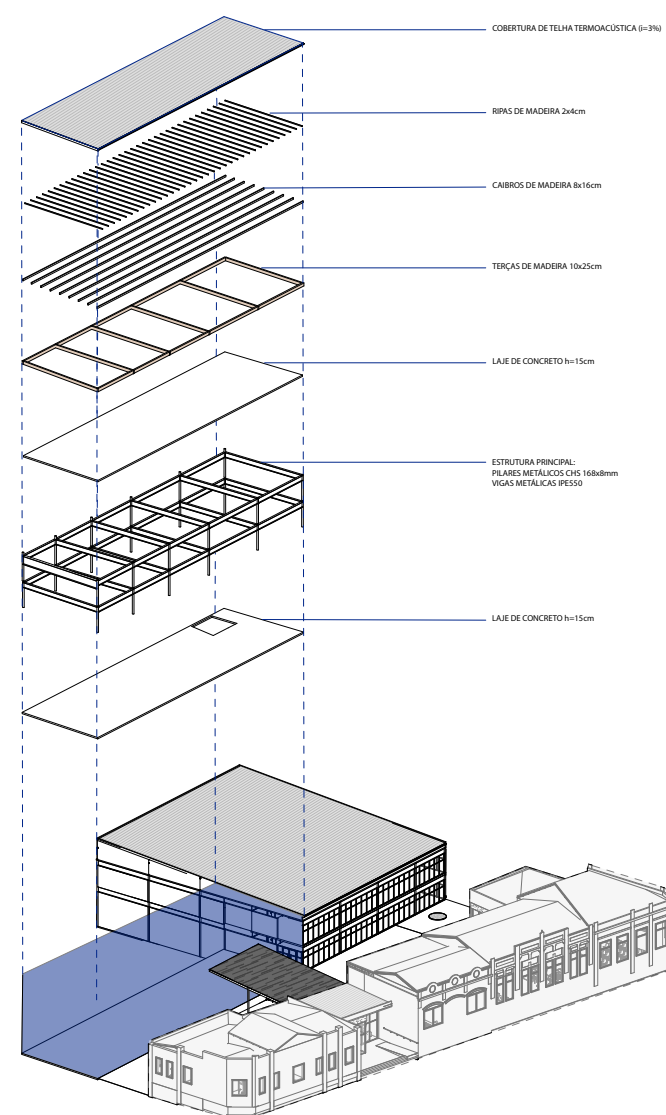


DIAGRAMA ESTRUTURAL DA ESCOLA

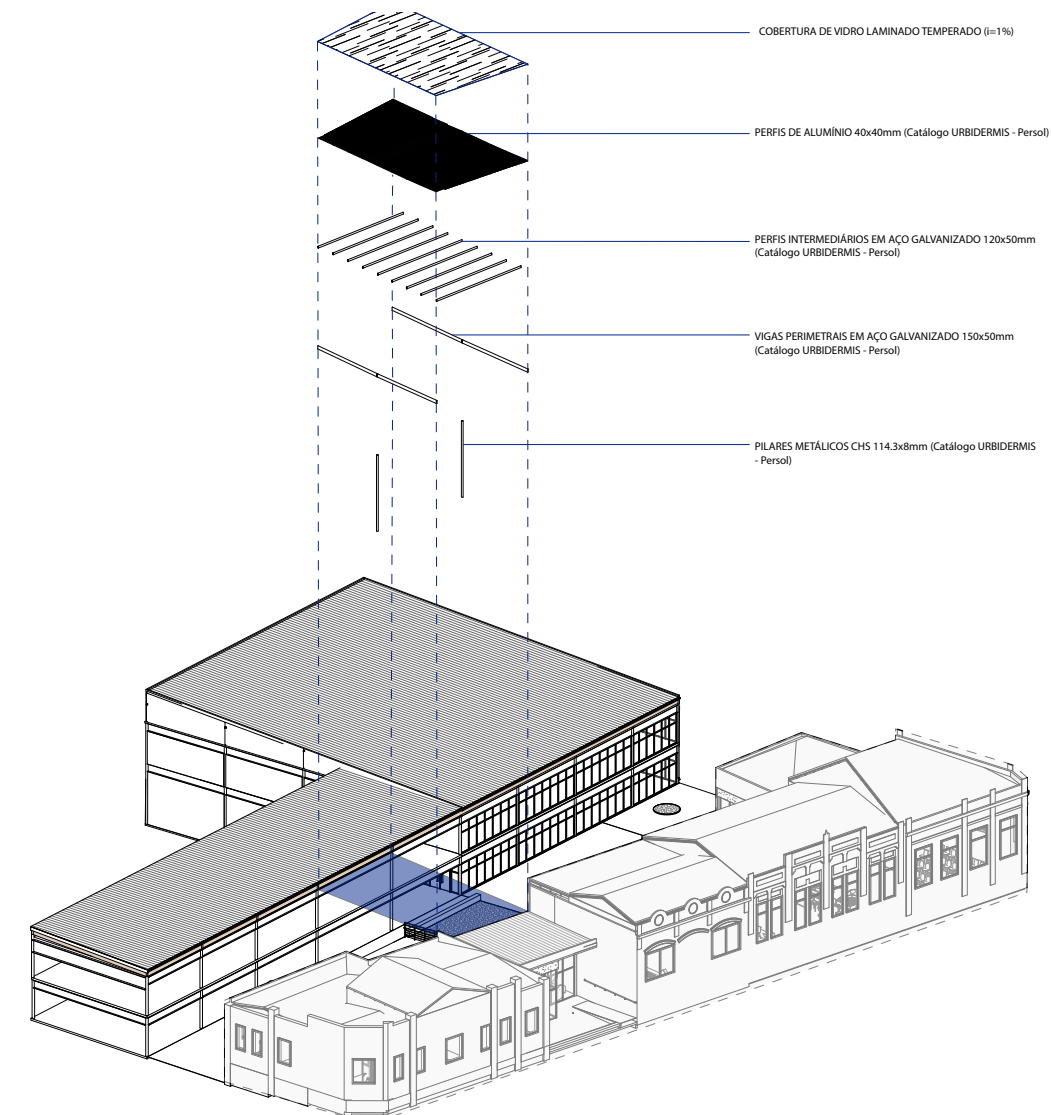
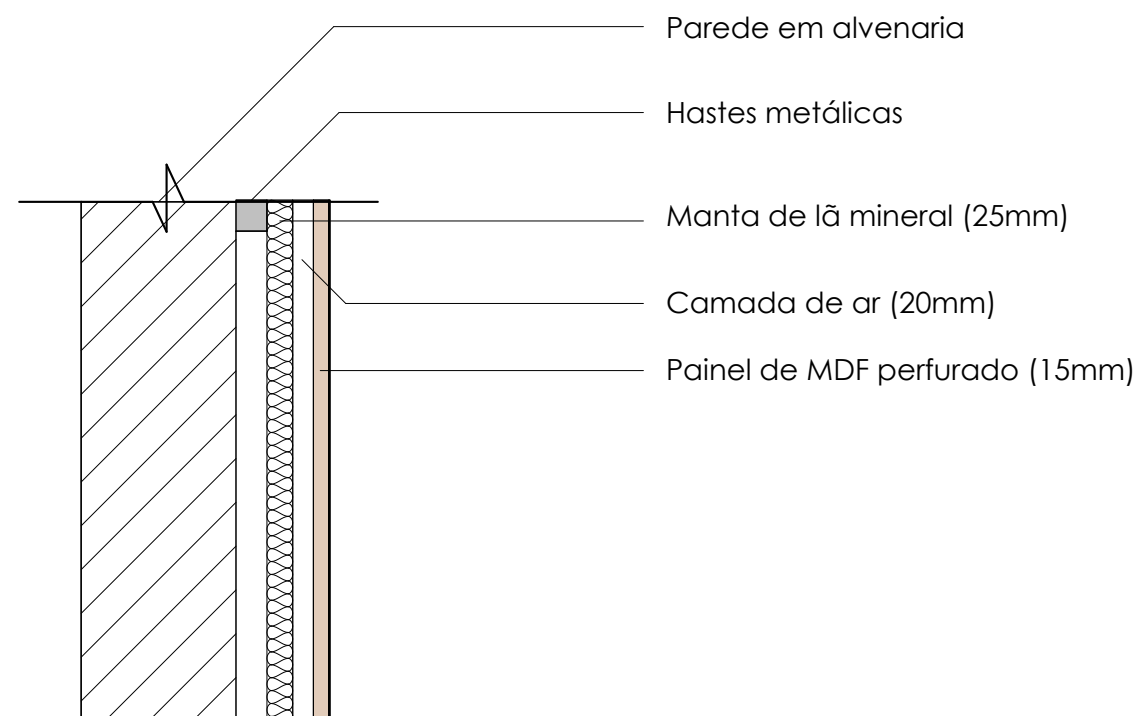


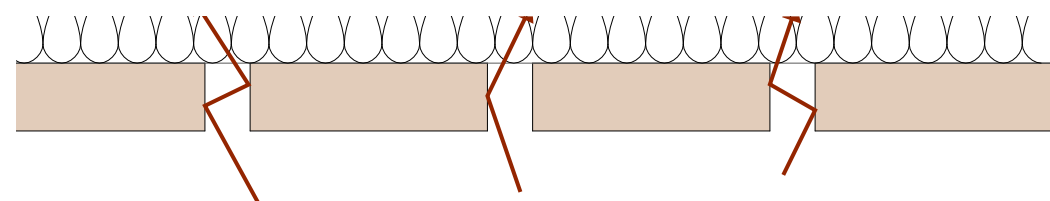
DIAGRAMA ESTRUTURAL DA COBERTURA

A solução estrutural adotada para a Escola de Música busca trazer leveza, precisão construtiva e compatibilidade com as pré-existências do conjunto ferroviário. A estrutura principal é composta predominantemente por elementos metálicos, que garantem maior esbelteza, modulação regular e facilidade de montagem. Nos espaços de maior vão, especificamente na cobertura do teatro, o sistema é reforçado pelo uso de treliças metálicas, que permitem vencer grandes distâncias sem a necessidade de apoios intermediários, assegurando uma maior flexibilidade espacial e qualidade acústica. Para o pátio central e as áreas de circulação externa, a cobertura adotada segue referências do catálogo da Urbidermis, incorporando uma solução industrializada e modular.

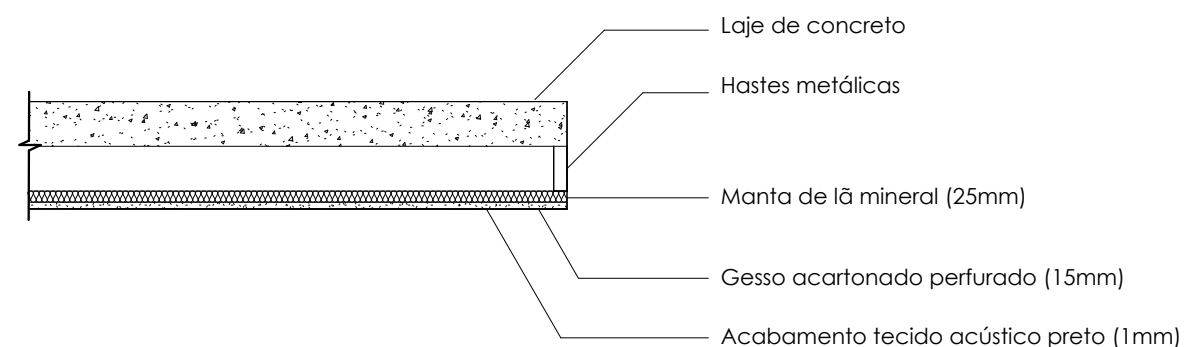
DETALHAMENTO ACÚSTICA DO TEATRO



DETALHAMENTO - PAREDE COM PAINEL DE MDF PERFURADO

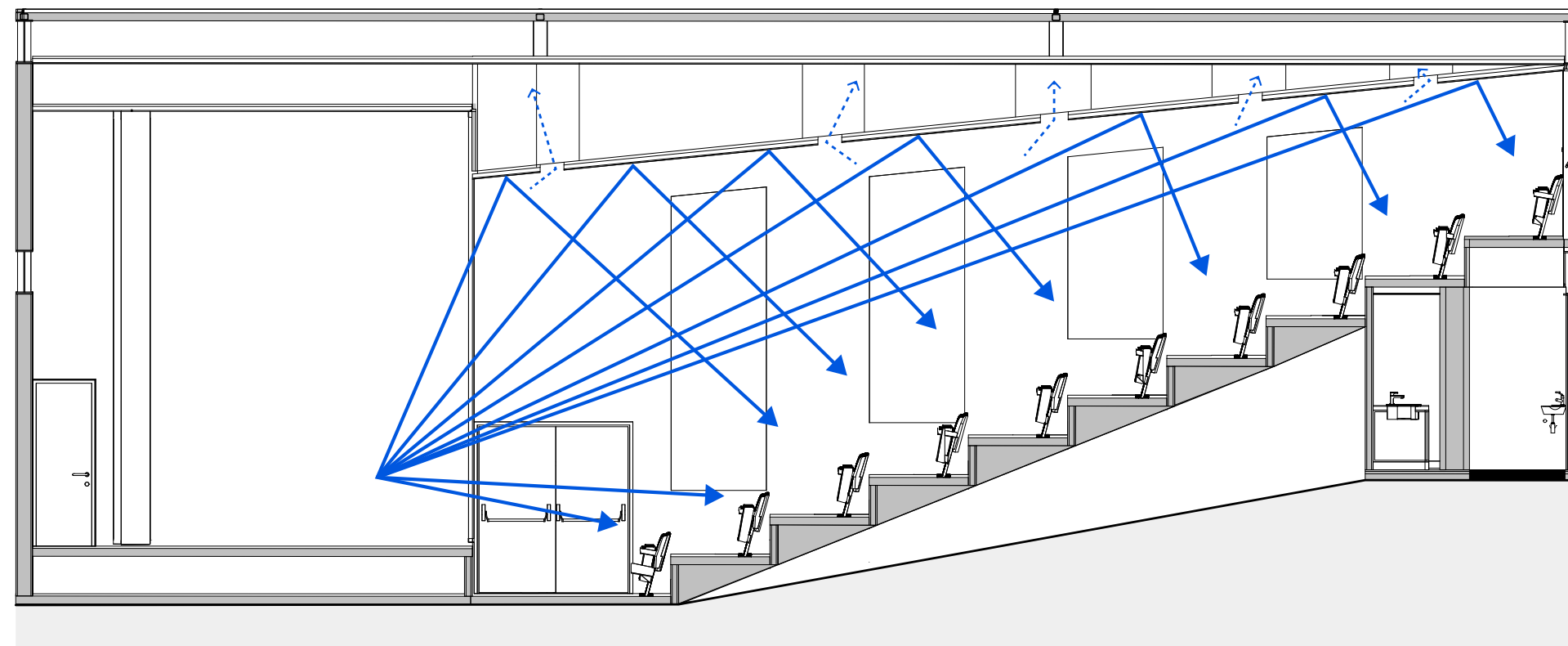


ESQUEMA DE ABSORÇÃO - FORRO DE GESSO ACARTONADO PERFURADO



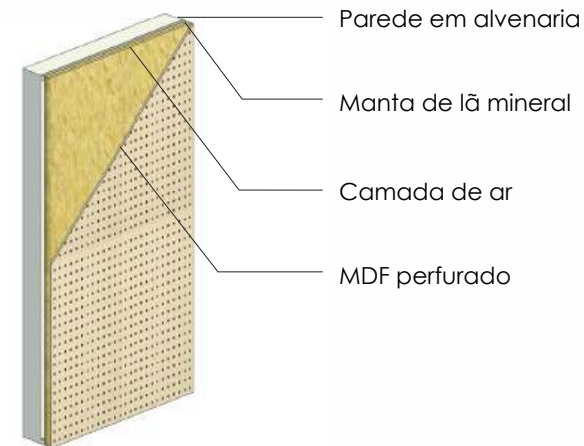
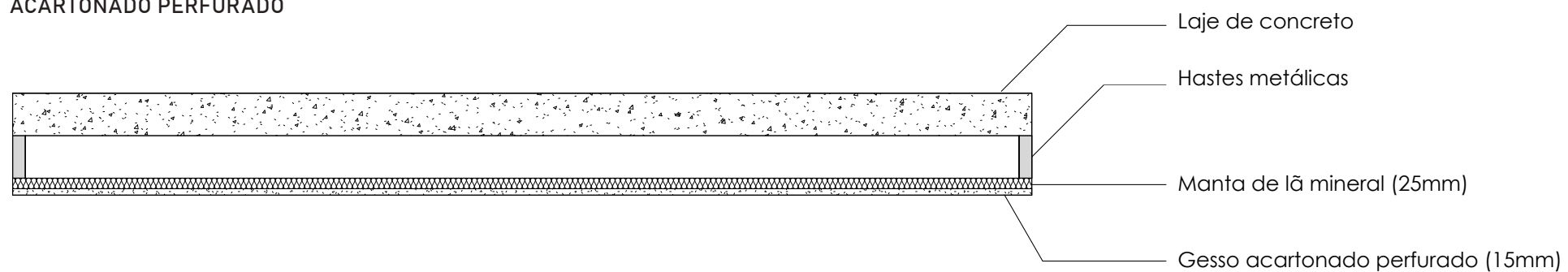
DETALHAMENTO - FORRO DE GESSO ACARTONADO PERFURADO

A solução acústica adotada para o teatro busca equilibrar controle de reverberação, clareza sonora e adequada distribuição da energia acústica em sala. O esquema apresentado no diagrama evidencia esse funcionamento: os painéis refletores de madeira, instalados na região superior da plateia, direcionam as primeiras reflexões de forma controlada, garantindo que o som produzido em cena seja projetado de maneira uniforme para o público. As setas representadas no esquema mostram como essas superfícies rígidas redirecionam o som. Paralelamente ao tratamento reflexivo, o fechamento superior utiliza forro de gesso acartonado perfurado com manta de lã mineral, responsável por absorver parte das frequências médias e altas. Esse sistema reduz a reverberação excessiva e evita ecos indesejados. O diagrama indica esse comportamento ao mostrar como parte das ondas sonoras adentra no forro e é dissipada pelo material absorvente. As laterais do teatro recebem revestimento em painéis de MDF perfurado, também associados a lã mineral. Esse conjunto funciona para uma absorção eficiente, contribuindo para o equilíbrio acústico ao evitar reflexões prolongadas ao longo das paredes longitudinais. No fundo da sala, painéis de PET oferecem absorção adicional, especialmente importante para controlar as ondas que retornam da extremidade oposta ao palco. No piso, o uso de carpete desempenha dupla função: além de conforto e redução de ruído de passos, sua absorção nas altas frequências ajuda a estabilizar o tempo de reverberação. Somados, esses elementos criam, assim, um ambiente acusticamente equilibrado, capaz de reforçar a projeção sonora do palco sem comprometer a clareza e o conforto auditivo da plateia.

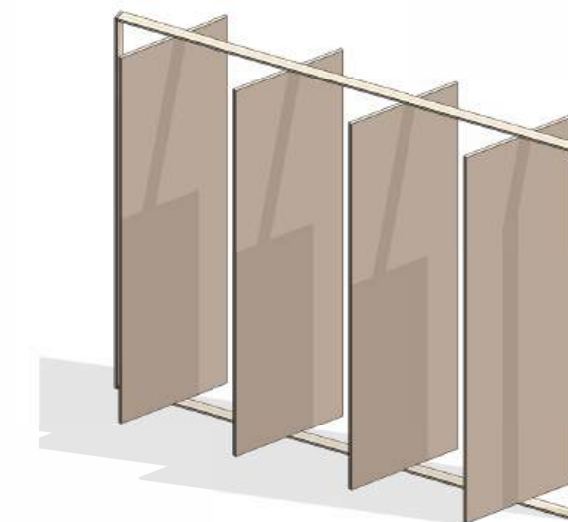


Nas salas de aula, o tratamento acústico busca garantir condições adequadas tanto para estudo individual quanto para atividades coletivas. O forro é também composto por placas de gesso acartonado perfurado com manta de lã mineral, solução que promove absorção principalmente nas frequências médias e altas, fundamental em ambientes de ensino musical. Alguns trechos das paredes recebem painéis de MDF perfurado, também associados a material absorvente, que contribuem para controlar reflexões laterais e evitar acúmulos de energia sonora, tornando o ambiente mais equilibrado mesmo durante atividades simultâneas ou aulas com instrumentos. Além disso, determinadas salas contam com painéis pivotantes de madeira maciça, que permitem abertura parcial ou total conforme a necessidade pedagógica. Esses elementos funcionam como divisórias dinâmicas: quando fechados, auxiliam no isolamento e na concentração sonora; quando abertos, possibilitam integração entre espaços, ensaios conjuntos e maior flexibilidade de uso. A madeira, sendo um material rígido, atua também como superfície reflexiva moderada, contribuindo para manter uma resposta sonora natural no interior das salas.

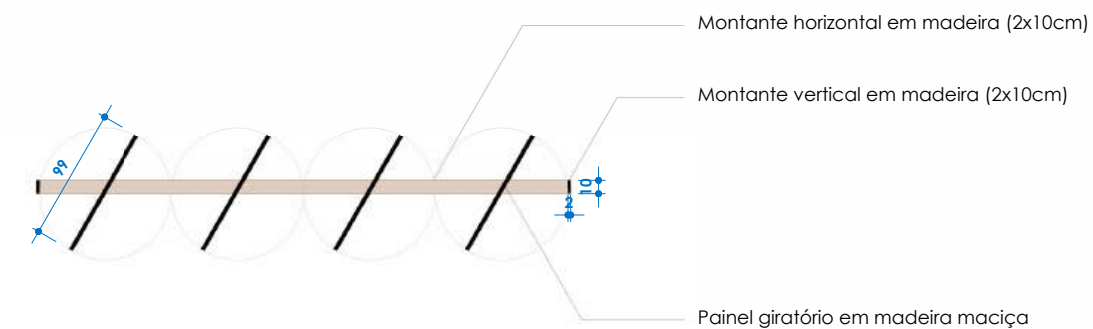
DETALHAMENTO - FORRO DE GESSO ACARTONADO PERFORADO



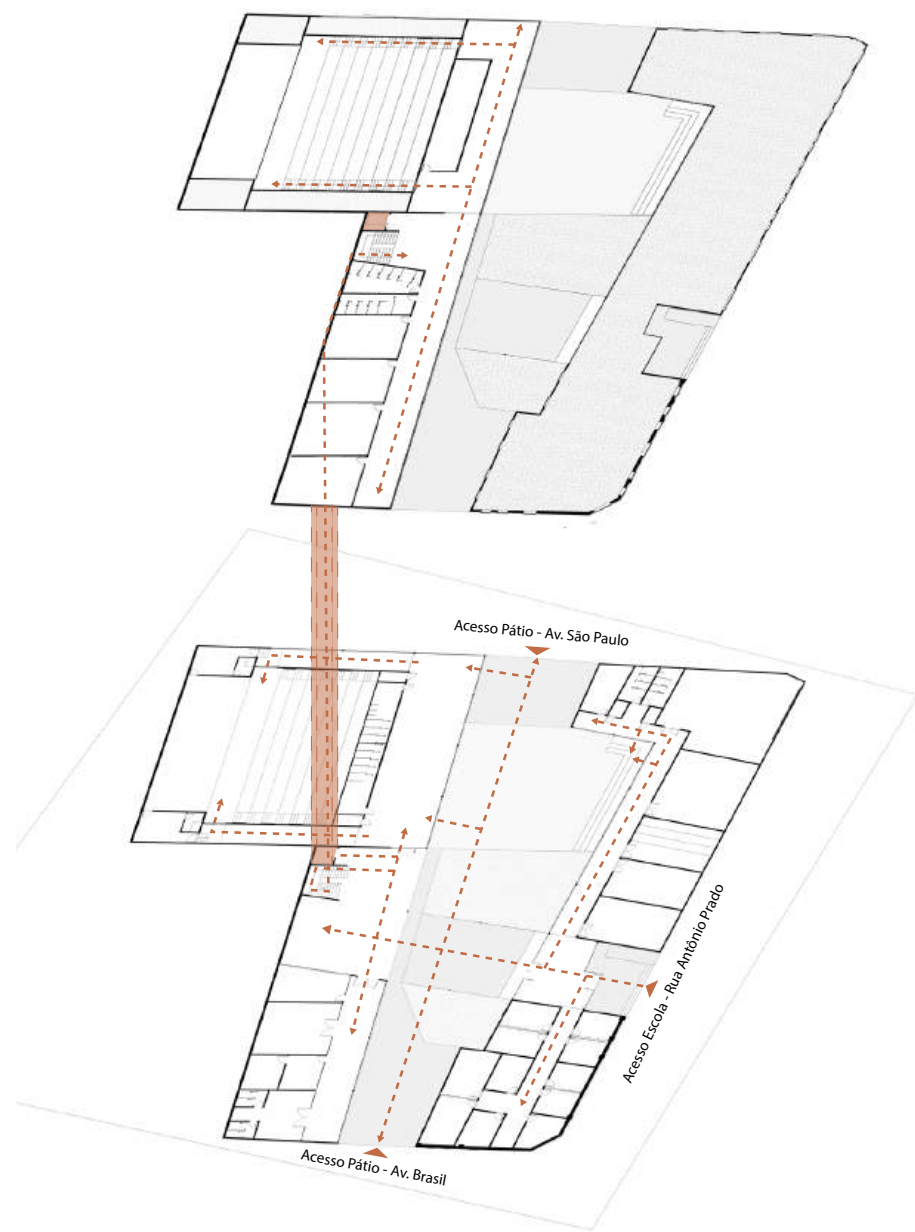
DETALHAMENTO - PLACA DE MDF PERFORADO



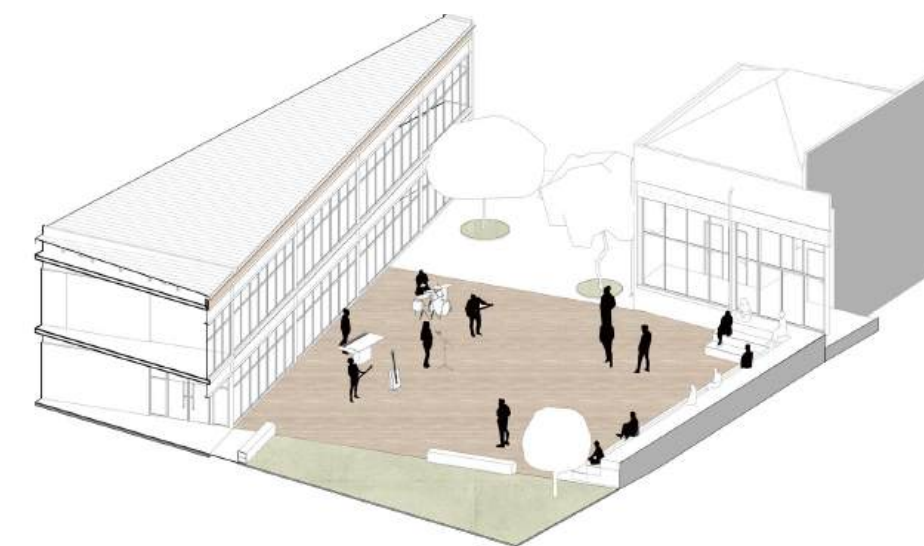
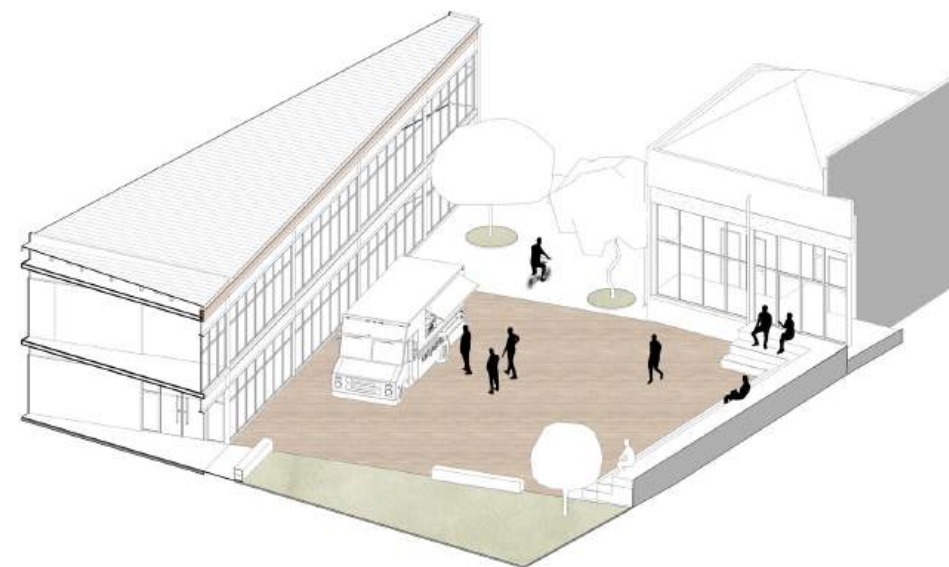
DETALHAMENTO - PAINÉIS PIVOTANTES (ISOMÉTRICA)



DETALHAMENTO - PAINÉIS PIVOTANTES (EM PLANTA)



A organização dos fluxos da Escola de Música parte da criação de um eixo de circulação que costura o conjunto edificado, articulando o prédio existente e a nova construção. Esse percurso atravessa o pátio central e segue sob a cobertura proposta, funcionando como um elemento integrador que orienta deslocamentos e fortalece a convivência entre os diferentes usos da escola. Além disso, o projeto estabelece uma passagem transversal que permite atravessar o quarteirão de um lado ao outro, abrindo o conjunto para a cidade e ampliando a permeabilidade urbana do Largo Ferroviário. No bloco novo, a distribuição dos acessos foi pensada para tornar o teatro um equipamento flexível e democrático. É possível ingressar tanto pelo térreo quanto pelo primeiro pavimento, que se articula com as circulações superiores e oferece uma segunda possibilidade de chegada. Essa dupla acessibilidade facilita o uso independente do teatro, permite entradas em diferentes níveis e reforça a integração do edifício com o restante da escola.



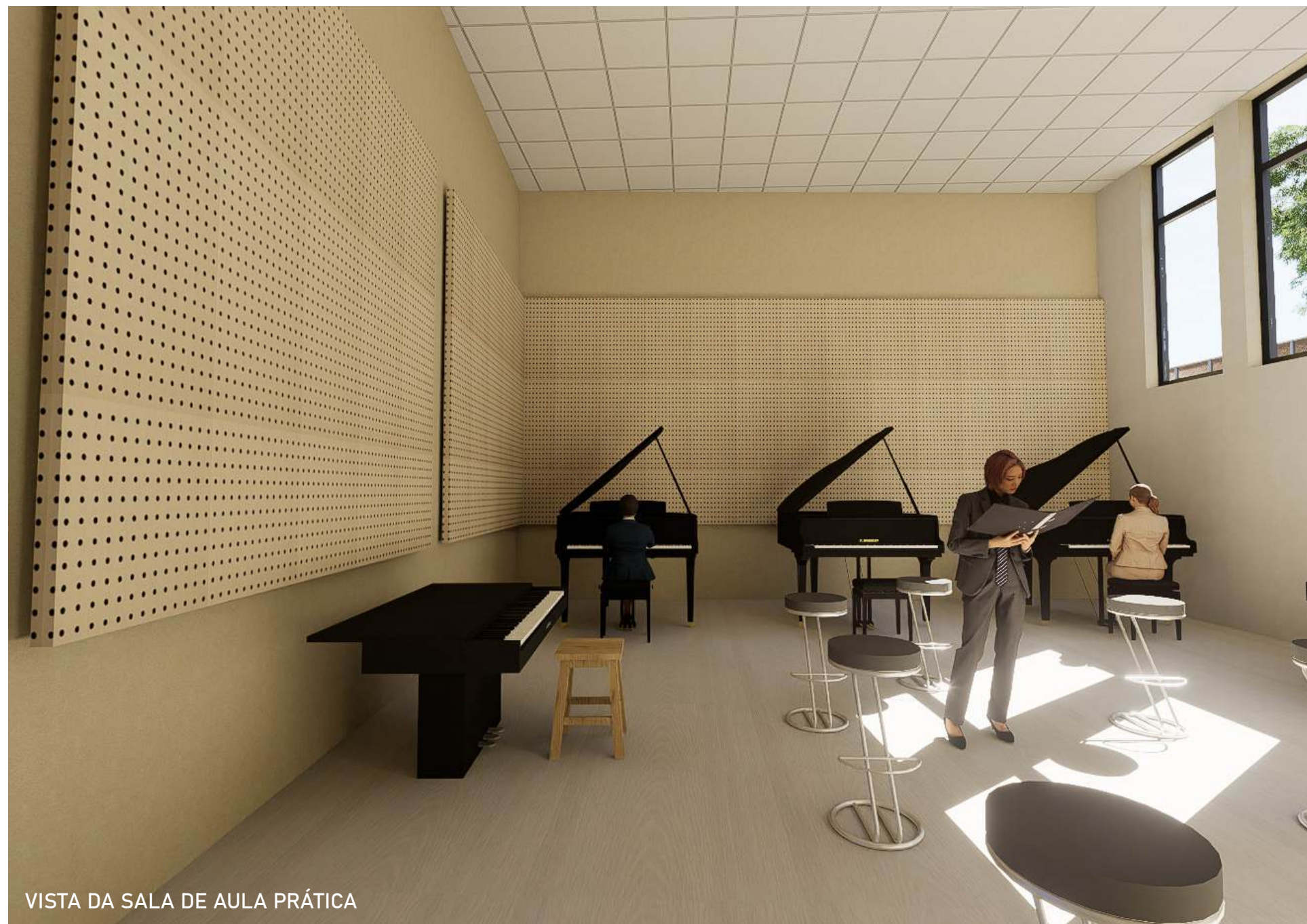
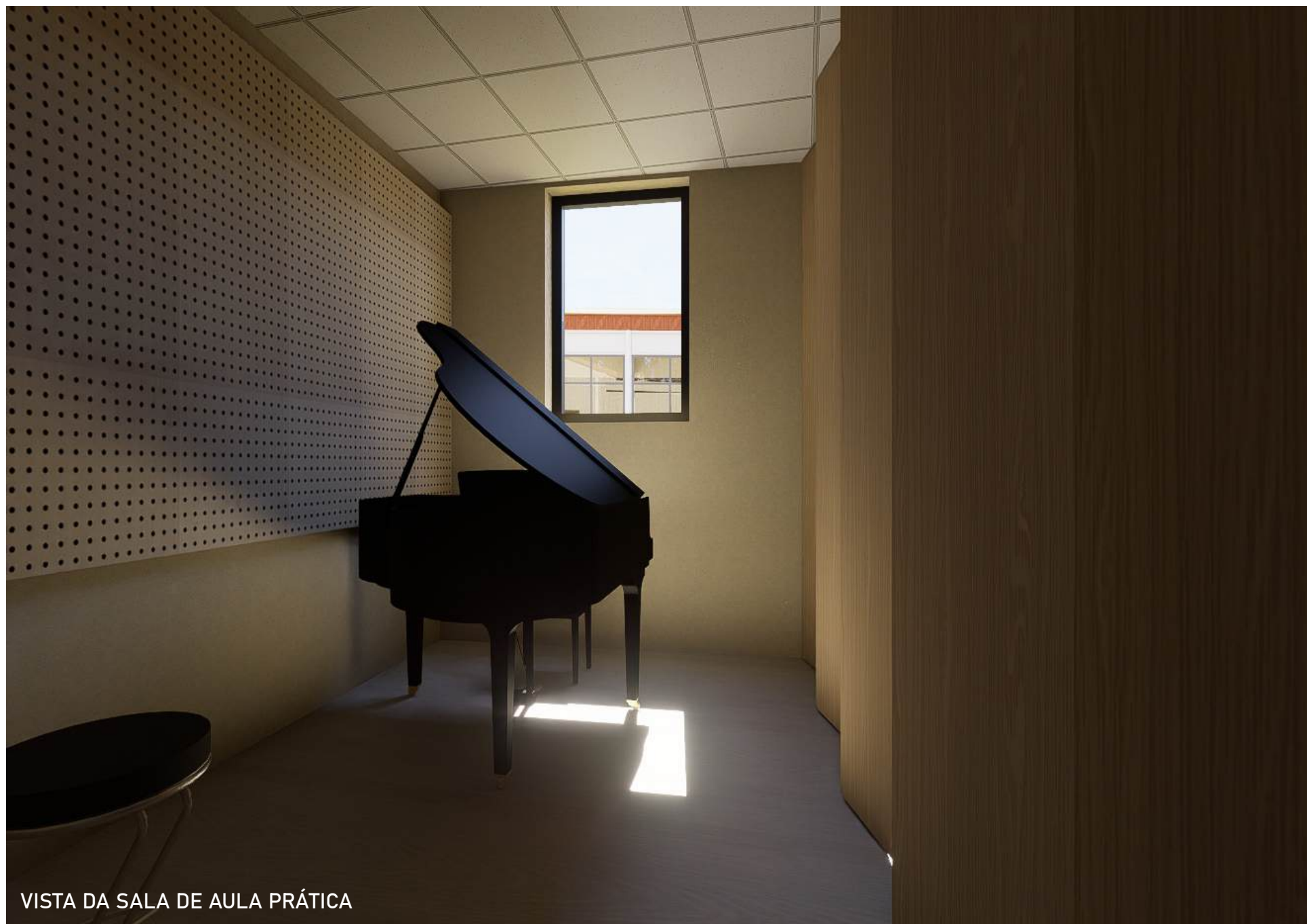
No pátio central, a proposta inclui um deck de madeira que funciona como elemento multifuncional dentro do conjunto da escola. Pensado como uma superfície livre e adaptável, o deck pode receber diferentes tipos de atividades, desde pequenas apresentações musicais e shows ao ar livre até feiras, eventos temporários, ensaios informais ou simplesmente momentos de permanência dos alunos. Sua presença cria um ponto de encontro acessível e convidativo, reforçando o pátio como o principal espaço de convivência do projeto.



VISTA DA RECEPÇÃO



VISTA DAS SALAS DE ESTUDO INDIVIDUAL





102



103



VISTA DO PÁTIO - DECK



VISTA DA CIRCULAÇÃO - SALAS DE AULA TEÓRICA

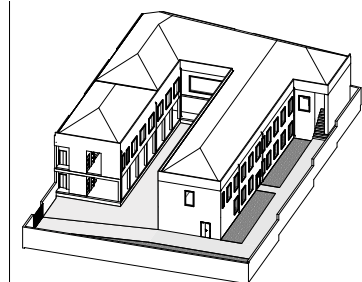


VISTA DA PLATÉIA DO TEATRO

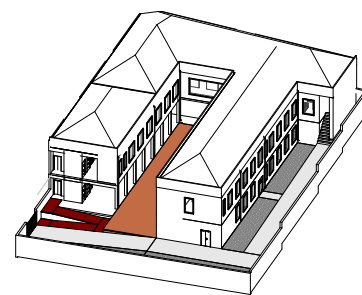


VISTA DO PALCO DO TEATRO

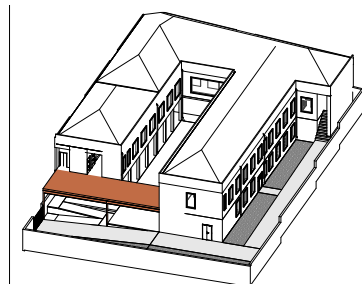
BLOCO 03: O ANTIGO HOTEL SÃO BENTO



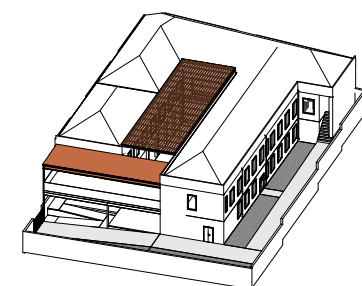
EXISTENTE



DECK/NOVO ACESSO



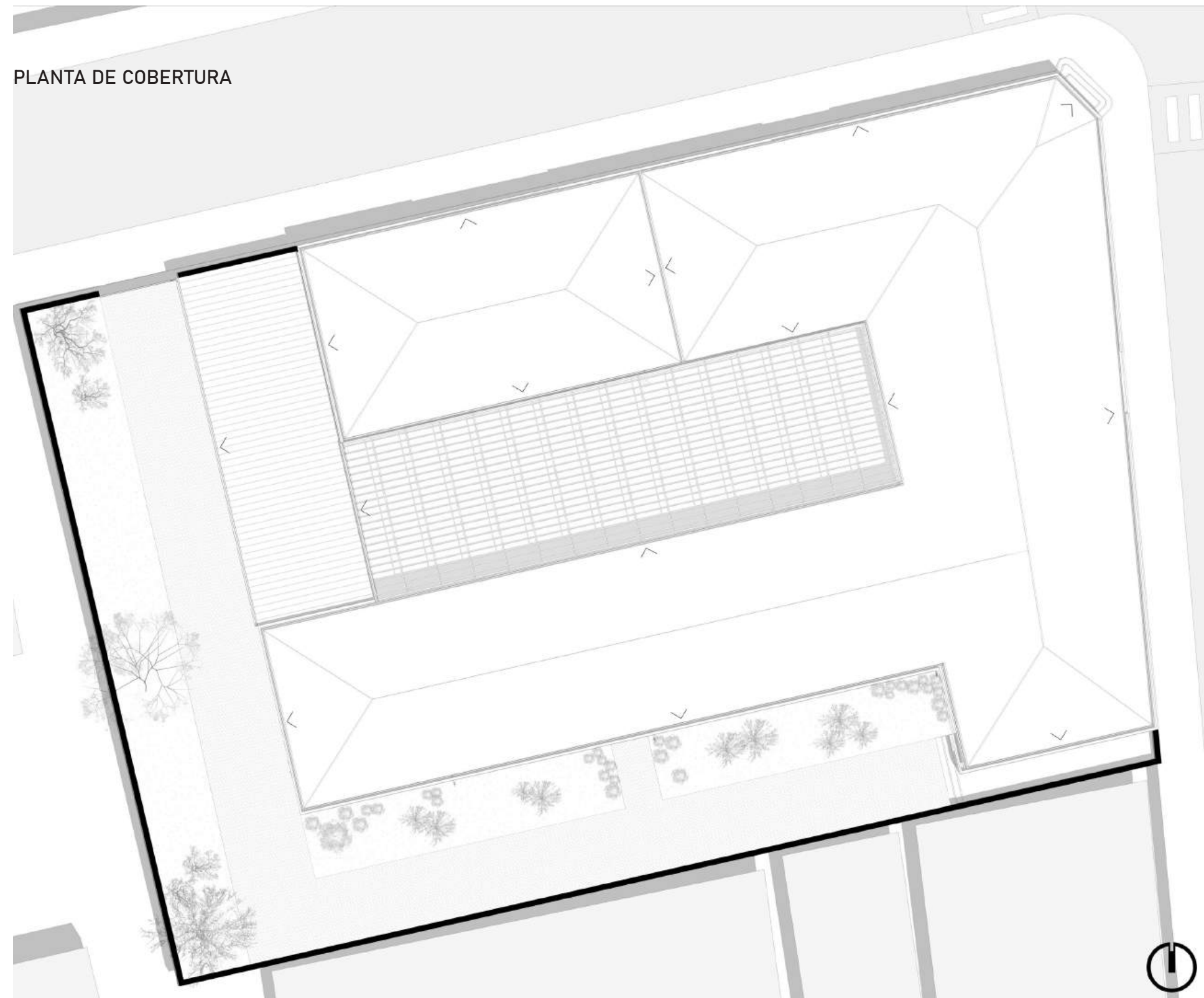
MIRANTE



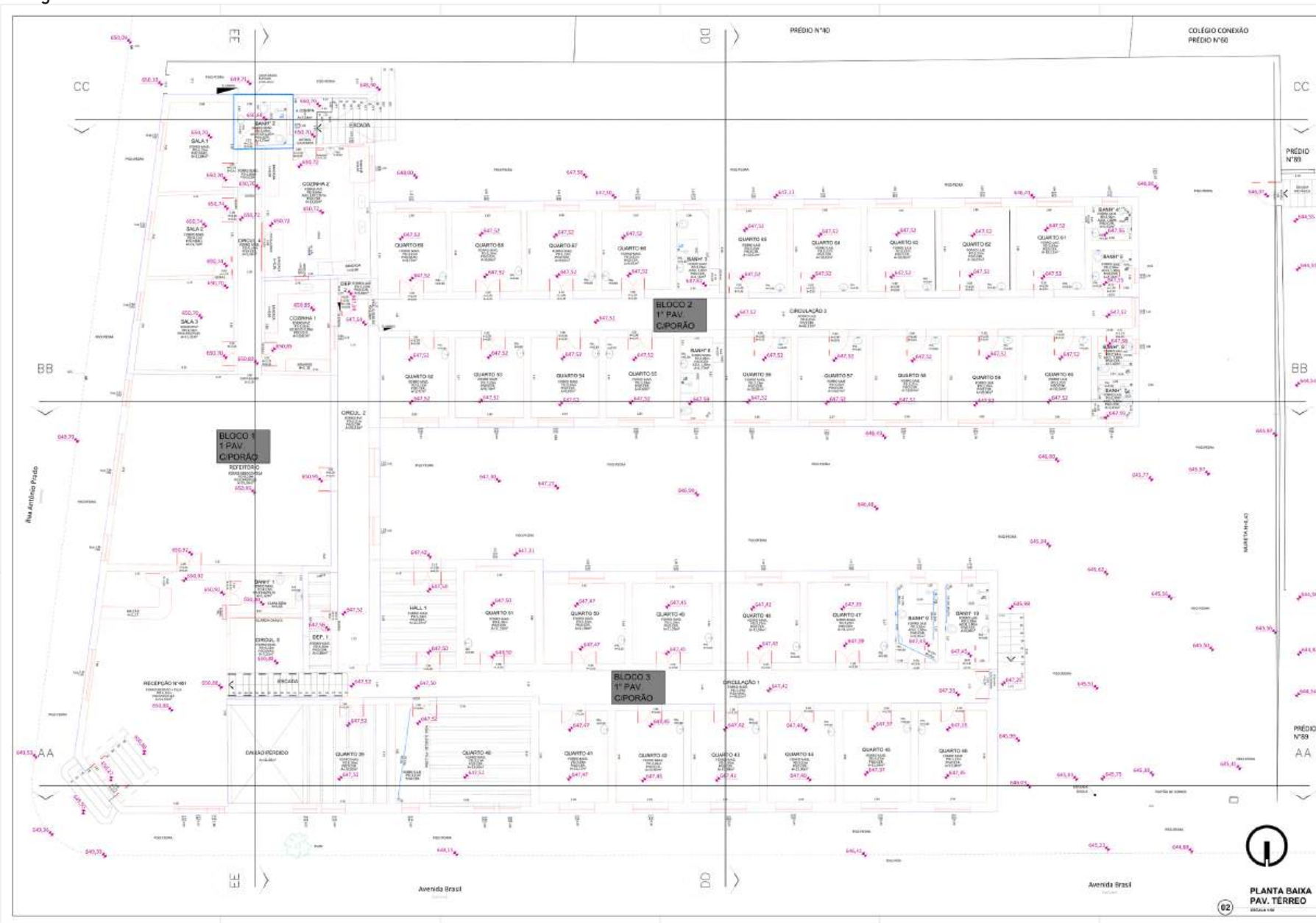
NOVA COBERTURA

No diagrama do Hotel São Bento, a leitura parte da identificação do volume existente e das áreas livres adjacentes, fundamentais para compreender o potencial de transformação do conjunto. A partir desse reconhecimento, o projeto introduz três operações principais: a criação do deck, o mirante e a nova cobertura. O deck configura uma área de convivência que se projeta para o espaço aberto, ativando o térreo e aproximando o edifício da dinâmica do Largo. O mirante surge como um ponto elevado de observação, valorizando a relação visual com o entorno histórico. Já a nova cobertura reorganiza fluxos, protege áreas de uso coletivo e contribui para a integração entre o antigo e o novo. Esses elementos, somados à proposta geral de requalificação do edifício, reforçam, assim, a ideia de reuso, preservando a estrutura original enquanto atualizam seus usos e ampliam sua interação com a paisagem urbana.

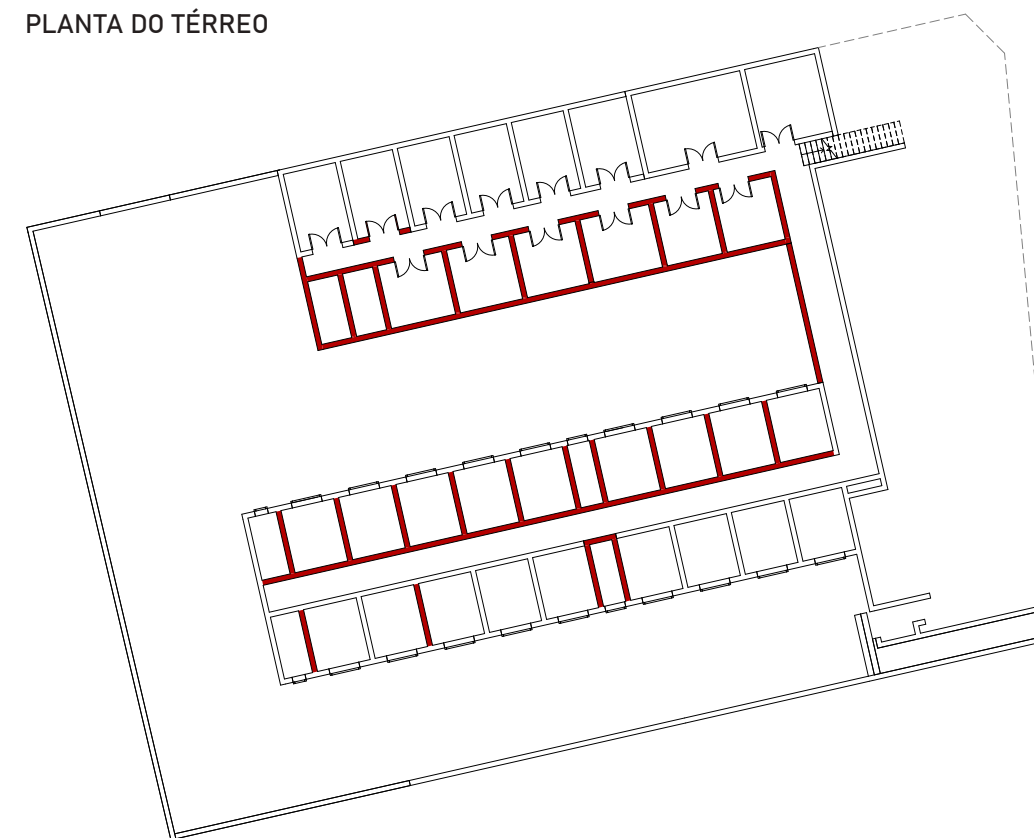
PLANTA DE COBERTURA



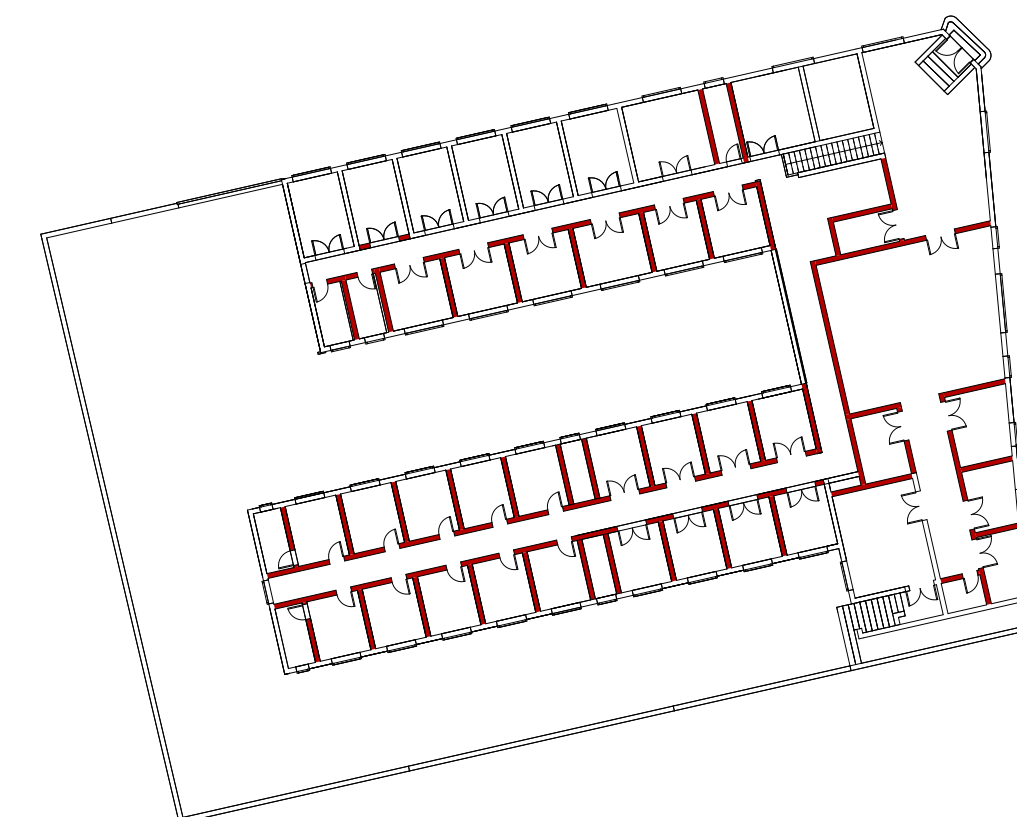
Fonte: Engenheiro Érico



PLANTA DO TÉRREO

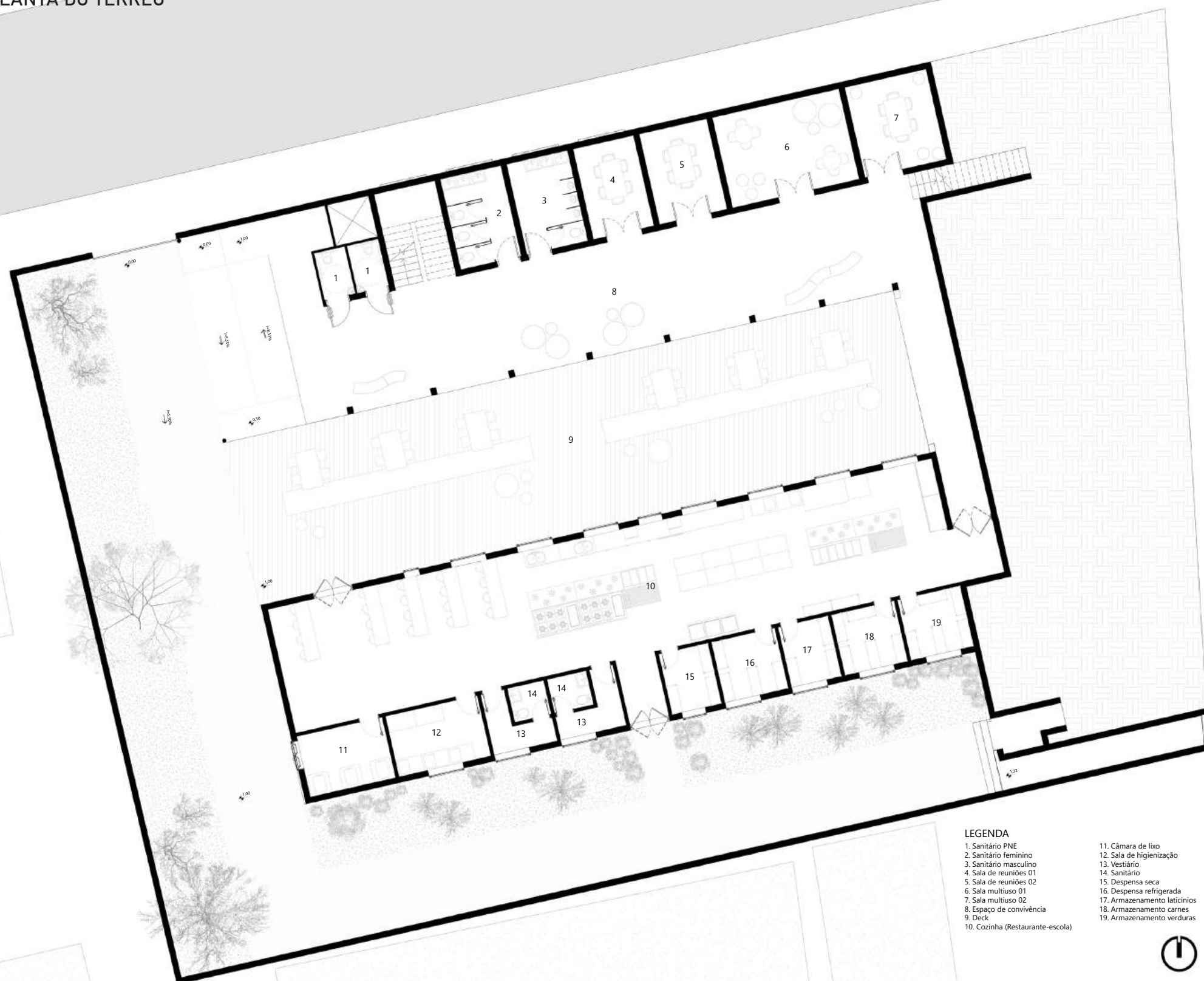


PLANTA DO PRIMEIRO PAVIMENTO



A planta de demolição do antigo Hotel São Bento destaca as remoções necessárias para viabilizar a nova proposta de uso, garantindo melhor circulação, iluminação e integração entre os ambientes. Foram selecionadas para demolição apenas paredes não estruturais, preservando integralmente a configuração portante original do edifício. Essas remoções permitem abrir espaços antes compartimentados, criar conexões mais fluidas com o pátio e liberar áreas para os novos programas previstos no projeto. A planta evidencia de forma clara esse processo, indicando os elementos a serem retirados e orientando a etapa inicial de intervenção no edifício existente.

PLANTA DO TÉRREO

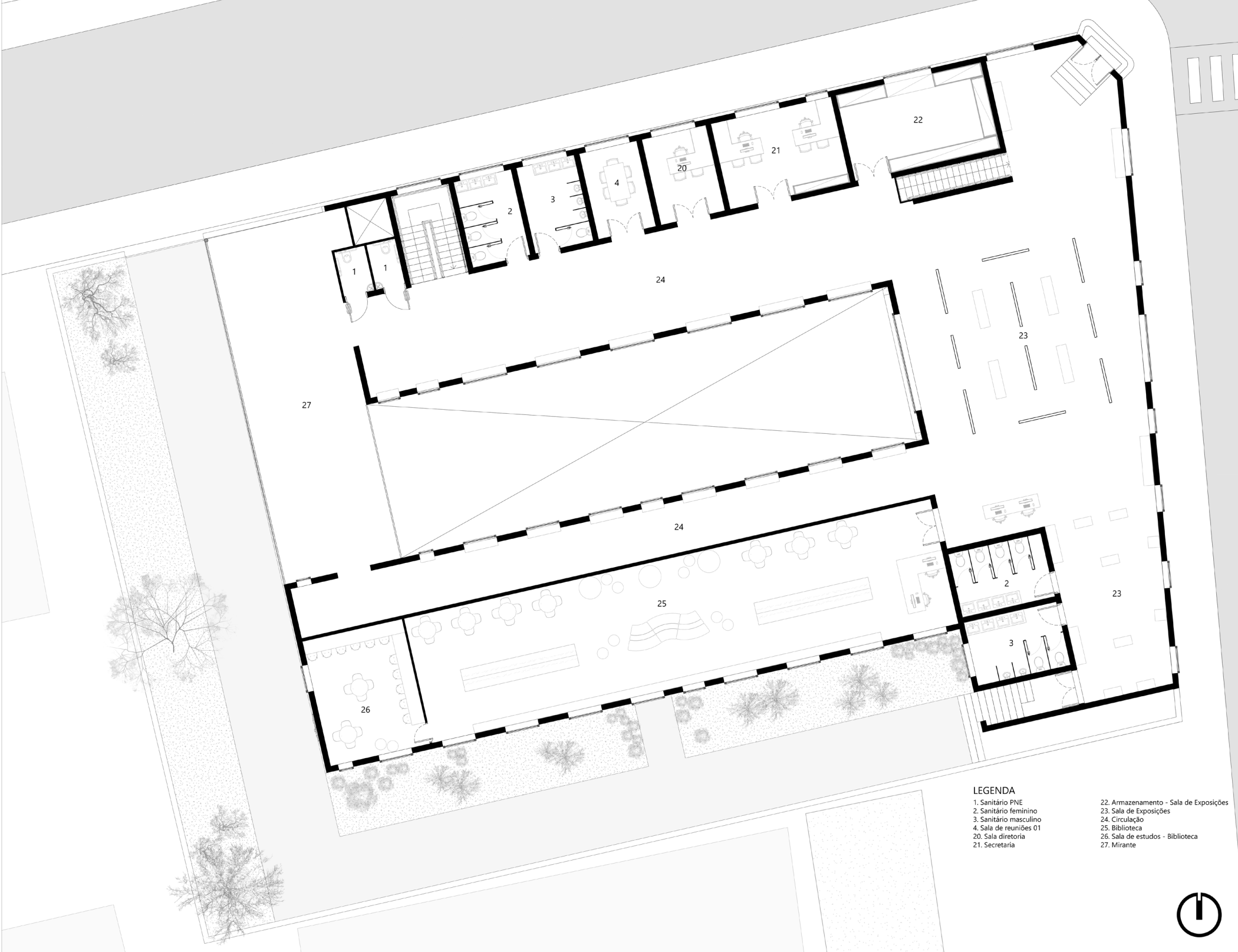


LEGENDA

- | | |
|----------------------------------|------------------------------|
| 1. Sanitário PNE | 11. Câmara de lixo |
| 2. Sanitário feminino | 12. Sala de higienização |
| 3. Sanitário masculino | 13. Vestiário |
| 4. Sala de reuniões 01 | 14. Sanitário |
| 5. Sala de reuniões 02 | 15. Despensa seca |
| 6. Sala multiuso 01 | 16. Despensa refrigerada |
| 7. Sala multiuso 02 | 17. Armazenamento laticínios |
| 8. Espaço de convivência | 18. Armazenamento carnes |
| 9. Deck | 19. Armazenamento verduras |
| 10. Cozinha (Restaurante-escola) | |



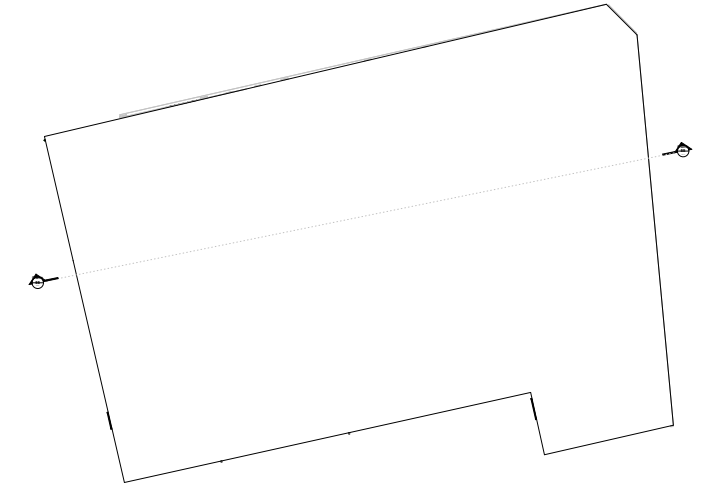
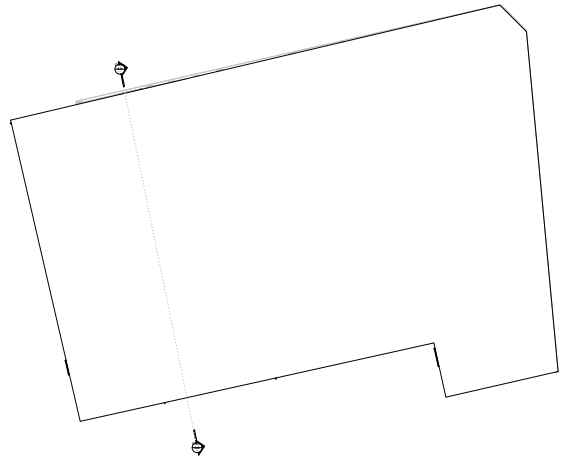
PLANTA DO PRIMEIRO PAVIMENTO



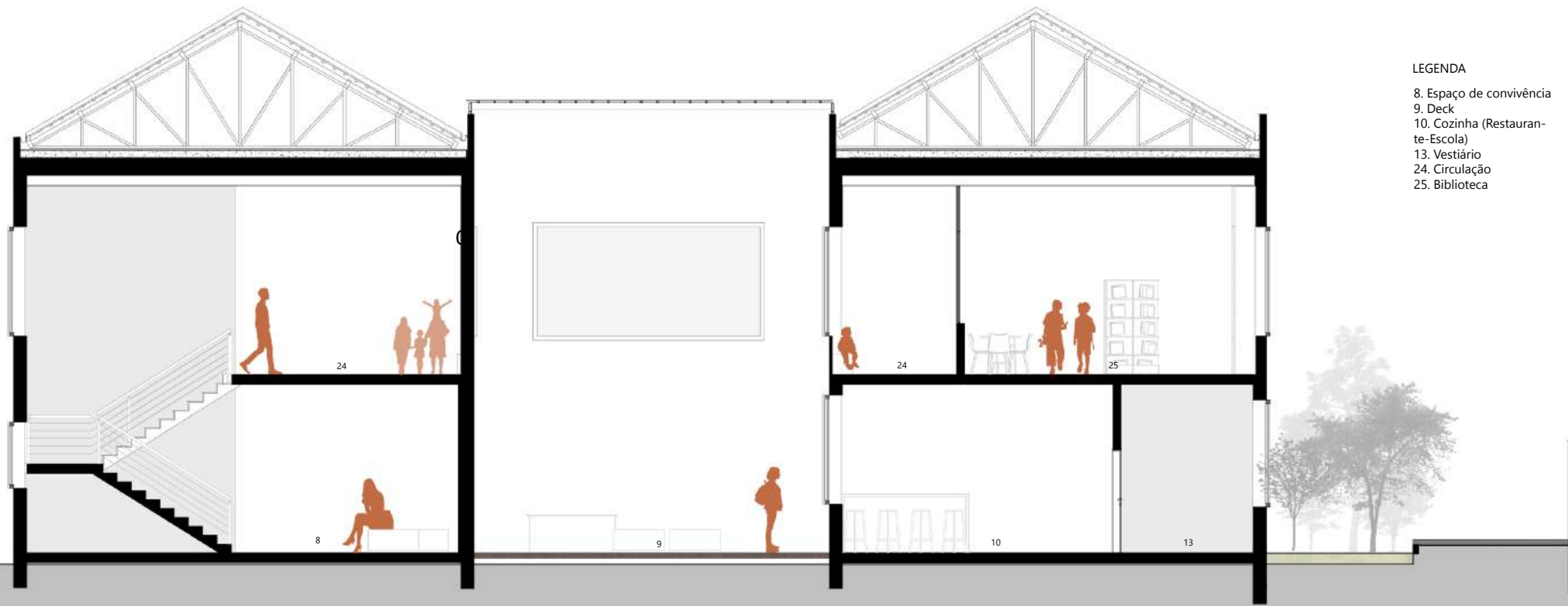
LEGENDA

- | | |
|------------------------|--|
| 1. Sanitário PNE | 22. Armazenamento - Sala de Exposições |
| 2. Sanitário feminino | 23. Sala de Exposições |
| 3. Sanitário masculino | 24. Circulação |
| 4. Sala de reuniões 01 | 25. Biblioteca |
| 20. Sala diretoria | 26. Sala de estudos - Biblioteca |
| 21. Secretaria | 27. Mirante |





CORTE AA



- LEGENDA
- 8. Espaço de convivência
 - 9. Deck
 - 10. Cozinha (Restaurante-Escola)
 - 13. Vestiário
 - 24. Circulação
 - 25. Biblioteca

CORTE BB



- LEGENDA
- 9. Deck
 - 23. Sala de Exposições
 - 27. Mirante

0 1,25 2,5 3,75 5 m

O diagrama estrutural do antigo Hotel São Bento evidencia as intervenções contemporâneas que se somam à pré-existência, destacando especialmente o mirante e a nova cobertura. O mirante é concebido em estrutura metálica leve, com pilares e vigas que se acoplam de forma precisa ao edifício existente, garantindo independência estrutural e mínima interferência na alvenaria histórica. Sua leveza construtiva permite criar um ponto elevado de observação com impacto visual controlado e integração com os fluxos propostos. A cobertura adotada segue o sistema modular do catálogo da Urbidermis, escolhido pela sua eficiência, e capacidade de criar áreas sombreadas sem comprometer a permeabilidade visual. Estruturalmente, ela se apoia em elementos metálicos que dialogam com o mirante, consolidando um conjunto coerente. O diagrama evidencia essa sobreposição entre antigo e novo, mostrando como as adições estruturais ampliam o uso do edifício sem alterar sua lógica portante original.

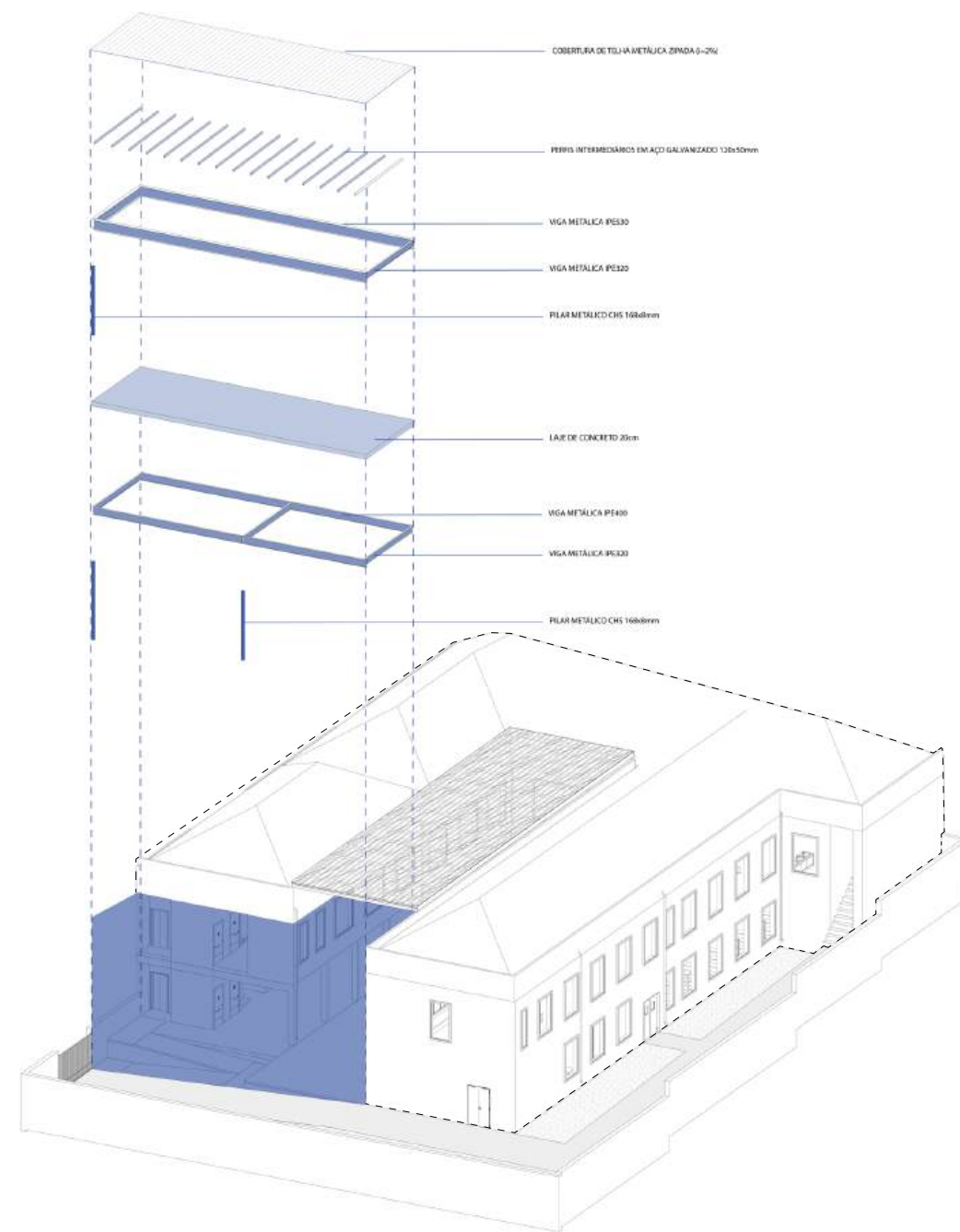


DIAGRAMA ESTRUTURAL DO MIRANTE

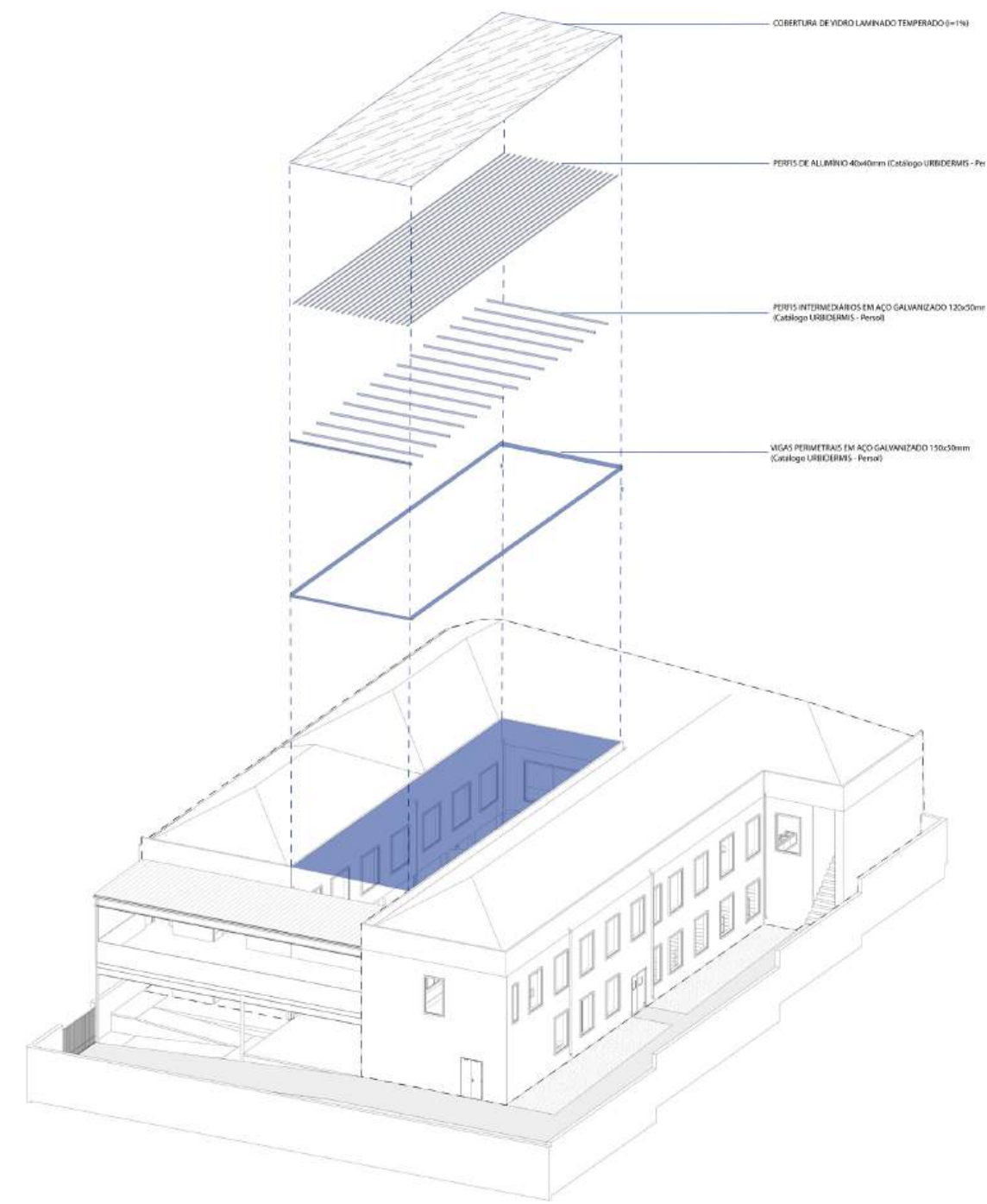
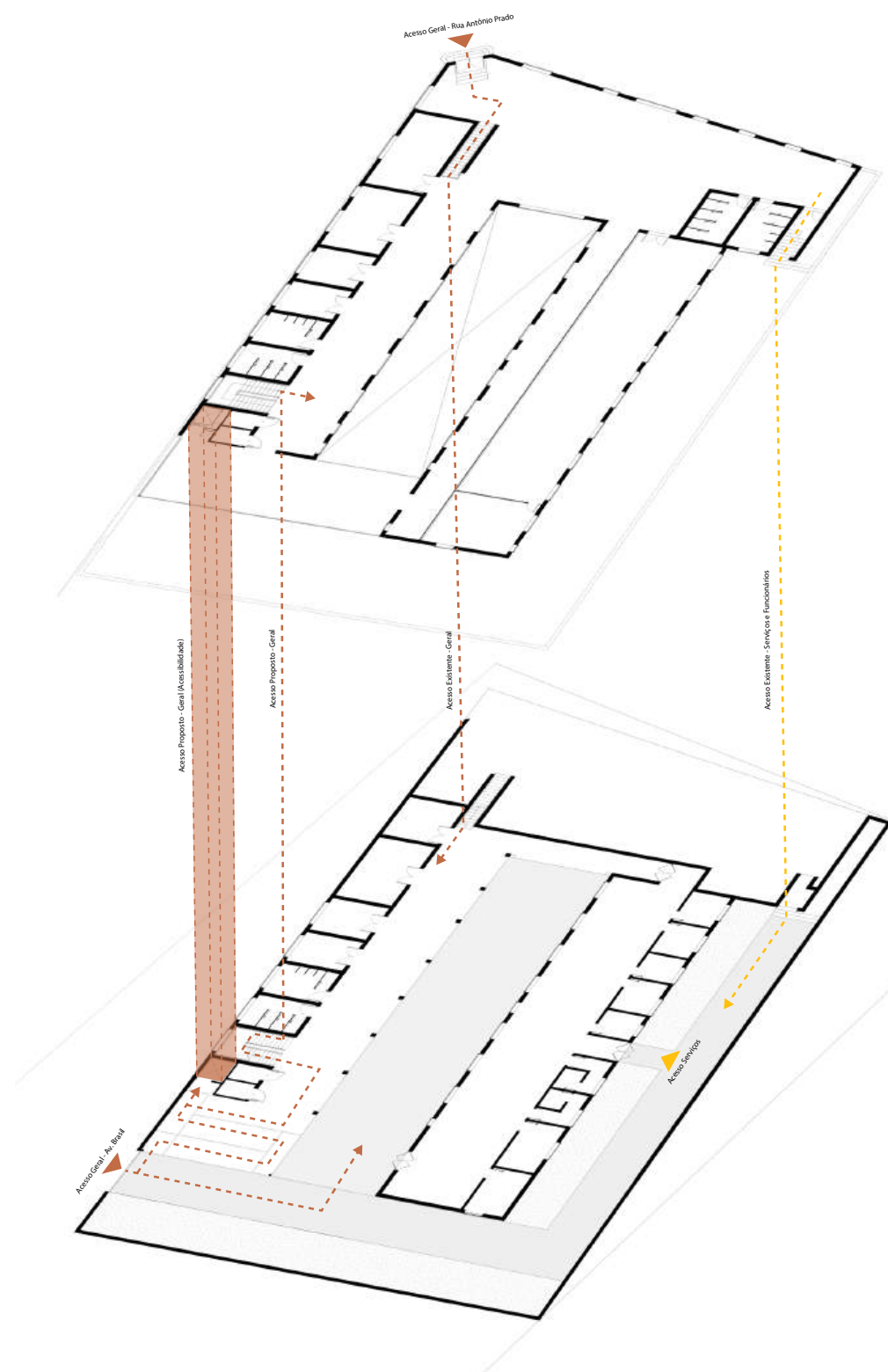


DIAGRAMA ESTRUTURAL DA COBERTURA



O diagrama de fluxos do Hotel São Bento evidencia a reorganização dos acessos a partir das necessidades de uso contemporâneo e da valorização do edifício existente. Mantém-se o acesso principal original, preservando a leitura histórica e garantindo a continuidade da relação do hotel com o Largo. A ele soma-se um novo acesso capaz de garantir a acessibilidade, inserido de forma discreta e integrada ao conjunto, permitindo que o edifício receba todos os públicos com conforto e conformidade normativa. Além disso, um acesso secundário já existente foi requalificado para funcionar como entrada de serviços, organizando melhor apoio operacional e circulação de funcionários. Essa separação entre fluxos públicos e técnicos melhora o desempenho do edifício e evita interferências na rotina dos usuários. O diagrama sintetiza essas estratégias, mostrando como a articulação dos três acessos contribui para um funcionamento mais claro, eficiente e inclusivo do hotel.



120



121



VISTA DA SALA DE EXPOSIÇÕES

122



VISTA DA CIRCULAÇÃO - BIBLIOTECA

123



VISTA DA BIBLIOTECA

124

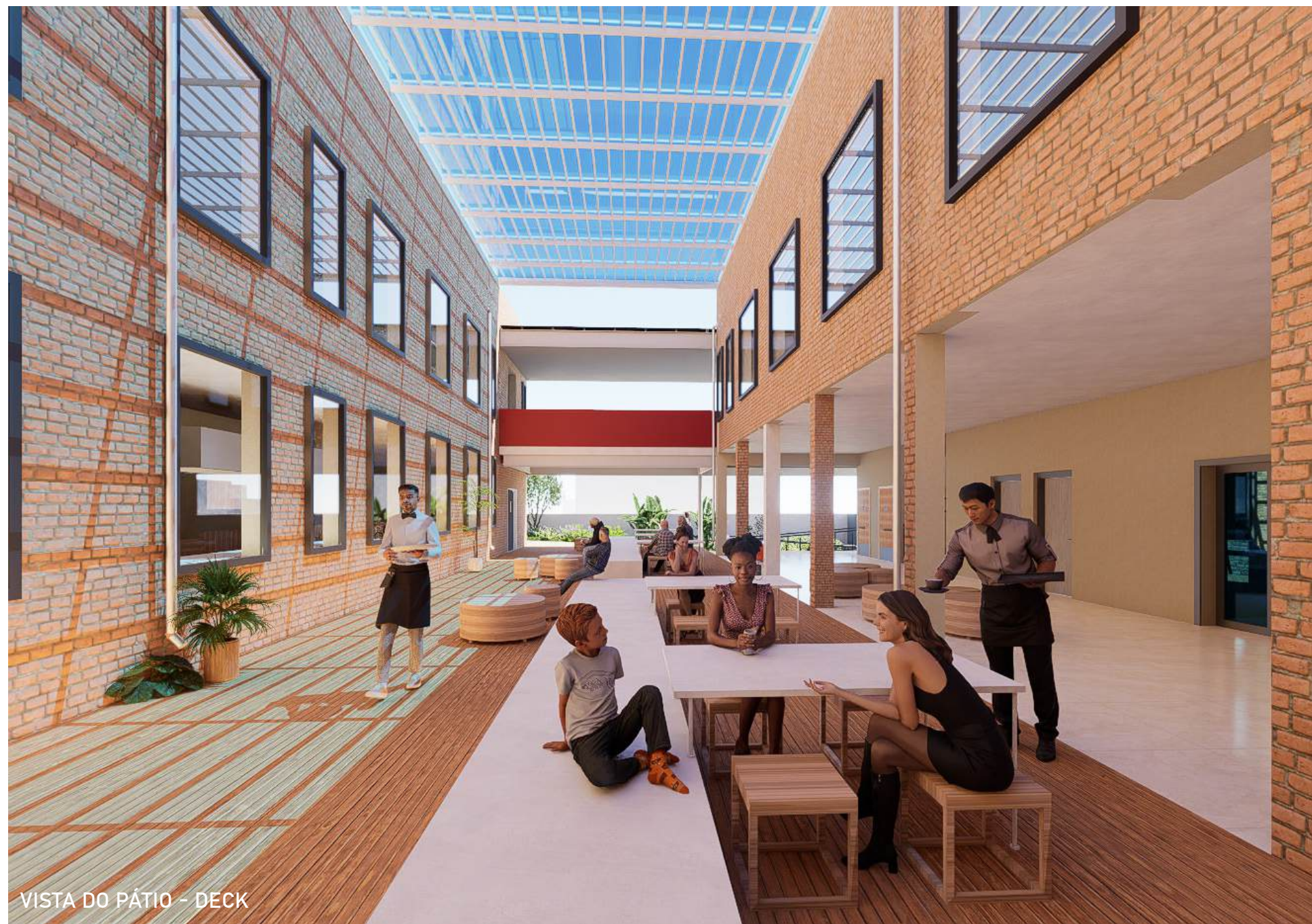


VISTA DO MIRANTE

125



VISTA DO PÁTIO



VISTA DO PÁTIO - DECK



VISTA DO MIRANTE





132



133



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KÜHL, Beatriz Mugayar. Ética na preservação no século XXI. In: KÜHL, Beatriz Mugayar. *Conservando el pasado proyectando el futuro: tendencias en la restauración monumental en el siglo XXI*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2016.

KÜHL, Beatriz Mugayar. História e Ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. *Revista CPC, São Paulo*, v. 1, n. 1, p. 16–40, abr. 2006.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Paul Philippot, o restauro arquitetônico no Brasil e o tempo. *Conversaciones con...*, n. 5, p. 219–234, set. 2018.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. 326 p.

LANZ, Francesca; PENDLEBURY, John. Adaptive reuse: a critical review. *The Journal of Architecture*, v. 27, n. 2–3, p. 441–462, set. 2022

LANZ, Francesca. The building as a palimpsest: heritage, memory and adaptive reuse beyond intervention. *Journal of Cultural Heritage Management and Sustainable Development*, v. 14, n. 1, p. 110–126

GAGLIARDI, Clarissa Maria; DE CARVALHO, Mônica. *Devir da fábrica: patrimônio industrial em disputa na zona leste de São Paulo*. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SESC São Paulo. *Brasil arquitetura*. São Paulo: Sesc

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FÓRUM / STUDIO 804. Fórum / Studio 804. *ArchDaily Brasil*, 21 ago. 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/793676/forum-studio-804>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO / PAULO MENDES DA ROCHA; COLONELLI, Eduardo; RICOY TORRES, Weliton. *Pinacoteca do Estado de São Paulo / Paulo Mendes da Rocha*. *ArchDaily Brasil*, 10 maio 2015. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha?ad_medium=gallery. Acesso em: 20 jun. 2025.

KON, Nelson (fotografia). *Solar do Unhão*. Salvador: 1959-atual. Disponível em: <https://www.nelsonkon.com.br/solar-do-unhao/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BRASIL ARQUITETURA. *Praça das Artes*. *ArchDaily Brasil*, 19 abr. 2013. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura?ad_medium=gallery. Acesso em: 20 jun. 2025.

BRASIL ARQUITETURA. *Museu Rodin Bahia*. *ArchDaily Brasil*, 17 ago. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FALCOSKI, Luiz Antonio N. *Desafios para a refuncionalização urbana: corredores estruturais de urbanidade*. Palestra apresentada ao Departamento de Antropologia, Políticas Públicas e Filosofia, Araraquara, nov. 2016.

ARARAQUARA (SP). Prefeitura Municipal. Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR). *REVITACENTRO: Programa de revitalização das áreas centrais da cidade de Araraquara*. Araraquara: Prefeitura Municipal de Araraquara, s.d.

